

**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA**  
**ESCOLA SUPERIOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Mestrado em Audiovisual e Multimédia

**Retratos de um Bairro.**

A fotografia como forma de comunicação.

Ana Sofia Loureiro Santos

Orientação:

Professor Doutor José Cavaleiro Rodrigues

2015



A todos aqueles que usam a fotografia para comunicar.



## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador, o Professor Doutor José Cavaleiro Rodrigues, por ter acreditado na minha proposta de trabalho, pela disponibilidade e por todas as doudas indicações e referências que constituíram numa mais-valia para o projeto.

Aos moradores do bairro, porque disponibilizaram o seu tempo para recordarem memórias antigas contando histórias e porque se deixaram fotografar para este projeto.

A todas as entidades que colaboraram fornecendo dados preciosos para a realização do mestrado.

À Ana Romão, pelo incentivo, disponibilidade, apoio e por sanar as minhas dúvidas em relação ao mestrado.

Por último, um agradecimento muito especial à família. Aos pais e irmão, pelo acompanhamento, pelo exemplo e pela educação que me proporcionaram.

Ao João, pela paciência, compreensão, por toda a ajuda e por me ter acompanhado nesta aventura que em conjunto aprendemos mais.

## RESUMO

O fotógrafo tenta alcançar um público mais vasto e para tal documenta o quotidiano, dando a ideia de uma prática pura. Assim, a fotografia tornou-se num *medium* privilegiado para documentar os nossos dias, permitindo, precisamente, quebrar os limites físicos e fronteiriços. É o género documental que serve de mote ao projeto que o presente relatório visa. Com este projeto pretende-se estudar e documentar um bairro social usando, para tal, a câmara fotográfica, que é um meio de comunicação privilegiado do nosso tempo e da nossa sociedade. Este projeto foi realizado no Bairro da Boavista, em Lisboa. O projeto contemplou dois momentos. O primeiro momento, deu-se através do contacto com o Bairro da Boavista, de onde nasceram as imagens que fazem parte deste relatório e o segundo momento deu-se com a implementação do projeto através de um inquérito. Este, visa responder ao objetivo principal do estudo do projeto, que é a relação criada entre os indivíduos e as suas perceções. Tentou-se compreender se os indivíduos mantêm ou não a mesma perceção que tinham dos bairros sociais, mais concretamente, do que aqui é estudado, depois da visualização das fotografias.

Palavras-chave: fotografia, bairro social, audiovisual, perceção visual, fotografia documental

## ABSTRACT

The photographer try's to reach a vast audience, so therefore it documents the day to day life giving the idea of pure practice. Thus, the photography has become a privileged *medium* to document our days, allowing to break all boundaries both physical and frontier. It's the documental genre is what serves as a mot to this project and uses this report to achieve it. With this project, the intention is to study and to document a social neighborhood using a camera to achieve that goal, which in our society is a privileged mean of communication at this present times. This project was done at Bairro da Boavista in Lisbon. The project has two moments. The first one is through the direct contact with the neighborhood, and it's from this contact that the images where born and included in this report. The second moment was trough the implementation of a inquiry. This aims to respond to the principal objective of this study, which is the relationship between the individual and its perceptions. The intention was to understand if the individuals maintain or not the same perception that they had from the social neighborhood, more specifically after the visualization of the photos.

Keywords: photography, social neighborhood, audiovisual, visual perception, documental photography

## ÍNDICE

AGRADECIMENTOS .....	v
RESUMO .....	vi
ABSTRACT .....	vii
ÍNDICE DE FIGURAS .....	xii
ÍNDICE DE GRÁFICOS .....	xiii
INTRODUÇÃO .....	1
PARTE 1   ENQUADRAMENTO TEÓRICO DO PROJETO	
1. Fotografia, Comunicação e o Género Documental .....	4
1.1 A Fotografia e o Objeto Fotográfico .....	4
1.2 A Fotografia Documental .....	9
1.3 A Ética e Política do Género Documental .....	15
1.4 A Fotografia Social .....	18
2. Desigualdades e Modos de Vida da Pobreza Urbana .....	21
2.1 Classes Sociais .....	21
2.2 Estratificação Social .....	23
2.3 Modos de Vida .....	25

## PARTE 2 | CARATERIZAÇÃO DO MEIO

1. A Envolvente Urbana .....	29
1.1 Breve Caraterização Demográfica da Cidade de Lisboa .....	29
1.2 Lisboa: a Realidade Urbana .....	31
1.3 Freguesia de Benfica .....	32
2. Bairros Sociais de Lisboa .....	34
2.1 Caraterização e História do Bairro da Boavista .....	35
2.2 Bairro da Boavista: Esboço para um Diagnóstico .....	47

## PARTE 3 | DESENHO E CONCRETIZAÇÃO DO PROJETO

1. O Projeto Fotográfico .....	52
1.1 Objetivos do Projeto .....	52
1.2 As Necessidades de Informação e o Tipo de Pesquisa .....	53
1.3 Pertinência da Investigação .....	54
1.4 Público-Alvo .....	55
1.5 Metodologia .....	56
1.6. Diário de Campo .....	57
1.6.1 Concretização do Cartaz para Divulgação   01-03-2015 .....	57
1.6.2 Pesquisa de Notícias   03-03-2015 .....	57

1.6.3 Primeiro Contacto com a Associação de Moradores   06-03-2015 ..	58
1.6.4 Primeira Visita Exploratória ao Bairro   11-03-2015 .....	58
1.6.5 Segunda Visita Exploratória ao Bairro   16-03-2015 .....	59
1.6.6 Missa Cabo-Verdiana   21-03-2015 .....	60
1.6.7 Pelas Memórias da Moradora mais Antiga do Bairro   23-03-2015	61
1.6.8 Exploração Fotográfica do Bairro   06-04-2015 a 14-06-2015 .....	61
1.6.9 Primeira Avaliação das Imagens   01-07-2015 a 31-07-2015 .....	62
1.6.10 De Volta ao Bairro   02-08-2015 .....	62
1.6.11 Os Transportes do Bairro   08-08-2015 .....	63
1.6.12 A Pista de BMX   09-08-2015 e 13-09-2015 .....	63
1.6.13 Edição e Finalização da Escolha das Imagens   17-09-2015 .....	64
2. Objeto de Análise .....	64
2.1 Seleção de Imagens .....	65

## PARTE 4 | ANÁLISE DE RESULTADOS

1. Dados Recolhidos .....	77
1.1 Apresentação e Discussão dos Dados .....	77
1.1.1 Questionário Prévio à Visualização das Imagens .....	80
1.1.2 Questionário Posterior à Visualização das Imagens .....	83

## PARTE 5 | CONCLUSÃO E DISCUSSÃO

1. Conclusão Reflexiva sobre o Trabalho Realizado .....	88
---	----

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia .....	92
Fontes .....	94
Webgrafia .....	95
Videografia .....	96

ANEXOS .....	97
ANEXO I – Questionário .....	99
ANEXO II – Cartaz .....	103
ANEXO III – Notícias (Gebalis) .....	105
ANEXO IV – Notícias (Público, Correio da Manhã e Diário de Notícias) ...	108
ANEXO V – Conversa com a Moradora mais Antiga do Bairro .....	111

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1   Terreno destinado à construção do bairro, ao fundo vê-se a serra de Sintra, 1939. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa: [s.d.] .....	35
Figura 2   Terreno destinado à construção do bairro, 1939. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa: [s.d.] .....	35
Figura 3   Casas económicas, capela e assistência social, 1940. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa: [s.d.] .....	36
Figura 4   Interior da capela, 1940. Fonte: Arquivo municipal de Lisboa: [s.d.] ..	36
Figura 5   Bairro da Boavista, 1940. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa: [s.d.]	39
Figura 6   Casas económicas, interior duma casa, 1945. Fonte: Arquivo municipal de Lisboa: [s.d.] .....	39
Figura 7   Casas económicas e rua principal, 1940. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa: [s.d.] .....	40
Figura 8   Bairro da Boavista, 1969. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa: [s.d.]	41
Figura 9   Bairro da Boavista, 1969. Fonte: Arquivo municipal de Lisboa: [s.d.]	41
Figura 10   Bairro da Boavista, 1975. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa: [s.d.] .....	42
Figura 11   Bairro da Boavista, 1975. Fonte: Arquivo municipal de Lisboa: [s.d.] .....	42
Figura 12   Demolições, 1996. Fonte: Lusa: [s.d.] .....	45
Figura 13   Bairro da Boavista, 2010. Fonte: Lusa: [s.d.] .....	47
Figura 14   Bairro da Boavista, 2010. Fonte: Lusa: [s.d.] .....	47
Figura 15   1. O Bairro. ....	65
Figura 16   2. ....	65
Figura 17   3. Memórias. ....	66
Figura 18   4. “No conforto pobrezinho do meu lar, há fartura de carinho”. Fonte: Reinaldo Ferreira. ....	66
Figura 19   5. Missa organizada e apadrinhada pela comunidade Cabo-Verdiana do Bairro. ....	67
Figura 20   6. ....	67
Figura 21   7. “Numa casa portuguesa fica bem, A alegria da pobreza”. Fonte: Reinaldo Ferreira. ....	68

Figura 22   8. “Roupa no monte a corar, Vê lá bem tão branca e leve”. Fonte: Raul Portela. ....	68
Figura 23   9. Uma forma de resolver os problemas.....	69
Figura 24   10. ....	69
Figura 25   11. São José. ....	70
Figura 26   12. “Casei-me nesta igreja faria 45 anos, este ano” Dona Ermelinda, moradora. ....	70
Figura 27   13. Padre e Diácono. ....	71
Figura 28   14. Aqui convive-se. ....	71
Figura 29   15. Aqui trabalha-se. ....	72
Figura 30   16. Elisandra, voltou de um campismo promovido pela junta de Freguesia de Benfica. ....	72
Figura 31   17. ....	73
Figura 32   18. ....	73
Figura 33   19. Monsanto. ....	74
Figura 34   20. ....	74
Figura 35   21. ....	75
Figura 36   22. ....	75
Figura 37   23. ....	76

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1   Distribuição das Respostas por Géneros dos Inquiridos .....	77
Gráfico 2   Distribuição das Respostas por Idades dos Inquiridos .....	78
Gráfico 3   Distribuição das Respostas por Formação dos Inquiridos .....	78
Gráfico 4   Distribuição das Respostas por Tipo de Emprego dos Inquiridos .....	79
Gráfico 5   Distribuição das Respostas por Concelho de Residência dos Inquiridos .....	79
Gráfico 6   Respostas à Pergunta: Conhece o Bairro da Boavista? .....	80
Gráfico 7   Respostas à Pergunta: Alguma vez Visitou o Bairro? .....	82



*O que hoje não sabemos, amanhã saberemos.*

Garcia de Orta

*A photograph without structure is like a sentence without grammar—it is  
incomprehensible.*

Stephen Shore



## INTRODUÇÃO

É comum ouvirmos dizer que vivemos num mundo de simulações, onde as gerações culturais estão em constante mudança e a vida, tal como a conhecemos, parece estar em vias de extinção. Fingir ou dissimular deixa intacto o princípio da realidade, a diferença continua a ser apenas disfarçada, isto é, a simulação põe em causa a diferença do «verdadeiro» e do «falso», do «real» e do «imaginário» (Baudrillard, 1991). Procurando alcançar um público mais vasto, os fotógrafos tentam assumir um compromisso com a ‘vida do seu tempo’ e, para tal, documentam-na, dando a ideia de uma prática desinteressada e, por isso, mais pura. Observar os outros e com isso documentar o quotidiano são tarefas que podem ser propostas e vistas como funções legítimas para a comunicação e produzir, assim, de forma eficaz e rápida, informação – que é cada vez mais móvel e responde melhor às exigências do público que, por sua vez, é mais abrangente.

Hoje, os ficheiros digitais ganham um tratamento muito diferente das impressões em papel. As imagens são feitas e guardadas no computador, para raramente lhes ser dado outro uso. Os ficheiros digitais acabam, muitas vezes, por ficar esquecidos ou até perdidos. Estes ficheiros são apenas mostrados a um pequeno grupo de pessoas, que os veem apenas no imediato. Os álbuns digitais (pastas, mais ou menos catalogadas, que servem de recetáculo às imagens) não tomaram o mesmo lugar dos álbuns analógicos – nem enquanto substituto do objeto, nem enquanto objeto de memória – o seu estatuto é, portanto, de outra ordem.

Quando a Kodak dominava o mercado em termos do surgimento de uma nova era na fotografia – a era que potenciou o fotógrafo amador e um conjunto de dispositivos e serviços que iam ao encontro deste novo utilizador da fotografia – já tinha o slogan *You Press the Button, We Do the Rest*. Vemos, portanto, que a ideia de fotografar “sem regras” não é algo novo, já vem dos primórdios da fotografia. O imediatismo que acompanha a fotografia atual (faz-se o registo, ou diversos registos, vê-se, partilha-se, perde-se a autoria, esquece-se, etc), a facilidade de todo o processo, os baixos custos (qualquer dispositivo e equipamento de preço acessível tira fotos sem que se tenha de pensar muito em como o fazer, basta, tal como enunciava o slogan da Kodak, *clicar* o botão) e a produção em massa deste tipo de registos, são características que se podem encontrar hoje em dia.

Os novos *media* e os meios de comunicação permitem-nos, precisamente, quebrar os limites físicos e fronteiriços, e é este o motivo deste projeto de carácter documental. O objeto de estudo do projeto-alvo do relatório que aqui se apresenta está ligado com a relação criada entre os indivíduos e as suas perceções do visível, nomeadamente, através de imagens, numa prática comunicacional de observação e registo documental. Assim, o bairro social a partir das fotografias que o documentam, estabelecem pontes entre dois *mundos* que fazem parte do mesmo complexo dinâmico que é o município de Lisboa. Pretendeu-se estudar e documentar através de fotografias o Bairro da Boavista para o mostrar ao exterior. As fotografias, por vezes com o auxílio de legendas, surgem como um meio de reflexão, de interação e também de comunicação entre o bairro e aqueles que não o conhecem.

A escolha deste bairro surgiu depois de um primeiro contacto feito há uns anos com a realidade do mesmo, com a sua imensa diversidade cultural, e com o espaço físico e a vivência de quem o habita. Este bairro, como tantos outros que povoam a cidade de Lisboa, é um bairro que pertence a esse todo que é a urbe e, ao mesmo tempo, está isolado sobre si próprio, fazendo com que exista ainda uma barreira que separa quem lá vive do entorno urbano e social. Surgiu, assim, a necessidade de o compreender, através do registo fotográfico e do género documental. É este o mote e o ponto de partida do projeto aqui descrito.

O projeto contempla dois momentos principais. O primeiro momento dá-se através do contacto com o bairro social, de onde nascem as imagens que compõem o projeto e fazem parte deste relatório. O segundo momento é a implementação do projeto através de um questionário, que serve para aferir da perceção de quem vê as imagens. Antes dos inquiridos terem acesso às imagens, é pedido que respondam a um questionário e por forma a verificar se a opinião se mantém, aplica-se outro questionário final, e a partir daí procura-se chegar a conclusões, que fazem parte do relatório.

Quanto à organização do relatório, este está dividido em cinco partes principais às quais acresce um capítulo introdutório, um capítulo de referências bibliográficas e uma secção extra, correspondendo aos anexos.

Na primeira parte é feito o enquadramento teórico do projeto, com revisão da literatura de referência, fotográfica e sociológica, respeitante a cada um dos pontos que

subdividem este capítulo. Num primeiro ponto da revisão da literatura, procede-se à análise da fotografia e do objeto fotográfico focando, nomeadamente, as questões do tempo, da máquina enquanto meio para criar imagens, instrumento que condiciona o fotógrafo e o ato fotográfico. Seguidamente, discorre-se sobre a fotografia documental, pretendendo-se demonstrar que as imagens documentais não pertencem a um único género bem como que não podem simular a realidade. Continuado, centra-se a análise nas questões da ética e política do género documental. Para tal, destaca-se a importância que a norte-americana *Farm Security Administration* teve neste domínio no documental, nomeadamente por ser um projeto financiado pelo estado americano. Para concluir, a fotografia social, como transformador de uma sociedade. Passando por alguns dos fotógrafos que mais contribuíram para esta temática, tais como Riis, Hine, Atget e Weegee e em Portugal com Victor Palla e Costa Martins.

O segundo ponto deste capítulo contempla a análise das desigualdades e modos de vida da pobreza urbana, partindo de conceitos mais abrangente, como de classes sociais, a estratificação e concluindo com os modos de vida na sociedade portuguesa.

A segunda parte deste relatório respeita à caracterização do meio. Com uma análise centrada, num primeiro momento na cidade de Lisboa e, posteriormente, na freguesia de Benfica, área onde se situa o Bairro Social, da Boavista. Sucede-se depois uma breve análise sobre os bairros sociais de Lisboa. É feita a caracterização e história do Bairro da Boavista ao longo dos anos. E por fim, é feito um esboço para um diagnóstico.

Na terceira parte é feita a descrição do projeto, considerando os objetivos que o orientam bem como a metodologia adotada. Ainda é considerado um diário de campo e as imagens realizadas.

A quarta parte deste relatório concerne à análise dos resultados. No primeiro ponto são apresentados e analisados os dados recolhidos, que dizem respeito aos dados pessoais. No segundo ponto os dados referentes ao questionário prévio à visualização das imagens e o último ponto com o questionário posterior à visualização das imagens.

No quinto e último ponto é feito um balanço reflexivo do trabalho realizado.

## 1. Fotografia, Comunicação e o Género Documental

O presente capítulo discorre sobre o *medium* fotográfico e o seu potencial como meio de comunicação, particularmente no que respeita à estreita relação que permite estabelecer com o género documental. Assim, parte-se de uma análise mais generalista para uma intenção mais particular. Começa-se por entender a multiplicação das imagens através do tempo e através do real, e a forma como o homem, ao longo do tempo, lidou com estas questões. Seguidamente, e atendendo a metodologia do projeto desenvolvido, a análise centra-se no género documental, parte onde se procura discutir afinal que imagens podem representar o documental e de como ao longo do tempo foram surgindo alguns projetos que ligaram o documental à política. Para concluir o capítulo, destaca-se o papel da fotografia social e de como alguns fotógrafos foram importantes para definir a nossa sociedade através da fotografia.

### 1.1 A Fotografia e o Objeto Fotográfico

A fotografia no século XIX tornou-se num *medium* de eleição na transição do esteticismo para o estatuto e a função social da arte. Hoje é um *medium* polimorfo, disponível, popular e de uso fácil. Tem com a palavra uma relação menos habilitada e menos exigente do que com qualquer outro meio de comunicação.

A multiplicação voraz das imagens no nosso quotidiano e a invasão em massa que preconizam nos mais diversos espaços e momentos do nosso dia-a-dia atestam a importância das mesmas na forma como nos relacionamos com o mundo envolvente e com os outros. A propósito das imagens, Vilém Flusser (1998) sustenta que estas pretendem representar algo, que esse algo se encontra *lá fora, no espaço e no tempo* e, por isso, devem a sua origem à abstração específica que denomina de “imaginação”. Esta é a capacidade de produção e interpretação das imagens, ou seja, “é a capacidade de codificar fenómenos de quatro dimensões em símbolos planos e decodificar as mensagens assim codificadas” (Flusser, 1998: 27). Deste modo, o olhar vai estabelecendo

relações temporais com os elementos da imagem, pois um elemento é visto após o outro. O olhar percorre uma imagem de forma circular e, geralmente, volta para completar elementos já vistos. Assim, é reconstituída a dimensão do tempo, sendo que o ‘antes’ torna-se o ‘depois’ e o ‘depois’ torna-se o ‘antes’. Isto faz com que o olhar debruça sobre a imagem e tenha um tempo que é do eterno retorno. Também Dubois (1992) aborda a questão do tempo, pela distinção do *aqui* e do *lá* que se sobrepõem à do *agora* e do *então*. As fotografias só nos mostram por princípio o passado, esteja este mais próximo ou distante. É nesse sentido que a fotografia é uma representação atrasada, ou seja, não é possível qualquer sincronismo entre o objeto e a imagem. Esta ocorre sempre em diferido do momento que a originou e a que não é possível retornar, a não ser, precisamente, através da imagem. Barthes (2006) também nos diz que ao contrário da pintura, em que se pode simular a realidade sem esta ser vista, na fotografia não se pode negar que algo esteve lá. Assim, existe dupla posição conjunta: a da realidade e a do passado. Ao que isto Barthes (2006) chama de “*Isso-foi*”, ou seja, o que é visto e encontrado no lugar alonga-se entre o infinito e o sujeito.

O revisitar de um determinado momento no tempo e no espaço a partir das imagens, possibilita que estabeleçamos uma nova forma de nos relacionarmos com o mundo. Neste âmbito, a fotografia tem um papel determinante. Flusser (1998) e Barthes (2006) atentam que essas relações são mediadas e que as imagens são, precisamente, instrumentos que servem para *orientar* o indivíduo nessa relação com o mundo. No entanto, embora indissociáveis, a intenção do fotógrafo pode ser completamente diferente da do aparelho<sup>1</sup>. Se o fotógrafo gera imagens, ou seja, símbolos, o aparelho permite produzir um bem de consumo<sup>2</sup>. O fotógrafo gera símbolos, manipula-os e armazena-os, tendo como resultado

---

<sup>1</sup> Relativamente às intenções do fotógrafo, escreve Flusser (1998: 61): “1. Codificar; em forma de imagens, os conceitos que tem na memória; 2. Servir-se do aparelho para tanto; 3. Fazer com que tais imagens sirvam de modelos para outros homens; 4. Fixar tais imagens para sempre.” No que respeita às intenções do aparelho, o autor aponta as seguintes: “1. Codificar os conceitos inscritos no seu programa, em forma de imagens; 2. Servir-se de um fotógrafo, a menos que esteja programado para fotografar automaticamente; 3. Fazer com que tais imagens sirvam de modelos para os homens; 4. Fazer imagens cada vez mais aperfeiçoadas” (Flusser, 1998: 61).

<sup>2</sup> De um modo geral, pode dizer-se que há dois tipos de objetos culturais: os de consumo e os que permitem produzir esses mesmos bens de consumo. Todos os objetos culturais devem conter valores, o que os torna bons, obedecendo a determinadas intenções humanas. Por exemplo, o aparelho fotográfico parece ser um instrumento, sendo que a sua intenção é produzir fotografias. Ao que Flusser (1998: 40) questiona: “as fotografias serão bens de consumo como bananas ou sapatos? O aparelho fotográfico será um instrumento como é o facão produtor de bananas, ou a agulha produtora de sapatos?” O instrumento têm a intenção de tirar os objetos da natureza para aproximá-los do homem. E o homem ao fazê-lo está a modificar a forma desses objetos. O autor diz que a este produzir e informar chama-se «trabalho» e o resultado chama-se «obra».

deste processo livros, quadros, projetos. Em suma, a intenção é eternizar as imagens sobre forma de fotografias acessíveis a outros e para se perpetuarem nos outros. Estes símbolos servem para informar e neste sentido o fotógrafo é um informador<sup>3</sup>. O que se torna numa tarefa difícil, porque não é possível ver a condição cultural, diretamente, através das categorias do aparelho. Isto é, a fotografia não mostra a condição cultural, mas somente as categorias do aparelho, que fazem uma ponte com a condição da tomada de vista. O suposto poder da máquina fotográfica, para ser uma forma não mediada de comunicação, é aplicado a um género que agora é considerado capaz de transcender as estruturas discursivas de qualquer forma particular: impor, ao invés de criar significados, retirando ao espectador ou leitor quaisquer atos de interpretação. A este propósito, atenta Dubois (1992), que uma fotografia não é apenas uma imagem que resulta de uma técnica e de uma ação e que tem como consequência um fazer ou saber-fazer. A fotografia permite conservar o passado e auxiliar a memória, testemunhando o que foi, para uma melhor compreensão da realidade, estando, ainda eventualmente, isenta de pretensões artísticas (Sontag, 1977; Dubois, 1992). Esta é, porém, uma visão elitista e idealista, que tira à fotografia qualquer função social e de qualquer permanência na realidade. A partir daqui, uma fotografia não pode ser artística e documental ao mesmo tempo, visto que uma obra de arte é vista como algo que pode escapar ao real.

Batchen (2004: 14) aborda a questão da memória, questionando-se, “but is photography indeed a good way to remember things?”. Existindo várias formas de relembrar, uma delas é a chamada “memória fotográfica”, o que significa uma recordação exata e auto-consciente de episódios passados. No entanto, o desafio está em tornar o equivalente da dimensão visual da fotografia ao cheiro, ao sabor, ao sentir e a outras sensações.

Atentemos, ainda, à relação da fotografia com o aparelho fotográfico. Segundo Flusser (1998), a fotografia insere-se na categoria de imagens técnicas, uma vez que simula o olhar através do aparelho e dele necessita para ser gerada<sup>4</sup>. Desde a revolução

---

<sup>3</sup> Flusser (1998) distingue duas fases no processo de informação e comunicação. Na primeira, são produzidas informações e, na segunda, as informações são distribuídas para serem guardadas. A este propósito, escreve o autor, “O método da primeira fase é o diálogo, pelo qual informações já guardadas na memória são sintetizadas para resultarem em novas (há também diálogo *interno* que ocorre na memória isolada). O método da segunda fase é o *discurso*, pelo qual informações adquiridas no diálogo são transmitidas a outras memórias, a fim de serem armazenadas.” (Flusser, 1998: 66)

<sup>4</sup> Flusser (1998: 39) aponta para a necessidade de haver um acordo sobre o significado do *aparelho*, visto que não há consenso para este. Diz-nos, “Etimologicamente, a palavra latina *apparatus* deriva dos verbos *adpararee praeparare*. O primeiro indica «a prontidão para algo»: o segundo, «disponibilidade em prol de

industrial que as imagens passaram a ser «técnicas». Flusser (1998) chama-as de *máquinas*, questionando se será então o aparelho fotográfico uma máquina por estas recorrerem a teorias óticas e químicas. O autor afirma que o ato de fotografar apoia-se em determinados critérios de ordem estética, política e epistemológica, produzindo-se, assim, imagens belas, politicamente comprometidas ou que trazem conhecimentos. Estes critérios, diz Flusser, estão programados no aparelho, da seguinte forma:

“Para fotografar, o fotógrafo precisa, antes de mais nada, de conceber a sua intenção estética, política, etc.; porque necessita de saber o que está a fazer ao manipular o lado de *output* do aparelho. A manipulação do aparelho é um gesto *técnico*, isto é, um gesto que articula conceitos. O aparelho obriga o fotógrafo a transcodificar a sua intenção em conceitos, antes de poder transcodificá-la em imagens. Em fotografia, não pode haver ingenuidade. As fotografias são imagens de conceitos, são conceitos transcodificados em cenas” (1998: 51,2).

As possibilidades fotográficas são praticamente infindáveis. Tudo o que pode ser fotografado, será fotografado. Porque as capacidades do aparelho são infinitas ao contrário da imaginação do fotógrafo, é aqui que reside o desafio maior. É possível conceber novas fotografias, porém “novas” é um termo redundante, pois, na verdade, o fotógrafo não procura, necessariamente novas situações, mas procura estabelecer situações fotograficamente inéditas; esta procura é uma justificação para melhorar o aparelho nas suas categorias já pré-definidas. Em suma, o aparelho reage ao homem para que lhe sirva de *feedback* para o seu contínuo aperfeiçoamento. A convergência e a divergência estão igualmente presentes nas intenções do fotógrafo e do aparelho. Como tal, o resultado é fruto de uma colaboração e combate de imagens que se confundem. Isto faz com que a análise de qualquer fotografia implique estas noções de colaboração e de combate e o modo como elas se relacionaram na produção da fotografia. O gesto fotográfico corresponde à última tomada do fotógrafo e, premir o gatilho, é o momento decisivo. Escreve Flusser:

“Na realidade, estas decisões não são senão as últimas de uma série de decisões parciais. Uma decisão quantitativa. No caso do fotógrafo, resulta apenas numa fotografia. Isto explica por que nenhuma fotografia individual pode efectivamente

---

algo». O primeiro verbo implica o «estar à espreita para saltar por cima de algo»; o segundo, o «estar à espera de algo». Esse carácter de animal feroz prestes a lançar-se, implícito na raiz do termo, deve ser mantido ao tratar-se de aparelhos.”

ficar isolada: apenas séries de fotografias podem revelar a intenção do fotógrafo” (1998: 52).

No entanto, estas decisões não são finais. Todas as decisões fazem parte de outras decisões programadas. É, assim, possível resumir as características do gesto de fotografar, que é essencialmente um gesto de caçador no qual o aparelho e o fotógrafo se confundem.

Por outro lado, as fotografias são omnipresentes, pois estão por todo o lado, ora coladas em álbuns, afixadas em muros sobre forma de cartazes, impressas em livros, t-shirt's, produtos utilitários e decorativos, entre outros. O resultado deste gesto fotográfico são imagens que nos cercam, atualmente, mais do que nunca, proliferam em todos os locais. Para este fenómeno em muito contribui a larga existência e utilização de aparelhos fotográficos ou que permitem realizar imagens fotográficas. Flusser afirma que, de certo modo, toda a gente possui um aparelho fotográfico e que fotografa, do mesmo modo que praticamente toda a gente é alfabetizada e cria textos: “Quem sabe escrever, sabe ler; logo, quem sabe fotografar sabe decifrar fotografias” (1998: 73). No entanto, trata-se de um engano, pois quem fotografa pode ser analfabeto a nível fotográfico, e o contrário já não sucede. Assim, é preciso considerar a democratização do ato fotográfico. Benjamin (1992), questiona se o analfabeto do futuro não será aquele que é incapaz de escrever, mas aquele que é incapaz de fotografar. Esta situação passou a verificar-se, de forma bastante evidente, a partir do desenvolvimento exponencial do mercado amador, do desenvolvimento de aparelhos fotográficos de fácil uso, da massificação do aparelho fotográfico, enfim, a partir do momento em que o processo se tornou cada vez mais automático e determinado pelos automatismos mecânicos e, aparentemente, menos por quem os opera. A máquina será cada vez mais pequena e, como tal, estará sempre disponível a registar imagens efémeras, e assim a criar um certo choque que paralisa “o mecanismo de associação do observador” Benjamin (1992: 134).

Outra questão que se coloca é se o fotógrafo analfabeto não será aquele que não consegue ler as suas próprias imagens. A este respeito destaca-se uma frase atribuída ao fotógrafo Ansel Adams, ‘*You don't take a photograph, you make it*’, aludindo a que a simples mecanização ou automatização do processo, isenta de uma ação consciente, resulta no tirar de uma fotografia e não no fazer da mesma. Neste sentido, quem considerar um álbum de um fotógrafo amador, estará a ver a memória de um aparelho, e não a de um homem. Uma viagem, por exemplo, pode ser documentada fotograficamente,

mas tal não regista as vivências, os conhecimentos, os valores, mas sim o que seduziu o fotógrafo a disparar em determinados lugares. Wells acrescenta, “the fact that authorship of the picture lies with the photographer, not with the camera, thereby denying any oversimplified notion that the photograph straightforwardly records that which was in front of the lens” (1997: 17).

Em suma, quem acha que é o possuidor do aparelho é na verdade possuído por ele. Os automatismos que os aparelhos trazem de origem já passaram por intenções humanas anteriormente. Não havendo dúvidas que os aparelhos foram produzidos pelas intenções e interesses dos homens, a autonomia dos aparelhos levou a uma inversão da relação do homem com o aparelho, passando este a dominar sem qualquer exceção o processo fotográfico.

Na vida contemporânea a fotografia desempenha um papel importante, existindo poucas atividades em que esta não seja empregue, de uma maneira ou de outra, tornando-se indispensável para áreas tão distintas como a ciência ou a indústria. Está, como sabemos, na origem dos *mass media*, em meios como o cinema, a televisão, ou mesmo nos jornais e nas revistas, sempre presente influenciando o nosso quotidiano. Faz, sem dúvida, parte desta vida quotidiana, incorporando-se de tal modo na vida social que é recebida em todos os estratos sociais.

Desde modo vai-se formando um mundo fotográfico e impõe-se uma cultura cada vez mais ligada ao universo da imagem, particularmente da imagem fotográfica.

## **1.2 A Fotografia Documental**

As imagens que são classificadas como pertencendo ao género documental tiveram, durante largo tempo, para a maioria das pessoas, a capacidade de transmitir unicamente o real sem qualquer manipulação. Particularmente com a introdução dos computadores, o senso comum integrou com mais facilidade a ideia de que a fotografia não produz evidências da realidade isentas de qualquer tipo de intervenção, isto é, isentas de algum tipo de manipulação. Esta questão não se coloca apenas com a massificação do uso dos processos digitais ou dos sistemas computadorizados. A história mostra-nos como desde os

primórdios da fotografia alguns fotógrafos manipulavam as imagens<sup>5</sup>, sendo esta uma atividade algo comum nos laboratórios, encarada, muitas vezes, não como uma tentativa de manipular a realidade, mas de a *melhorar*.

A fotografia documental, exceto a de arquitetura e paisagem, com a introdução do gelatino-brumeto de prata, muda completamente, devido a facilidade do seu uso, aos filmes maleáveis e aos aparelhos portáteis. Já não requer o embaraçoso tripé, porque o aumento da sensibilidade da película assim o permite, abrindo, por isso, novas possibilidades à fotografia documental no que concerne ao relato da vida quotidiana, até então reservada à escrita. A ideia do documental tem sustentado práticas mais fotográficas sobretudo na década de 30 do século XX.

Com a evolução da produção de imagens por computador e as possibilidades de digitalização e reformulação da imagem fotográfica, tem sido posta em causa a ideia do realismo documental, assim como a própria delimitação do campo do que é, ou não, considerado registo fotográfico documental. Se as fotografias de viagem e cenas de guerra se tornaram um género fotográfico por direito próprio, por vezes é difícil distinguir o que é o documental. Price sustenta que o género documental “has been described as a form, a genre, a tradition, a style, a movement and a practice, it is not useful to try to offer a single definition of the word” (1997: 64).

John Grierson utilizou o termo ‘documentário’ em 1926 para descrever um tipo de cinema (Wells, 1997). A palavra vem introduzir uma nova tendência bastante diferente dos diferentes tipos de fotografia já designados. Alguns fotógrafos do século XIX consideravam o seu trabalho como ‘documentos’, mas muitos foram inocentes ao afirmar que o que faziam era fotografia documental. Se quase toda a fotografia era o que viria a ser descrito como ‘documental’, então, como distinguir este género? Também Wells atenta que historiadores e críticos têm dificuldade em definir este género. A este propósito, o autor escreve,

---

<sup>5</sup> O francês Bayard foi um desses fotógrafos. A 18 de outubro de 1840 realiza uma série com três autorretratos, que viriam a ficar conhecidos como *Le Noyé*. No verso de uma destas imagens, encontramos um texto que está assinado por *HB*. Neste texto é-nos dado conta que as imagens são do falecido Bayard, em que este deixa as imagens para atestar a sua morte. Batchen (1999) diz-nos que Bayard é o assunto e o objeto da fotografia, colocando-se como morto embora ainda se encontre vivo. Logo, a intenção de Bayard não tem como objetivo mostrar o real; é, antes, uma encenação premeditada.

“The terminology is indicative: the Oxford English Dictionary definition of 'documentary' is 'to document or record'. The simultaneous 'it was there' (the photographic event) and 'I was there' (the photographer) effect of the photographic record of people and circumstances contributes to the authority of the photographic image” (Wells, 1997: 24,5).

O género documental não pode ser reconhecido como possuindo um estilo único, método ou conjunto de técnicas. Daí, considerar-se essencial distinguir os componentes fundamentais do documental de outros tipos de fotografia: “certainly the nature of an image itself is not enough to classify a particular photograph as in some essential way 'documentary'; rather we need to look at the contexts, practices, institutional forms, within which the work is set” (Price, 1997: 64). Um das hipóteses será definir o género documental em termos da sua relação com determinados tipos de investigação social. Assim, devemos olhar para o documental como “uma prática com um passado.” (Price, 1997: 64) Este passado, apesar da mudança de tecnologias, práticas e modas, está focado em reivindicar para o género documental uma relação entre a vida real e a noção de verdade e autenticidade.

É necessário olhar para este passado e apresentar alguns elementos teóricos, históricos e culturais que são pertinentes a fim de examinar a história da fotografia documental. Um deles é a afirmação subentendida de que a história documental nos oferece uma imagem desinteressada e verdadeira do mundo. Existe um consenso geral de que o documental “presta contas do mundo com fidelidade.” (Dubois, 1992: 25) À fotografia foi-lhe atribuída uma ideia de credibilidade, dando-lhe um peso grande sobre o real. Esse peso veio do facto do processo mecânico de produção de imagens e da sua consciência. Se na escrita se pode fantasiar sobre algo, assume-se que na fotografia, pelo menos aos olhos do humano e do senso comum, não se pode mentir. Barthes diz-nos que a linguagem não pode autenticar-se a si própria, enquanto a fotografia autentifica-se a si mesma. Este autor diz-nos que “a fotografia só é laboriosa quando trapaceia” (Barthes, 2006: 129). Embora na fotografia se possa mentir, quanto à sua existência está não pode ser negada. Na fotografia esta implícita a necessidade do ver para crer, e assim ficará satisfeita quem vê. A fotografia tem como função servir de prova, tornando-se necessária e suficiente, para atestar a existência daquilo que mostra. Sendo que poucas pessoas se dão conta de que se pode alterar completamente o seu sentido pela legenda que a acompanha ou pela junção com outra imagem. No entanto, Batchen (2004) diz-nos que a

adição do texto foi uma estratégia comum e que era usada por aqueles que queriam aumentar o memorial da imagem, isto é, com a inscrição de assinaturas à mão, por exemplo, era uma maneira de comprovar a identidade e que se esteve lá.

Price (1997) afirma que é preciso destacar a capacidade inesgotável da fotografia para nos fornecer imagens do mundo, as mesmas a que somos convidados a aceitar como sendo fiéis à aparência real das coisas. De tal forma que o autor analisa a capacidade putativa do meio para nos fornecer a transcrição fiel da realidade, algo que se pensava ser garantido pela própria tecnologia. Mais tarde, essa visão ingénuo foi desmentida e a relação da fotografia com a realidade foi problematizada e contestada. O que aconteceu foi a rejeição, “notion that acts of looking and recording can ever be neutral, disinterested or innocent, but has seen them as containing and expressing relations of power and control” (Price, 1997: 58). Rapidamente descobriu-se que ninguém “leva” a mesma imagem da mesma coisa. Segundo Sontag, a fotografia não reproduz simplesmente o real, sob a forma de imagens fotográficas, “things and events are put to new uses, assigned new meanings, which go beyond the distinctions between the beautiful and the ugly, the true and the false, the useful and the useless, good taste and bad” (1977: 136). A suposição de que a máquina fornece uma imagem impessoal e objetiva rendeu-se ao facto de que as fotografias são a prova não só do que lá está, mas também do que um indivíduo vê, não só o registo mas uma avaliação particular de todo um mundo. Freund (2010) diz que a própria objetiva usada pelo fotógrafo poderá ter muito pouco de objetivo. A objetiva da máquina, aparentemente inócua, é na verdade um “olho” que permite deformar a realidade, o modo de ver e a decisão circunscrevem o registo final. Por outro lado, o valor da fotografia não pode ser apenas medido a partir um ponto de vista estético, mas sim pela veemência humana e social do representado. A fotografia não é apenas um meio para se descobrir a realidade, uma vez que “a natureza vista pela câmara, é diferente da natureza vista pelo olho humano” (Freund, 2010: 188).

A pergunta que se deve colocar quanto à autenticidade neste tipo de fotografia que pretende ser a realidade, é: o que está à frente da lente para ser fotografado foi adulterado, criado ou alterado pelo fotógrafo?

No início da sua história, a fotografia foi dada a conhecer à mistura com muitos casos de fraude. É o caso do fotógrafo francês Eugène Appert. O livro que publicou em 1871, “Les Crimes de la Commune”, é composto, na sua maior parte, por montagens e retoques

grosseiros. Mas foi convincente o suficiente para um público que estava confiante que a máquina não podia mentir.

Quando se tomou a consciência de que a fotografia não era um transcritor automático do mundo, outras questões sobre a natureza da autenticidade começaram a ser levantadas. Entre elas, “the notion that we need to trust, not the mechanical properties of the camera, but the personal integrity of the photographer” (Price, 1997: 66). Pode dizer-se que a realidade revelada pela máquina fotográfica pode ser considerada como um produto da personalidade, da sensibilidade ou da criatividade do fotógrafo. Logo, a sensibilidade do fotógrafo pode funcionar como garantia da imagem e, nesse sentido, atuar a favor do espectador. “It is, of course, a major step to argue that authenticity is not certified by the medium itself, but is only validated through the personal qualities and professional practices of the photographer” (Price, 1997: 66).

São vários os autores (Sontag, 1977; Benjamim, 1992; Dubois, 1992; Barthes, 2006) que abordaram os aspetos da veracidade da fotografia, como sendo uma imitação mais perfeita da realidade, do que aquela que resulta de outros media. Segundo este ponto de vista, a caixa escura (máquina fotográfica), fixa a imagem sem que o fotógrafo tenha algo a ver com isso; o fotógrafo apenas assiste à cena, não passando portanto de um mero assistente da máquina, afirma Dubois (1992).

Uma razão porque a veracidade da máquina foi prontamente aceite no século XIX, prendia-se com o facto de as fotografias aparecerem para confirmar as ideias sobre o mundo que tinham sido objeto de outras formas artísticas e culturais. A máquina veio reforçar relatos jornalísticos e literários de aspetos da vida social que raramente tinham sido experienciados ou vistos pelas pessoas. Para além disso, havia no século XIX um desejo por explorar, registrar e catalogar a experiência humana, o que levou as pessoas a utilizar a fotografia como método de documentação naturalista (Wells, 1997). Nesta época, vivia-se o realismo na arte e na pintura, as pessoas desejavam que a arte fosse capaz de reproduzir o mais fielmente possível o real. A fotografia não só se propunha como um meio que prometia ir ao encontro destes desejos, como prescindia que o seu executor tivesse a aptidão ou dom para o fazer, o que já não era possível no caso da pintura. E isso dava a ideia que não havia mediação. Freund refere-se à figura de Baudelaire, marcante personalidade do século XIX. Ele era um burguês *outsider* que toda a sua vida fugiu dessa burguesia. Opunha-se às tendências da época e pretendia colocar a

arte ao alcance de todos. A fotografia pareceu-lhe ser esse meio privilegiado. Ele via a fotografia como uma indústria e que nada tinha a ver com arte. O movimento naturalista era visto por ele como um sinal de decadência da pintura. “Assim, a indústria que nos proporcionasse um resultado idêntico à natureza seria a arte absoluta.” (Freund, 2010: 85) E a emergente fotografia fazia-se acompanhar, precisamente, dessa mesma promessa.

O desenvolvimento da fotografia documental também se deve ao facto de haver muitos pontos de venda através dos quais o trabalho podia ser divulgado, como é o caso de diversas revistas e publicações. Estas usavam de forma exaustiva a fotografia para contar histórias e constituem o início do movimento moderno do fotojornalismo. Tecnicamente, e com a evolução das máquinas de 35mm possibilitando novos ângulos, houve um crescimento no número de revistas ilustradas. Conferindo, assim, um papel cada vez mais sofisticado aos editores de fotografia e potenciando a construção de foto-ensaios. Não menos importante é o novo vasto público que queria ver imagens tiradas da vida real. Por esta via, o género documental torna-se uma ferramenta de educação e uma âncora para as pessoas no mundo racional do trabalho e das obrigações sociais. “It would offer, in an exciting form, facts about the social order which everyone would need in order to play a part in modern society” (Price, 1997: 77).

Nesta definição, a fotografia documental surge como uma espécie de senso comum que, ideologicamente, é inacessível à crítica. Havia uma suposição de que o mundo era produtivo em factos<sup>6</sup> e que esses factos poderiam ser comunicados de forma transparente, livres de códigos complexos através dos quais as narrativas seriam estruturadas. “The main component of what we might think of as ‘the documentary gaze’ is precisely described in the notion that ‘the facts . . . speak’” (Price, 1997: 78).

O que torna interessante a década de 30 do século XX, é a multiplicidade de meios convencionais e inovadores de investigação que foram utilizados. Todos<sup>7</sup> os que estavam envolvidos de alguma forma na vida das pessoas, tentaram compreender a natureza de determinadas comunidades e reportar de retorno para uma determinada audiência geográfica e socialmente noutra lugar. Os fotógrafos documentaram a partir de uma variedade de motivos e de diferentes pontos de vista políticos essas realidades. Alguns

---

<sup>6</sup> Os trabalhadores foram alvo do olhar documental: um olhar que os transformou em factos, que não podiam ser desafiados, uma vez que o seu significado impôs-se por um único disparo.

<sup>7</sup> Por todos subentende-se, fotógrafos, escritores, realizadores e intelectuais.

olharam para os sujeitos como se fossem habitantes de um lugar estranho; outros procuraram manter uma certa distância do sujeito fotografado.

Finalmente e dadas as facilidades crescentes introduzidas pelas técnicas, vai nascer uma nova forma de documentação fotográfica. “Trata-se de fotografar mais discretamente, de improviso, muitas vezes sem o conhecimento dos interessados, com uma preocupação de verdade nua e crua” (Amar: 2007: 85). Não havia o objetivo de tornar as imagens em mensagens complexas de difícil decodificação. Os fotógrafos documentais da era pós-modernista, já não tem o vínculo aos projetos políticos da década de 30. Por exemplo, os códigos para autenticar as fotografias que eram produzidas exclusivamente a preto e branco, e que assim garantiam a integridade da imagem, mudaram, com a introdução da cor foi possível dar novos sentidos conotativos.

### **1.3 A Ética e Política do Género Documental**

O género documental está relacionado com a crítica social e a acusação de que há projetos políticos implícitos em muitos trabalhos documentais, e que também é por isso que é improvável ter sucesso, “at best, show suffering, degradation, despair, but can do nothing to illuminate the causes of these woes. Power and causality are difficult to express through the camera eye, as are collective struggle and resistance” (Price, 1997: 90). É preciso lembrar que a fotografia documental fez parte de um projeto político reformista e, politicamente, o movimento documental estava preocupado com a promoção de valores sociais liberais e não com a política revolucionária.

Na década de 30 do século XX, surgiram inúmeras fotografias de operários, captadas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos da América, que abriram a fotografia a estas camadas sociais, de modo a que os trabalhadores vissem registadas as suas vidas e lutas. “This was an important principle, but there is little evidence that the results challenged the nature of documentary reportage or established new kinds of image-making” (Price, 1997: 90). O mais interessante foram os grupos que viam as questões da representação como uma parte central da luta política, desenvolvendo assim uma prática fotográfica alternativa. A intenção não era mostrar como as coisas pareciam no ‘mundo real’, mas perturbar a aparência da imagem, com a finalidade de construir novos significados.

O significado de documental está em constante mudança, o olhar documental foi ancorado em factos e validado em tipos específicos de investigação e produção, sendo a prática do género documental problemática, como já tivemos oportunidade de referir anteriormente. Na fotografia, uma série de convenções fez com que o género documental se desmarcasse dos outros tipos de fotografia; “These included, for example, printing the whole of the image with a black border around it to demonstrate that everything the camera recorded was shown to the viewer” (Price, 1997: 91). Outro exemplo, de diferenciação foi consideram-se ilegítimas cenas iluminadas com *flash*, privilegiando-se a luz natural. Uma opção por técnicas de carácter rudimentar que surgiam como garantia de autenticidade do trabalho documental.

O problema que então se colocava prendia-se com a definição das referências em relação à realidade em que se participava e do modo como os fotógrafos documentais podem demonstrar a sua fidelidade ao mundo social, alegando que a fotografia documental é mais verdadeira do que outras formas de representação. Não obstante, a natureza da fotografia documental havia de mudar rapidamente nas décadas posteriores a 1950.

Após a Segunda Guerra Mundial, o género documental atraiu a atenção do público para assuntos específicos, muitas vezes com o objetivo de modificar a situação ou a compreensão social ou política. E, como forma de atingir esse objetivo, as fotografias documentais raramente eram vistas como imagens isoladas, sendo mais comum virem acompanhadas por um texto. Assim, as imagens funcionavam tanto como fornecedoras de informações sobre a natureza das coisas, como para confirmar a autenticidade de um relato escrito. Isto fez com que raramente viesse mencionado o nome do fotógrafo; eram, portanto, tratadas como se fossem um produto feito por indivíduos anónimos.

A forma como muitos dos fotógrafos da época estavam a abordar o documental, fez com que aparentemente fosse apresentado um “new subject-matter or old themes treated in new ways. Often called 'subjective' documentary, this work was very influential in both the USA and Britain” (Price, 1997: 94). Libertando assim, o género documental do projeto político com o qual estava associado, permitindo, assim, aos fotógrafos afastarem-se das convenções tradicionais do género documental. Na década de 60, os fotógrafos estavam mais preocupados em mostrar as suas visões pessoais da existência social.

Anos antes um outro grande exemplo de projeto de fotografia documental teve como financiador o próprio estado americano e ficou conhecido pela designação de entidade que o criou, a *Farm Security Administration*<sup>8</sup> (FSA). Deste projeto participaram autores que haviam de se tornar grandes nomes deste género dos quais destacamos, entre outros, Walker Evans, Dorothea Lange, Russell Lee, Arthur Rothstein, Ben Shahn, e Marion Post Walcott. As fotografias deste projeto têm sido amplamente reproduzidas e exibidas em capas de livros, em ilustrações, em galerias e até em objetos de propaganda ao longo do tempo. Estes fotógrafos são, frequentemente, descritos como tendo revelado o retrato humano da Grande Depressão Americana (Price, 1997 e Sougez, 2001).

Este projeto documental tinha como objetivo revelar uma parte da América e recolher factos visuais que pudessem ilustrar as pesquisas sociais que constituem o centro do trabalho da FSA. Os fotógrafos não tinham restrições para o que podiam fotografar e, muitas vezes, produziam imagens diferentes daquilo que era esperado, que acabavam censuradas. Cerca de 100 000 foram destruídas com perfurações, feitas por Stryker<sup>9</sup>. O arquivo final, com 270 00 negativos, atualmente conservados na Biblioteca do Congresso em Washington, tem sido amplamente utilizado de formas diversas fazendo com que o seu sentido inicial tenha sido alterado ao longo dos anos. De toda a maneira, este corpo de trabalho apresenta-nos uma crítica aparentemente coerente da vida americana no contexto específico daquelas regiões fotografadas e daquele tempo económico em particular.

As fotografias produzidas pela FSA, diz Price (1997), são quase sempre de indivíduos e famílias, muitas vezes fotografados como indefesos. Essas fotografias evocam tensão, fadiga mental, mas também transmitem laços de afeto e ligação entre as pessoas, especialmente entre mães e filhos. Geralmente, as imagens mostram o constante movimento migratório e uma vida doméstica transportada para espaços estranhos. Os objetos aparecem nestas fotografias como transportadores de emoções, “stranded, dislocated, treasured though cheap” (Price, 1997: 81).

---

<sup>8</sup> A FSA surgiu em 1935 como uma tentativa do governo de Roosevelt para reconstruir a economia dos Estados Unidos. Ao secretário Adjunto de Agricultura, Rexford Guy Tugwell, foi dada essa responsabilidade e ele rapidamente apelidou o projeto de FSA. Tugwell nomeou um jovem economista, Roy Stryker, para chefiar a seção de fotografia que tinha como função fornecer imagens para ilustrar e apoiar os relatos escritos das condições na agricultura, dos agricultores e das pessoas que viviam desse meio de sustento.

<sup>9</sup> Economista, funcionário do governo e fotógrafo e fez parte da Divisão de Informação do FSA

Podemos afirmar que algumas das contradições da fotografia documental são reveladas aqui. Estas fotografias são vistas como históricas e, ao mesmo tempo, intemporais; densamente codificadas, mas transparentes; altamente específicas, mas universais (Price, 1997). Estas imagens estão num arquivo que é constantemente modificado por historiadores e críticos da fotografia. São frequentemente reproduzidas fora do contexto oficial para que nasceram e apresentadas sem qualquer texto ou comentário. Em cada reapresentação, em cada novo contexto, estas imagens precisam de ser reavaliadas, mas não deixam por isso de constituir um todo coeso e de serem as fotografias documentais mais importantes alguma vez produzidas por uma agência governamental.

#### **1.4 A Fotografia Social**

As primeiras *máquinas fotográficas* foram produzidas em França e em Inglaterra, no início dos anos 40 do século XIX e tinham apenas os seus inventores a manuseá-las. Uma vez que não havia fotógrafos profissionais, não existiam igualmente amadores, nem a fotografia tinha um uso social claro. Mas, é neste período e a medida que os efeitos da industrialização vão transformando as sociedades, que a fotografia vai encontrar um dos seus primeiros temas: o social.

Freund (2010) descreve com rigor esta transformação social provocada pelo crescimento do capitalismo no século XIX, em França. O trabalho manual foi gradualmente substituído pelo das máquinas, o que fez com que muitos operários ficassem sem emprego ou com o seu salário reduzido. Todos aqueles que possuíam um pequeno capital, como os merceiros, os retroseiros, os relojoeiros, encontraram na fotografia um novo meio de auto-representação e da pertença a um outro estrato social em crescimento, o da média burguesia.

Do outro lado do Atlântico, em 1840, a sociedade americana ainda não se encontrava rigidamente estratificada, logo as possibilidades de ascender dependiam unicamente da iniciativa pessoal. A sociedade que era maioritariamente agrícola estava a transformar-se numa sociedade industrial, devido às inovações técnicas. E para registar todos estes feitos, a fotografia era o meio ideal. Crê-se “que existiam já em 1850 cerca de dois mil

daguerreotipistas” (Freund, 2010: 41) e que em 1953 em apenas um ano foram tiradas três milhões de fotografias.

Em França, no ano de 1955, decorreu a Grande Exposição da Indústria que tinha uma secção especial dedicada a fotografia, levando-a ao encontro de um público mais vasto. A expansão da fotografia e o relevo social que rapidamente adquiriu foram determinados também por imperativos económicos e a sua difusão determinava o carácter e a importância social da fotografia.

Jacob August Riis, de origem dinamarquesa cobriu, entre 1877 e 1888, a informação criminal no *New York Tribune*. Enquanto pesquisava informações para os seus artigos, tirava fotografias com uma câmara escondida, tendo sido o primeiro a utilizar o magnésio, cuja luz disparada criava um *flash*. Riis recolheu dos bairros pobres de Nova Iorque numerosas imagens, que retratavam as condições de trabalho dos artesãos, as reuniões dos marginais e os núcleos de emigrantes, tornando-se assim num dos primeiros fotógrafos a usar a fotografia como instrumento de crítica social. Em 1890, publicou uma seleção dessas imagens num livro intitulado ‘How the Other Half Lives’, editado por Scribner, agitando profundamente a opinião pública. É inegável que as fotos de Riis denunciavam a realidade social da época (Sougez, 2001; Freund, 2010).

Lewis Wickes Hine, um sociólogo de origem operária, mudou da escrita para a câmara fotográfica e consagrou-se especialmente a denunciar a exploração infantil. As imagens captadas de crianças mineiras e das meninas que trabalhavam na fiação de algodão são documentos surpreendentes. De tal forma, que o seu trabalho mereceu um contrato com a *National Child Labor Committee* e as fotografias que fez para este organismo ajudaram à criação de uma lei de proteção laboral para os menores. A fotografia tornou-se, assim, numa arma poderosa na luta para a melhoria das condições de vida das camadas mais pobres da sociedade. Ainda se aliou a outras grandes causas humanitárias, acompanhando por exemplo, em 1918, a Cruz Vermelha numa viagem pela Europa Central para denunciar a exploração infantil (Sougez, 2001; Amar, 2007; Freund, 2010).

Eugène Atget, nascido perto de Bordéus, depois ter tido várias profissões, acabou por ficar por Paris, onde se tornou num fotógrafo de rua para sobreviver. Tirava, sobretudo, retratos de rua, com a sua câmara de 18x24 em madeira, equipada com duas dúzias de chapas e uma velha objetiva que cobria mal o formato da chapa. As suas condições de

trabalho eram miseráveis, pois era na cozinha que imprimia as imagens. Começou a compilar fotografias da cidade que percorria diariamente: montras, vendedores ambulantes, prostitutas, lojas, ruas e monumentos. Diz-se que fotografava como se de um local de crime se tratasse. O seu registo fotográfico tinha como base captar os indícios, tornando-se provas no processo histórico. Parte do seu sucesso ficou a dever-se à americana Berenice Abbott, que comprou e levou o espólio para os Estados Unidos. Tendo-o publicado e exposto. Posteriormente, em 1968, o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, comprou as fotografias (Sougez, 2001: 161).

A própria Abbott aprendeu algo com Atget. Enquanto fotógrafa, ela quis documentar Nova Iorque antes que a cidade mudasse, mas “is setting down something even more fantastic: the ceaseless replacement of the new” (Sontag, 1977: 53). Sendo Nova Iorque bastante diferente de Paris nos anos trinta, as imagens de Abbott não são tanto sobre a memória do passado, mas sobre um passado recente que está constantemente a ser usado, demolido, varrido, ou negociado. Ecoando a desconfiança da mera semelhança, o realismo fotográfico pode ser cada vez mais definido não como o que “is “really” there but as what I “really” perceive” (Sontag, 1977: 93).

Weegee (pseudónimo de Arthur H. Fellig), de origem austríaca, fotografou a realidade das ruas e a violência da vida em Nova Iorque. Weegee iniciou-se como fotógrafo ambulante. Vivia em Manhattan e captava através de um rádio as ondas curtas a frequência da polícia; desta forma, sabia quando algum acontecimento ocorria, dormindo vestido para poder chegar ao local mais rapidamente. O valor testemunhal das suas fotografias demorou a ser reconhecido, visto que eram desprovidas de pretensões estéticas (Sougez, 2001; Amar, 2007).

Em Portugal, em meados dos anos 50 do século XX, Victor Palla e Costa Martins percorrem Lisboa recolhendo retratos e a sua visão dos habitantes. Produziram cerca de seis mil negativos, dos quais escolheram duzentos para o livro ‘Lisboa, Cidade Triste e Alegre’, que na altura não obteve grande sucesso (Sougez, 2001).

Sontag (1977: 17) diz-nos que a industrialização da fotografia permitiu a sua rápida penetração na sociedade: “the “realistic” view of the world compatible with bureaucracy redefines knowledge—as techniques and information”. As imagens são valorizadas porque fornecem informações. As informações que as fotografias podem transmitir tornam-se importantes para o mundo, seja para que área e atividade for. A fotografia

reforça uma visão da realidade social como um conjunto de pequenas unidades, conjunto aparentemente infinito, que não é muito diferente do número ilimitado de fotografias que se podem tirar de qualquer coisa.

## **2. Desigualdades e Modos de Vida da Pobreza Urbana**

Neste capítulo, procede-se a uma análise e contextualização, não já da fotografia enquanto instrumento deste projeto, mas do seu objeto, as populações menos favorecidas, neste caso as que habitam num bairro de habitação social. O trabalho exploratório aqui empreendido é feito a partir da literatura mais geral sobre as classes e a estratificação social para, num segundo momento, incidir em particular, nos diferentes modos de vida que Ferreira de Almeida caracterizou como sendo os que se encontram entre os grupos sociais pobres da população portuguesa, nomeadamente aqueles que se apresentam sobrerrepresentados em bairros de habitação social como o Bairro da Boavista.

### **2.1 Classes Sociais**

O conceito de classes sociais não é novo, tendo sido desenvolvido a partir do pensamento clássico sociológico, Almeida (1981). Desde sempre as sociedades se organizaram segundo estruturas que estabeleciam distinções entre os diferentes grupos que compõem o todo social, variando em função do tempo e do espaço em que estas sociedades existiam.

Procurando definir o conceito de classes sociais, sobretudo com base nas propostas de Almeida (1981) pode-se sustentar que estas funcionam como prática coletiva. As classes são uma mediação entre o conjunto das estruturas sociais e um conjunto de práticas socialmente significativas. O que as torna independentes é a não perda do carácter mediador, ou seja, estes conjuntos são produzidos por estruturas historicamente complexas. No entanto, se estas estruturas são o resultado de práticas sociais, são-no enquanto variáveis, seja no modo de organização económica e social, seja na ideologia e na política. Em cada conjuntura, em cada tempo e em cada espaço, é determinado o limite das suas práticas. São estas estruturas que limitam a transformação e os graus de invasão do novo.

Falar de classes sociais remete-nos sempre para os protagonistas dos processos sociais que, ao produzirem e reproduzirem a sua própria identidade, traçam as condições sociais que a definem.

Falar de classes sociais é também atender às estruturas que circunscrevem o espaço em que esses processos ocorrem. A realidade social aparece deslocada, “numa espécie de *commedia dell'arte* em que à ausência de autor se juntasse um sistema de improvisações puramente imaginárias; os que se tomam por protagonistas não passariam, de facto, de meros figurantes” (Almeida, 1981: 232). Conhecer a realidade social diminui então a compreensão abstrata das estruturas.

Existindo diferenças nas classes sociais de vários níveis, tanto na atividade económica, os seus efeitos prolongam-se a outros campos da prática social. Estes campos tanto podem ser nas competências ideológicas: escolares e culturais; bem como nas competências de poder e autoridade: direção, de controlo, de autonomia das tarefas ou na dominação/subordinação política; ou nos géneros de vida: respeitabilidade, do gosto ou no tipo de consumo (Almeida, 1981).

São reconhecíveis os diferentes mecanismos sociais que produzem a adaptação dos agentes aos lugares disponíveis. É o caso dos que fazem seleções negativas nas estratégias de reprodução. Por exemplo, pode-se pensar, “nos meios socialmente fornecidos (a herança, a escola, o capital social) para produzir, em contrapartida, a probabilidade de sucesso de certas estratégias de conservação” (Almeida, 1981: 238).

O problema da reprodução/trans formação dos lugares de classe e do movimento dos agentes em relação a esses lugares é, portanto, indomável. Mesmo existindo uma mobilidade social elevada, pode conciliar a permanência nos lugares e a estrutura de classes existente. Um lugar pode ser igualmente constituído como ponto de passagem de curta duração para consecutivos ocupantes, mas no entanto mantém ao longo do tempo uma grande estabilidade.

Se a mobilidade social é entendida como um conjunto de fluxos coletivos, com distribuições e retribuições dos agentes sociais pelos lugares (Almeida, 1981), deve assim ser pensada como uma dimensão das classes sociais e da parcela dos grupos. No entanto, certas classes ou frações, que sendo analisadas apenas a partir de indivíduos, seriam

invisíveis ou cobririam uma pequena parte do significado social, ganham assim relevância quando “se toma o grupo doméstico por referência analítica” (Almeida, 1981: 249).

## **2.2 Estratificação Social**

O termo estratificação destina-se a contribuir para o conhecimento das estruturas e dos processos sociais (Almeida, 1984). Embora as teorias da estratificação tenham limites, é a partir delas que se tem obtido informações empíricas e pertinentes, uma vez que são capazes de produzir algumas formulações.

A problemática da estratificação afasta-se da das classes em alguns pontos. Um desses pontos passa pela origem e a reprodução das desigualdades sociais. A teoria da estratificação diz que esta tende a considerar tais desigualdades globalmente funcionais para a sobrevivência de diferentes tipos de sociedades.

Uma das teorias acerca do social encontra-se no pressuposto individualista como alicerce de análise da ação social (Almeida, 1984). Logo, se o indivíduo é visto como ‘isolado’ e como único mensageiro de um comportamento significativo, então se pensarmos nas estruturas sociais como o Estado, a família, as cooperativas ou as sociedades anônimas, estas não poderão ser senão um conjunto de atividades de pessoas singulares.

Partindo-se do pressuposto de que as desigualdades sociais são de caráter universal, é preciso explicar as razões da estratificação em todos os sistemas sociais. Daí, as posições sociais integram uma hierarquia ordenada em dois princípios básicos: “a importância funcional relativa dessas posições para a sociedade e o grau de exigência que comportam em termos de capacidade ou talento, implicando a escassez ou a abundância” (Almeida, 1984: 174).

Todos os sistemas de estratificação são suscetíveis de variações, embora com alguns limites, e isto faz com que o sistema seja reequilibrado. No entanto, todas as sociedades apresentam também diversos sistemas de estratificação, o que faz com que todas essas diferenças afetem quer a funcionalidades das posições, quer a escassez dos respectivos candidatos.

Poderemos dizer, então, que um sistema de estratificação assenta numa estrutura de desigualdades regularizadas. No entanto, para que o sistema funcione sem tensões inaceitáveis é necessário que as desigualdades sejam consideradas legítimas.

Mesmo assim a competição desnecessária e as avaliações sociais negativas, podem conduzir à revolta. Para o evitar, é preciso haver uma contenção e a sociedade possui subtis mecanismos para o fazer, através da compensação e estabilizadores, que tentam de certa forma criar conformismos sociais. Duas dessas formas são as crenças religiosas e as hierarquias mais baixas que tendem a ser desvalorizadas.

Obviamente que as desigualdades entre grupos sociais sempre existiram. No entanto, o que está em causa é saber se é possível isolar as diferentes variáveis. A combinação empirista e mais ou menos arbitrária para os seus critérios. E as diferentes variáveis passam pelo rendimento, a educação, a profissão, entre outros; isto leva a que “os seus critérios virtualmente indiferenciáveis, em termos de resultados, dos utilizados por intermédio das aproximações não objectivistas” (Almeida, 1984: 181).

O princípio da identidade entre a existência social e a necessidade também está subjacente a esta teoria. As necessidades sociais/ individuais apreendidas através da socialização devido ao sistema partilhado de valores fazem parte do fundamento das atividades desenvolvidas pelos sujeitos na adequação dos meios. Logo, a sociedade com as suas múltiplas dimensões, oferece aos indivíduos a possibilidade de realizarem os seus objetivos.

Almeida (1984), sustenta que alguns estudiosos da área, dizem que as sociedades industriais estariam a tornar-se progressivamente mais igualitárias e, com isso, diminuiria a distância entre o topo e a base da hierarquia da estratificação. Conjuntamente com o feito do aumento das mobilidades nessas sociedades, tornando-as mais abertas e permeáveis à realização dos talentos individuais. No entanto, Almeida (1984), sustenta que outros autores dizem o oposto, que as sociedades urbanas e industriais tendem a aumentar a extensão das estratificações.

Em suma, é preciso ter em conta as determinações sociais e os efeitos quer das diferenças de classes, quer das diferenças de perfil. Ainda, é preciso “analisar as tendências sociais de valorização ou de declínio de certas dimensões e perscrutar as suas

consequências nas formas de consciência social” (Almeida, 1984: 190). Este conjunto de análises constitui uma condição para formular várias hipóteses sobre as relações sociais.

### **2.3 Modos de vida**

Não é possível falar de desigualdades sem falar da pobreza. Falar da pobreza em Portugal numa perspectiva das ciências sociais não é algo novo, visto que esta realidade está inscrita na estrutura e na organização social do nosso país. Podemos dizer que ser pobre corresponde, na maioria das vezes, a um estatuto fortemente sedimentado, seja nas condições materiais, seja nas dimensões culturais ou nas relações interpessoais. Este estatuto engloba diversas maneiras de ser, de pensar e de sentir. Ferreira de Almeida (1992) diz-nos que estas diferentes situações características da pobreza são concretizadas em modos de vida, ou seja, de forma mais ou menos coerente e consolidadas, este grupo está mais vulnerável ao contexto do (sub)desenvolvimento que a sociedade portuguesa criou. Torna-se, portanto, importante estudar e analisar estes modos de vida, para compreender a pobreza como realidade multidimensional bem como para definir estratégias para a combater.

Almeida (1992) diz que existem duas palavras apropriadas para caracterizar a situação de algumas famílias portuguesas: “destituição” ou “miséria”. É um modo de vida que se encontra no limite em que se pode considerar que a vida digna e “normal” deixa de ser possível. Pode-se descrever como limite, a má alimentação ou a falta de alimentação, a falta de condições de higiene, a falta de cuidados básicos de saúde, a falta de habitação com condições mínimas, as taxas elevadas de mortalidade infantil e o envelhecimento precoce. Uma das situações que levam as famílias à miséria pode ser as que migram dos campos para as grandes cidades industrializadas quando estas são mal sucedidas. Assim, como recurso, podemos encontrar essas famílias em habitações auto construídas e, degradadas ou após a intervenção do estado, em bairros sociais. Estas famílias geralmente são numerosas e constituídas por casais com muitos filhos, em que quase todos os membros da família apresentam baixos níveis de escolaridade, muito desemprego e/ou emprego esporádico. Estas famílias não são só incapazes de gerar recursos, materiais suficientes como também simbólicos, de modo a ter uma participação ativa nas relações sociais. Revela-se essa incapacidade no acesso aos serviços do estado, seja à segurança

social, ao emprego, à saúde e ao ensino. Daí que estas famílias em situação de miséria tenham com a sociedade uma relação de dependência caritativa ou de caráter solidário, os bens de consumo adquiridos resultam da solidariedade pública ou caridade privada. Pode-se concluir que estas famílias não têm uma estratégia de vida autónoma e definida a vida não tem futuro sendo o presente vivido com a conformação.

Almeida (1992) faz referência a um segundo modo de vida que é a “restrição”, em que se encontram indivíduos assalariados na indústria e nos serviços com baixos rendimentos. Os níveis de qualificação profissional e escolar dos indivíduos são fracos, os que trabalham têm empregos precários e alguns dedicam-se à economia paralela, encontrando-se frequentemente desempregados. Os idosos que são pensionistas, têm pensões baixas e ainda há as famílias monoparentais. Nesta categoria encontramos também os indivíduos que passaram pelo processo migratório do campo para a cidade, mas que embora não tenham sido completamente bem-sucedidos, não caíram na também miséria como no grupo anterior. Este modo de vida está sobretudo localizado na cidade, em zonas de descontinuidade com o meio onde há uma grande acumulação de grupos pobres. A falta de recursos determina o consumo diário e os bens utilizados resumem-se aos essenciais para sobreviver. A estratégia deste grupo passa sobretudo pela sobrevivência diária. O dia-a-dia é orientado para as necessidades básicas e para a rentabilização máxima dos recursos. As famílias que vivem neste modo de vida, tendem a desenvolver a representação da sua posição social, a da pobreza envergonhada; elas sabem que vivem com menos recursos materiais do que os padrões aceites na sociedade. Existe a noção de que tais condições de vida podem equivaler ao estatuto de inferioridade social ou menor dignidade pessoal, daí viverem uma pobreza envergonhada e os pedidos de benefícios sociais nunca chegam a ser concretizados.

Outro modo de vida é a dupla “referência” (Almeida, 1992). Este grupo é sobretudo caracterizado pelos imigrantes pobres em Portugal. São na sua maioria oriundos das ex-colónias portuguesas em África que, face às dificuldades encontradas nos seus países de origem, procuram alternativas. Ocupam, sobretudo, postos de trabalho mais desqualificados, com piores remunerações e são ainda afetadas pela precariedade, trabalho sem contrato e sem descontos para a segurança social. A imigração africana situa-se, sobretudo, nas cidades de Lisboa e Setúbal, e nas periferias, logo em zonas urbanas e industrializadas. Estas pessoas encontram-se nos bairros sociais ou ainda em áreas degradadas, sobretudo suburbanas, formando zonas de elevada concentração étnica.

No entanto, existe uma frequente circulação geográfica que é, sobretudo, notória no caso dos trabalhadores da construção civil, que apenas regressam ao fim-de-semana a casa. A estratégia de vida da dupla referência passa por acumular capital económico para mais tarde regressar ao país de origem. Contudo, por vezes, essa estratégia perde-se, ora porque o capital económico não possibilita o regresso, ora porque a segunda geração nascida agora no país de acolhimento perde a relação afetiva com a sociedade de origem dos pais.

Outro modo de vida é o da “poupança”, que tem como objetivo manter e se possível alargar o património familiar. Para cumprir esse objetivo, a migração ou emigração, temporária ou sazonal, da totalidade ou parte da família, passa muitas vezes por rentabilizar a produção agrícola. Este grupo inclui sobretudo camponeses que vivem no interior norte e centro do país.

A “convivialidade” é outro modo de vida (Almeida, 1992) e assenta na sociabilidade exuberante e ritualizada. Inserem-se neste grupo as famílias cujos rendimentos são incertos, algumas vezes semilegais ou ilegais. Neste grupo estão migrantes do campo para a cidade, cujo processo de integração urbana não resultou, em termos de inserção no trabalho oficial tendo existido uma alternativa nas redes sociais de predominância subproletária. Estas famílias, atualmente em queda numérica, encontram-se localizados nos bairros antigos das grandes cidades ou em bairro sociais. A sua localização acaba por ser descontínua em relação ao meio envolvente. Uma estratégia deste modo de vida, consiste na forma de sociabilidade exuberante, onde os relacionamentos tendem a ser intensos e que funcionam por esquemas de aliança e de oposição e contribuem para conservar o espaço fechado em que vivem. O convívio festivo é o que garante a identidade comunitária. Este grupo tem apetência por objetos eletrónicos, não ligando às referências culturais, que poderiam mudar a dinâmica do quotidiano. Do passado, vai desde as referências míticas a um paraíso perdido até a um certo melindre em relação ao destino. No entanto, o ponto forte da convivialidade é o presente. Sem pensar muito no futuro, até porque este é incerto.

O “investimento na mobilidade” é outro modo de vida (Almeida, 1992). Neste grupo estão operários, empregados do comércio e dos serviços, que possuem trabalho estável, bem como níveis de escolaridade superior em relação aos modos de vida anteriores. É o grupo mais próximo da possibilidade de sair da pobreza, sobretudo, porque estão dispostos a investir na mobilidade ascendente. As suas práticas diárias passam pela “boa

vontade”, em relação a adoção de comportamentos considerados normais para a sociedade. Este grupo tem como um dos objetivos proporcionar aos filhos uma escolaridade mais elevada, sobretudo porque não gostam da vida que levam e creem que a escola pode oferecer melhores condições sociais e profissionais. O investimento na educação não impede poupanças noutros locais como na habitação, em que é procurado o conforto mínimo, mesmo que haja poupanças em bens que podem ser considerados de primeira necessidade. O principal obstáculo aos projetos deste grupo está no próprio sistema educativo e nas suas relações com a sociedade. Primeiramente, o acompanhamento dos trabalhos dos filhos, acrescido na aquisição de materiais didáticos, pode ser problemático e tornarem-se uma desvantagem. Em segundo lugar, a subida generalizada provoca uma desvalorização dos diplomas e assim as expectativas podem sair defraudadas. E, por fim, a discriminação a que os filhos destas famílias estão sujeitos na escola. O passado deste modo de vida é nulo, existe uma opção de rompimento com a pobreza e daí a sua rejeição. O presente serve para acumular capital, especialmente escolar.

Por fim, Almeida (1992) faz ainda referência a uma categoria social que não se encontra em pobreza há tempo suficiente para ser considerada um modo de vida estabilizado: trata-se da “transitoriedade”. Este estado resulta da conjugação de uma situação recente e provavelmente transitória, em que os padrões culturais e sociais já tinham sido adquiridos anteriormente. Nesta situação estão desempregados que resultaram da crise, famílias monoparentais e os idosos. Quem pertence a este grupo pode vir a ter uma situação diferente no futuro e pode transitar para outro modo de vida, como a miséria, a restrição ou o investimento na mobilidade. Isto dependerá da capacidade de cada um, do mercado e do sistema de proteção social. Quem vive esta situação sente no presente as privações relativamente a um passado recente. Vive o presente procurando novas vias de recuperar o que teve no passado ou acomoda-se, podendo ir parar a um dos modos descritos anteriormente. Se as tendências de mobilidade se mantiverem em Portugal, novos grupos de pobres que se incluem neste modo de vida, poderão vir a ganhar mais peso.

## PARTE 2 | CARATERIZAÇÃO DO MEIO

O presente capítulo reporta à caracterização do meio, partindo-se de uma sumária caracterização da cidade de Lisboa, com destaque para a freguesia de Benfica, sendo feita, posteriormente, uma caracterização dos bairros sociais da cidade de Lisboa.

Para concluir, esta parte é feita a caracterização do Bairro da Boavista onde foi desenvolvido o projeto de intervenção fotográfica que motivou este relatório. Dadas as suas particularidades, começamos por fazer uma breve contextualização histórica até a atualidade, para concluir com um esboço para um diagnóstico.

### 1. A Envolvente

#### 1.1 Breve Caracterização Demográfica da Cidade de Lisboa

Segundo dados dos Censos de 2011, realizados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2012), a cidade de Lisboa tem uma extensão territorial de 84,8 km<sup>2</sup>, o que representa cerca de 0,1% de todo o território nacional, sendo considerada a maior cidade do país. Esta cidade é ainda a capital do território nacional e sede, simultaneamente, do distrito de Lisboa<sup>10</sup>, da Região de Lisboa e Vale do Tejo<sup>11</sup> e da Área Metropolitana de Lisboa<sup>12</sup>. Lisboa faz fronteira com os concelhos de Odivelas, Loures, Oeiras e Amadora e através do rio Tejo encontra-se ligada aos concelhos de Almada, Seixal, Barreiro, Moita, Montijo e Alcochete. Lisboa é a região com o maior número de habitantes,

---

<sup>10</sup> O distrito de Lisboa é composto por dezasseis municípios: Alenquer, Amadora, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cadaval, Cascais, Lisboa, Loures, Lourinhã, Mafra, Odivelas, Oeiras, Sintra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Vila Franca de Xira (INE, 2012).

<sup>11</sup> A Região de Lisboa e Vale do Tejo, região capital de Portugal, integra as NUTS III da Grande Lisboa, Lezíria do Tejo, Médio Tejo, Oeste e Península de Setúbal, numa área de 12 204 Km<sup>2</sup>. Situa-se na Costa Oeste da Europa e é a fronteira mais ocidental do Continente Europeu, o que lhe concede uma localização geoestratégica privilegiada (INE, 2012).

<sup>12</sup> A Área Metropolitana de Lisboa é composta por dezoito Municípios: Alcochete, Almada, Amadora, Barreiro, Cascais, Lisboa, Loures, Mafra, Moita, Montijo, Odivelas, Oeiras, Palmela, Sesimbra, Setúbal, Seixal, Sintra e Vila Franca de Xira. A Área Metropolitana de Lisboa coincide, para fins estatísticos, com a Região de Lisboa (NUTSII) é o segundo maior centro populacional do país, cerca de 20% da população portuguesa e 3% do território nacional, a seguir à Região do Norte. Engloba as sub-regiões da Grande Lisboa (Amadora; Cascais; Lisboa; Loures; Mafra; Odivelas; Oeiras; Sintra; Vila Franca de Xira) e da Península de Setúbal (Alcochete; Almada; Barreiro; Moita; Montijo; Palmela; Seixal; Sesimbra; Setúbal) (INE, 2012).

contabilizando-se 2 821 876 indivíduos, em 2011, o que representa 26,7% da população de todo o país. É, ainda, o município com maior número de habitantes, num total de 547 733. A região de Lisboa apresenta uma densidade populacional de 940,0 habitantes por Km<sup>2</sup>. Na sua maioria, os habitantes da região de Lisboa são mulheres, 1 487 271, sendo a população masculina de 1 334 605 pessoas. Embora o município de Lisboa tenha registrado uma diminuição populacional na última década, os municípios circundantes registaram um aumento populacional significativo, como é o caso dos municípios de Cascais, Mafra, Alcochete, Montijo e Sesimbra. A causa que poderá estar no crescimento verificado é a melhoria nas acessibilidades através da construção de novas vias de comunicação na ligação a Lisboa.

A percentagem de jovens aumentou de 14,9% em 2001 para 15,5% em 2011, e a de idosos aumentou de 15,4% para 18,2%. Os municípios com maior percentagem de jovens são Alcochete (19,0%), Mafra (18,7%) e Sintra (17,6%). Lisboa, com 12,9% é o município com menor percentagem de jovens da região. Os municípios com maior percentagem de idosos são Lisboa (23,9%), Barreiro (21,6%) e Almada (20,5%).

No que respeita à educação, a região de Lisboa progrediu muito nas últimas décadas. A percentagem da população com ensino superior é de 21,4% e a população com pelo menos o 9º ano de escolaridade é de 60,4%.

No que concerne ao mercado de trabalho, as atividades dos serviços concentram 82,7% da população empregada, a indústria 10,6%, a construção civil 6% e a agricultura 0,72%.

Ainda sobre os Censos 2011, a população estrangeira residente na região de Lisboa é de 203 565 cidadãos, o que representa 7,2%. A maior comunidade estrangeira é a de nacionalidade brasileira, cerca de 30,6%, seguida da cabo-verdiana, 15,7%, da angolana, 9,8% e da guineense, 6,9%.

No que diz respeito à habitação, esta continuou a crescer na última década e o número de alojamentos por habitação é de 1 485 795. Cerca de 66,8% dos alojamentos estão ocupados pelo proprietário e 27,3% são arrendados.

## 1.2 Lisboa: a Realidade Urbana<sup>13</sup>

A nova configuração social dos centros urbanos tradicionais, relacionada com o fenómeno das novas urbanizações, desprende movimentos de fluxo e refluxo demográfico de densidade e incidência sem igual na história urbana portuguesa. Este movimento surge devido à fragilização das instituições responsáveis pelo planeamento territorial. Fenómenos como a habitação clandestina, os bairros de barracas, a ocupação de elevada intensidade do solo, o excesso de movimentos pendulares e a degradação do espaço habitacional, são motivos suficientes para obrigar a uma nova organização da política do desenvolvimento urbano da cidade de Lisboa.

Poderá haver uma certa comparação a outras cidades europeias, no entanto, o caso português tem algumas particularidades que não se encontram noutras cidades, tais como, a inexistência de guerras que tenham destruído a cidade, a escala dos movimentos migratórios internos, a inexistência de autoridades metropolitanas com poderes efetivos e atuantes, a tardia política de obras públicas ou a falta de infraestruturas no sistema de transportes.

A característica mais importante está relacionada com o próprio mercado imobiliário, especialmente a quase estagnação do mercado de arrendamento urbano. Um dos fundamentos da centralidade urbana é a capacidade e o poder que esta tem em criar oferta e procura, aumentando as desigualdades e alargando os seus efeitos aos espaços habitados.

Rodrigues (2001: 10) diz, que “entre 1930 e 1970, perto de um décimo dos portugueses vivia em Lisboa”, no entanto, nos anos de 1960, Lisboa cidade perdeu efetivos a favor dos municípios situados nos subúrbios. Na década seguinte, o número de residentes voltou a crescer devido ao retorno de população das ex-colónias e de emigrantes.

A questão populacional e em particular a da habitação para os setores menos favorecidos das classes trabalhadoras tinha-se começado a colocar muito antes na sociedade portuguesa, nomeadamente na cidade de Lisboa. Em 1933 foi lançado o

---

<sup>13</sup> Esta caracterização é feita com base nos dados existentes nos textos *A maior realidade urbana portuguesa* (Rodrigues, 2001) e *O arranque da metropolização na margem sul - Factores e modos de urbanização da região de Almada (1935-1947)* (Rodrigues, 2001).

programa das Casas Económicas, que integrou a primeira intervenção direta do Estado, neste caso do chamado Estado Novo, na habitação. A política das Casas Económicas era, na sua origem, uma tentativa de reconstruir, na cidade, o ambiente de aldeia (Rodrigues, 2001). Para os empreendimentos seguirem a bom ritmo foi preciso simplificar o processo de expropriações, que passou para a alçada do Governo. O programa de Casas Económicas, tinha previsto a construção de duas mil Casas Económicas e de mil Casas Desmontáveis, que deviam estar prontas em 1940. Com a expropriação a Câmara Municipal de Lisboa, adquiriu mais de um terço da superfície do concelho de Lisboa, entre 1938 e 1948.

### **1.3 Freguesia de Benfica**

No final dos anos 50, deu-se em Portugal um surto industrial que atraiu grandes grupos populacionais das zonas rurais para o litoral. Está-se perante uma “unidade orgânica”, que é constituída por dois subsistemas: o centro e a periferia. Por centro entende-se como um espaço com elevada acessibilidade e com uma posição de domínio económico e socioeconómico, ao qual está associado o conceito de “periferia”, com uma situação de dependência económica e sociopolítica.

A Junta de Freguesia de Benfica, em Lisboa, está inserida no que podemos chamar de “subúrbio consolidado” da Área Metropolitana (Craveiro, 2001: 67), devido a um conjunto de características que passam pelos modos de vida e a acessibilidade ao centro. O crescimento urbano da freguesia de Benfica deveu-se aos meios de transportes que foram progressivamente invadindo as áreas mais rústicas e as quintas envolventes. Isto é, a freguesia de Benfica cresceu de dentro para fora, com o apoio na linha do elétrico existente na Estrada de Benfica, aproveitando-se do caminho-de-ferro que determinou o desenvolvimento dos núcleos preexistentes em torno das estações.

Craveiro (2001), diz-nos que a freguesia de Benfica apresenta características de periferia/subúrbio, cujo desenvolvimento se deu pela substituição das quinta por lotes urbanísticos, de má qualidade arquitetónica e com densidades urbanísticas muito superiores aos que deveriam ser admitidos pelo Plano Geral de Urbanização de Lisboa (finais dos anos de 1960) e sem que os espaços públicos e os equipamentos fossem planeados de uma forma harmoniosa e integrada.

As regras do Plano Geral de Urbanização foram constantemente ultrapassadas pelos executivos camarários. A valorização do solo urbano no centro da cidade de Lisboa, a sua saturação e a ausência de uma política adaptada à habitação e ao emprego, fez com que as periferias ficassem com as funções desqualificadas, nomeadamente ao nível habitacional. Assim cresceram alguns espaços que, mesmo quando planeados, na origem, se tornaram marginalizados, como é o caso do Bairro da Boavista, junto a Monsanto.

A freguesia de Benfica é uma das 24 freguesias que fazem parte do concelho de Lisboa. É a terceira maior freguesia a nível populacional residente, o que equivale a uma cidade média de Portugal, mas que no entanto, não oferece as condições necessárias, ao nível dos equipamentos públicos e as condições ambientais.

Dados de 2011 apontam para um decréscimo na população residente na freguesia. Tal facto pode ser explicado por uma população envelhecida e com taxas de fecundidade baixas. Existem igualmente dificuldades para a fixação da população na freguesia de Benfica, devido ao preço alto das habitações, o que obriga os residentes a procurar casa nos concelhos limítrofes de Lisboa.

Craveiro (2001), afirma que o património contruído encontra-se por vezes em mau estado de conservação, tendo existido núcleos de construção degradados que entretanto foram recuperados, como é o caso da Boavista, com o programa Processo Especial de Revitalização (PER).

Ainda assim, persistem carências de equipamentos e serviços, não cobrindo as necessidades nem atuais nem futuras, em áreas como a saúde, o desporto, a segurança social e os equipamentos culturais. Uma das áreas em que se pode considerar que as maiores carências foram enfrentadas e se encontram pelo menos parcialmente supridas é a da habitação através da intervenção do estado e das autarquias e da construção entre o final do século XX e princípio do século XXI de milhares de alojamentos, neste caso na cidade de Lisboa e em toda a sua área metropolitana.

## 2. Bairros Sociais de Lisboa

Segundo o *site* da Gebalis<sup>14</sup>, esta entidade surgiu em 1995 para promover a gestão social, patrimonial e financeira dos bairros construídos ao abrigo do “Programa de Intervenção a Médio Prazo” (PIMP) e do “Programa Especial de Realojamento” (PER). Estes programas tinham como objetivo eliminar dos bairros lisboetas as barracas existentes, através de construção ou aquisição de habitação social. Sendo que, desde 2003, a Gebalis garante a administração da maior parte dos Bairros que a Câmara Municipal lhe atribuiu, tendo como missão a gestão dos mesmos, garantindo o seu desenvolvimento e integração social, educação ambiental, conservação do património e integração profissional dos residentes.

A Gebalis gere cerca de 23.268 fogos, que estão incluídos em 73 bairros municipais. Estes bairros estão divididos por cinco grandes zonas, a saber: Ocidental, Norte Ocidental, Norte Oriental, Sul<sup>15</sup> e Oriental. A zona Ocidental possui um dos maiores núcleos de habitação social da cidade de Lisboa, como é o caso do Bairro Padre Cruz; no entanto, também tem bairros que sendo sociais, parte das casas foram vendidas. A zona Norte Ocidental alberga a maior parte dos últimos bairros construídos ao abrigo do PER. A zona Norte Oriental abrange património construído em diferentes épocas, como na zona dos Olivais e em Marvila. Na zona do Sul, está situado o Bairro da Boavista. Nesta zona existem bairros bastantes diferentes, por exemplo quanto à data de construção e às tipologias. Por fim na zona Oriental, onde existem igualmente núcleos habitacionais diversos na sua génese, data de construção e características construtivas.

Dos 70 bairros municipais do concelho de Lisboa, 35 foram incluídos no programa “Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária de Lisboa”, o BIP/ZIP, porque tem características sociais, ambientais e urbanísticas que lhes conferem uma especial prioridade na intervenção.

Apesar da maioria dos bairros serem de construção recente (50% têm menos de 15 anos), existem problemas construtivos recorrentes, tais como: infiltrações pelas coberturas e fachadas e degradação dos revestimentos. Ainda é de apontar os constantes atos de vandalismo ao nível de espaços comuns, elevadores, caixas de correio e campainhas, que se verificam nalguns bairros. Nos bairros mais antigos e de maior

---

<sup>14</sup> [www.gebalis.pt](http://www.gebalis.pt)

<sup>15</sup> Três bairros que fazem parte desta zona, são fora de Lisboa (Casal de Cambra, Algueirão e Zambujal).

dimensão, como nas zonas de alvenarias de construção térrea do Bairro Padre Cruz e do Bairro da Boavista, verifica-se uma necessidade urgente de reconstrução integral.

## 2.1 Caracterização e História do Bairro da Boavista<sup>16</sup>

O Bairro da Boavista tem origem num bairro provisório conhecido por Bairro Novo do Calhariz ou Bairro Alto da Boavista, (CML & GEBALIS, 1999: 20). O Bairro da Boavista fica situado na freguesia de Benfica, a nordeste da cidade de Lisboa, entre o Parque Florestal de Monsanto, o Estádio Pina Manique e a Circular Regional Interior de Lisboa (CRIL).

Consta que os terrenos onde se situa o Bairro eram propriedade de José Francisco de Melo Travassos Valdez, 4º Conde de Bonfim (Figuras 1 e 2). A sua construção surgiu na sequência do Decreto-Lei nº 28912, de 1938, e foi iniciada nesse mesmo ano, no âmbito do programa de “casas desmontáveis”. Este programa permitia que, com rapidez, as pessoas fossem realojadas, e assim acabar com as barracas que foram criadas ao longo da cidade. Numa primeira fase, a construção do bairro foi marcada pela empreitada das terraplanagens, esgotos, e o pavimento. O orçamento desta obra foi de 800 mil euros. As obras foram concluídas à medida que iam sendo realizadas as montagens das 488 casas.

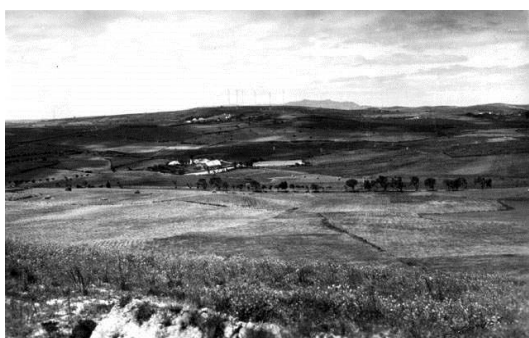


Figura 1 | Terreno destinado à construção do bairro, ao fundo vê-se a serra de Sintra, 1939. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa: [s.d.].



Figura 2 | Terreno destinado à construção do bairro, 1939. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa: [s.d.].

---

<sup>16</sup> Esta caracterização é feita com base nos dados existentes nos seguintes documentos: Portal da Gebalis, 2015; SCML, 2015; Blogue do Bairro da Boavista, 2015; Portal da Junta de Freguesia de Benfica, 2015; Portal da Agência Lusa, 2015; Arquivo Municipal de Lisboa, 2015.

No dia 8 de Dezembro de 1940, o bairro começou a ser habitado. A Câmara procurou que as famílias escolhidas para viver no bairro fossem aquelas que pela sua situação económica não pudessem pagar rendas mais elevadas. Durante os meses de Dezembro e Janeiro de 1940 e 1941, todos os domingos deslocavam-se ao bairro grupos de 40 a 60 famílias, às quais lhes eram entregues logo as chaves das suas casas.

Corria o ano de 1941, e o bairro tinha sido notícias em vários jornais, o que fez com que algumas pessoas ilustres visitassem-no, como o Presidente da Câmara, Vereadores e o Conde Bonfim. O bairro foi inaugurado oficialmente pelo Senhor Presidente da República no dia 28 de Outubro de 1941, dia em que também foi benzida a atual capela (Figuras 3 e 4), um pré-fabricado em madeira. Igualmente os restantes serviços, como o posto médico, o posto fiscal, a Mocidade Portuguesa e outros serviços que no bairro existiam, foram inaugurados. No dia da inauguração houve ainda sessão de cinema, que se destinava a veicular a ideologia do regime.



Figura 3 | Casas económicas, capela e assistência social, 1940. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa: [s.d.].

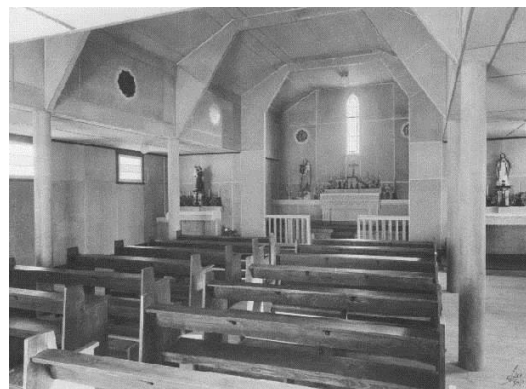


Figura 4 | Interior da capela, 1940. Fonte: Arquivo municipal de Lisboa: [s.d.].

A capela, bem como os restantes equipamentos de saúde, a assistência e as instituições centrais do bairro, tinham como objetivo desenvolver uma função assistencial, e eram apresentadas como um importante modelo para a população. Viriam para o bairro casais católicos, matrimoniados e pobres. Mais tarde, cresceriam muitas famílias numerosas.

É interessante a morfologia urbanística inicial. A interpretação simbólica da planta pode sugerir a representação de uma ave de grandes asas abertas (Blogue do Bairro da Boavista). Obedecendo à topografia específica do terreno, as habitações ocuparam o corpo central e lateral do bairro. As casas eram construídas em lusalite e foram colocadas em banda; eram de dimensões pequenas e possuíam terrenos com alguns metros quadrados, em parte ocupados por quintais abertos para a rua, o que permitia um isolamento e simultaneamente a convivência ao ar livre. A frente de uma casa dava para as traseiras da outra. Estas características e este tipo de modelo habitacional era defendido pela ideologia familiar e social do Estado Novo.

Segundo a publicação, CML & GEBALIS (1999: 23) as casas do bairro tinham três tipos de tipologias e cada uma era definida por uma cor. Na tipologia T1, eram da cor azul foram construídas 44 casas; a casa era constituída por um quarto, uma pequena sala e o total da área era, em média por casa, de 15m<sup>2</sup>. Na tipologia T2, as casas tinham aproximadamente 20m<sup>2</sup> e eram da cor verde e foram construídas 264 casas; estas, tinham dois quartos e uma sala. E, por fim, na tipologia T3, as habitações tinham cerca de 24m<sup>2</sup> de área, e foram construídas 180, sendo que a cor que as definia era o vermelho. Estas casas de tipologia T3 eram atribuídas a casais com filhos de sexos diferentes e de acordo com o seu agregado familiar. O que fez com que o bairro ficasse dividido por cores; no entanto, a parte vermelha do bairro vermelho estava subdividido em duas zonas: o bairro vermelho de cima, junto ao atual Estádio de Pina Manique, e o bairro vermelho de baixo, junto ao atual Parque de Campismo. Este último era o que tinha maior número de conflitos, por ter casas de tipologia T4 e albergar famílias mais numerosas (Blogue do Bairro da Boavista).

As áreas eram tão reduzidas que se tornava impossível colocar nas divisões portas interiores. As casas já se encontravam mobiladas. O mobiliário era rústico, ao estilo alentejano, pintado conforme a cor da sua habitação, bem como as cortinas das janelas que tinham riscas conforme a tipologia atribuída. Para além da oferta por parte do município das casas já mobiladas, os moradores tiveram acesso a água e a luz gratuitamente, mas condicionado por um número de horas e um consumo pré-estipulado.

A capela, o centro de assistência social, o posto médico e todos os apoios sociais, foram construídos num plano superior às habitações. Nas laterais do bairro foram construídos dois largos, onde estavam sediadas as instalações das instituições de controlo

social, como a Legião Portuguesa, a Mocidade Portuguesa e o Posto Fiscal, bem como as duas escolas de Ensino Primário, a escola dos rapazes (nº 125), que é atualmente o Clube Desportivo Lisboa e Águias, e a escola das raparigas (nº 126), que é atualmente o Clube Social e Desportivo.

Em 1941, a gestão do bairro da Boavista foi passada para uma Comissão Administrativa local, autónoma nas suas decisões. Esta Comissão executou um regulamento interno que continha as normas que os habitantes deviam obrigatoriamente cumprir. Assim, determinou o modelo de vida e exerceu o controlo social, determinou os regulamentos, as normas de conduta e habitabilidade, a fiscalização, vigilância, punição e reparações nas habitações e instituições. Ainda, dispunha de um posto fiscal que ficava no Largo Rainha D. Leonor, junto da Legião Portuguesa, que tinha quatro elementos de trabalho: um fiscal, um vigilante, dois jardineiros e uma auxiliar de limpeza.

O nome das ruas fazia lembrar um jardim. Por exemplo: Margaridas, Manjericos, Narcisos, Violetas, Jacintos, Verbenas, Girassóis, Açucenas, Lírios, Dálias, Pasquilhas, Madressilvas, Verónica, Hortênsias e Perpétuas; atualmente, muitos destes nomes persistem, embora algumas ruas tenham nomes que já não estão ligados a flores. As ruas que possuíam nomes de flores estavam vedadas ao trânsito automóvel, eram estreitas, tinham calçada à portuguesa e inclinação ao centro, de modo a que as águas pluviais que vinham da serra escorressem.

Segundo a publicação da CML & GEBALIS (1999), em extremos opostos, existiam dois espaços de convivência e por vezes de conflitualidade: o mercado, que sofreu um incêndio em 1950 (e que atualmente já não existe) e os tanques de lavagem de roupa, em que se faziam filas para utilizar o espaço. Quem utilizava os tanques de lavagem eram as mulheres. Os filhos que não frequentavam a escola acompanhavam as mães, brincando nas redondezas. O próprio lavadouro tinha regras rígidas que eram controladas pelo vigilante<sup>17</sup>.

A Comissão Administrativa, foi alertada para o facto de ser necessário haver uma creche no bairro. Assim em 1943 surgiu a primeira creche que tinha como morada a Casa de Trabalho, e que dependia do Centro Social e Paroquial. No entanto, a Casa de Trabalho

---

<sup>17</sup> As normas não permitiam que estranhos ao bairro usassem o lavadouro, bem como atirar papéis, trapos ou outros objetos que entupissem o canal que conduz a água ao esgoto e não era permitido que os miúdos se pendurassem nos arames do estendal e nos suportes dos mesmos.

revelou-se não estar preparada para acolher as crianças. As crianças acolhidas eram aquelas cujas mães frequentavam atividades de formação ou eram apoiadas pelo Centro Social no sentido da inserção laboral. Era concedida prioridade de admissão em casos de “incúria da mãe” ou por indicação médica.

Devido à época, foram construídas duas escolas primárias no bairro, uma para rapazes e outra para raparigas; no entanto, muitos deixavam de frequentar cedo porque não era visto como algo prioritário. Era igualmente obrigatório a frequência das atividades da Mocidade Portuguesa. E depois das aulas os jovens rapazes do bairro participavam nos trabalhos de florestação da Serra de Monsanto.

Ainda durante os anos 40, começa o fenómeno de ocupação de terrenos camarários por populações sem casa que autoconstruem em zonas que haviam sido expropriados para outros fins. A insuficiência do número de construções conduziu ao insucesso dos bairros de alojamento provisório e levou a uma alteração ao modelo de alojamento pensado para as famílias pobres. Assim, o Decreto-lei nº. 34486 de 1945 propunha a sua integração nos planos de urbanização já existentes com a construção das casas definitivas, mantendo-se numa primeira fase o modelo de moradia unifamiliar. Em 1945, dá-se, entretanto a construção da segunda fase no bairro da Boavista, que inicialmente era destinado ao realojamento temporário dos habitantes do Parque de Monsanto (Figuras 5 a 7). Nesta altura, as casas construídas na primeira fase já davam sinais de deterioração.



Figura 5 | Bairro da Boavista, 1940. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa: [s.d.].



Figura 6 | Casas económicas, interior duma casa, 1945. Fonte: Arquivo municipal de Lisboa: [s.d.].



Figura 7 | Casas económicas e rua principal, 1940. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa: [s.d.].

As novas casas continuaram a ser construídas com lusalite, no entanto possuíam um revestimento interior em estuque para reforçar os materiais. Foram construídas em banda contínua sem alvéolos e distribuídas por dois quarteirões. Sendo que estas casas passaram a ter mais uma porta, que dava para o quintal, e foi a partir daqui que surgiram as casas de tipologia quatro. O bairro cresceu e surgiram mais 220 casas, embora o bairro e as suas construções continuasse a ter, recorde-se, um carácter provisório. Estas moradias foram construídas a partir da Rua Rainha D. Catarina, até ao limite do bairro a poente, e estenderam-se até a entrada da circunvalação. As partes da frente das casas, viradas para a Rua Rainha D. Catarina, possuíam degraus devido ao facto de darem para a estrada e porque o terreno tinha um desnível. As vias que separavam as casas já eram mais largas. Nesta altura, passou a ser possível alugar terrenos, para os moradores criarem as suas hortas e quintais, nos quais poderiam fazer a criação de animais e construir poços. Também se deu o prolongamento da área abrangida pelo bairro até à zona norte, junto ao atual Estádio de Pina Manique. Deste alargamento nasceu o campo de futebol e mais tarde foi criado o Clube Desportivo Lisboa e Águias, que foi inscrito na Federação Portuguesa de Futebol no dia 3 de janeiro de 1945 (Blogue do Bairro da Boavista).

Estas novas casas destinavam-se, essencialmente, à transferência das famílias que tinham mais filhos; no entanto, só poderiam transferir-se as famílias que não tivessem qualquer registo de castigo pelo fiscal do bairro. As rendas rondavam os 80, 90 e 100 escudos, dependendo do tipo de tipologia. Em 1958, as casas já demonstravam um estado de deterioração que se foi agravando até 1996. À medida que era possível, estas casas

foram demolidas para serem construídas novas habitações, e assim realojar os moradores (CML & GEBALIS: 1999, 26),

Entre 1961 e 1970 deu-se a terceira fase da implantação. Foram construídas 38 casas de alvenaria, com um piso, com telhado em fibrocimento, 18 casas em tipologia T2 e 20 casas em tipologia T3. Foram construídas em banda contínua com pequenos logradouros para as traseiras; assim, e dada a maior solidez dos materiais, foi-se abandonando a filosofia de transitoriedade presente no início da construção do bairro, segundo a publicação da CML & GEBALIS (1999). Embora estas novas construções fossem melhores a nível dos materiais no interior, continuavam a ter problemas: no exterior, as áreas eram reduzidas, as condições de impermeabilidade e insonorização continuavam precárias e ainda não havia portas no interior (Figuras 8 e 9).



Figura 8 | Bairro da Boavista, 1969. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa: [s.d.].



Figura 9 | Bairro da Boavista, 1969. Fonte: Arquivo municipal de Lisboa: [s.d.].

Durante a década de 60, a população no bairro aumentou cerca de 50%; isto deveu-se à afluência de famílias vindas de diversas partes da cidade de Lisboa, especialmente da zona de Alcântara, onde se preparava a construção da primeira ponte sobre o Tejo.

Os novos moradores do bairro vieram, assim, determinar profundas mudanças no núcleo original. Inicialmente, existiram processos de rejeição, que poderiam ser ou não resolvidos se os moradores recém-chegados se fossem adaptando. Surgiu, então, o conceito de “filho do bairro” que ainda permanece sempre que é necessário para estabelecer distinções entre diferentes gerações de moradores.

Uma característica que é marcante na vida do bairro desde a sua origem e que ainda hoje se mantém e justifica, em parte, as dificuldades de inserção social, é o seu isolamento físico. Inicialmente, não havia autocarros, apenas elétricos que iam de Benfica a Algés;

para os moradores se deslocarem tinham que ir a pé até à paragem deste transporte. Só em 1969 este isolamento foi quebrado com o início da passagem de transportes públicos dentro do bairro, mais concretamente o autocarro número 11 da carris.

A degradação das primeiras habitações construídas e a sobrelotação veio mostrar a fragilidade do sistema, e como tal surgiram os primeiros sinais da necessidade de mudança no bairro. O lavadouro e o estendal público foram destruídos, passando os moradores a usufruir do direito da lavagem da sua roupa nas suas casas. O comércio local começou a desenvolver-se: para além do mercado, surgiram a leitaria, a mercearia e ainda surgiu uma feira semanal. Ainda foi construído pela Câmara Municipal de Lisboa um salão de festas, que tinha o nome de “Os Unidos”, onde era possível realizar festas de casamento e batizados, e onde era feito o acolhimento dos soldados vindos da guerra.

A quarta fase de implantação dá-se de 1971 a 1975. Em 1971 foram construídas mais 510 casas, em terrenos do parque florestal, que vão desde a circular interna de Monsanto até à zona de implantação dos serviços sociais. Continuam a ser pequenas moradias unifamiliares de rés-do-chão e primeiro andar, construídas em alvenaria, com estrutura de betão e cobertas com fibrocimento, igualmente disposta em banda contínua, mantendo-se os pequenos logradouros (Figuras 10 e 11). As tipologias iam do T1 ao T4 e as rendas eram de 285\$00 (T1), 484\$00 (T2), 605\$00 (T3), 725\$00 (T4), (CML & GEBALIS: 1999, 25)



Figura 10 | Bairro da Boavista, 1975. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa: [s.d.].



Figura 11 | Bairro da Boavista, 1975. Fonte: Arquivo municipal de Lisboa: [s.d.].

Estas novas moradias passaram a designar-se por “Bairro Novo da Boavista”, com as ruas numeradas. Permitiu, assim, o desdobramento das famílias que já na terceira geração viviam em sobrelotação. A Câmara Municipal de Lisboa definiu, em 1972, que as famílias

que viviam em bairros degradados deveriam ser realojadas no bairro; no entanto, havia primeiro que realojar as famílias dos já moradores no bairro em novas habitações, visto que as antigas se encontravam muito degradadas. A entrada de novos moradores ficou deste modo muito condicionada.

Quando se deu o 25 de Abril de 1974, verificou-se uma invasão maciça no bairro e as casas foram ocupadas de forma desorganizada, por vezes com a ajuda dos militares. Algumas das casas foram ocupadas por familiares dos moradores e para outras vieram pessoas que viviam fora do bairro, mas que nele se instalaram devido à oportunidade. Neste sentido, e após a revolução de 25 de Abril, as regras que existiam até aí deram lugar à instabilidade, à insegurança e à mudança da identidade do bairro (CML & GEBALIS: 1999, 26). Sem as instituições que exerciam o controlo social, a população passou a agir de forma autónoma e assim alteraram as regras e as condições urbanísticas, nalguns casos em fase adiantada de degradação. Os processos mais significativos que caracterizaram este período foram: a construção de anexos nos logradouros e o estreitamento das vias públicas, a ausência de obras de melhoramento e conservação, a falta de preservação dos jardins e espaços públicos e o aumento do número de pessoas em cada habitação.

Tal como as moradias, as instalações que se encontravam devolutas foram ocupadas (foi o caso da Legião Portuguesa da Mocidade Portuguesa e do Posto Fiscal).

Entre 1976 e 2000 deram-se novamente realojamentos. Em 1976, foram demolidas 90 barracas no bairro vermelho de cima (quarteirão norte) e 90 barracas no bairro vermelho de baixo (quarteirão sul). Foram construídas 80 casas com três andares, igualmente em banda.

As duas escolas que existiam e se encontravam degradadas e inadequadas foram demolidas para ser iniciada a construção de um bloco escolar, que atualmente é a escola Básica nº125 e está situada na Rua 4. Desta forma, os terrenos ocupados chegaram à Serra de Monsanto e à segunda circular interna de Monsanto.

Como se tornou necessário demolir e de seguida construir no local, as 80 casas construídas em 1978 foram-no em terrenos do parque florestal e receberam as letras A, B, C e D, acolhendo as famílias que habitavam o bairro vermelho de baixo. Mais tarde, construiu-se um bloco de quatro prédios, que acolhiam diversas lojas, e nelas

funcionavam o Centro de Acolhimento Infantil da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), os Serviços de Saúde e os Serviços de Paróquia de São José.

Entre 1980 e 1984 foram construídos e atribuídos no bairro 13 lotes de cinco pisos sem elevador, com um total de 230 casas de diversas tipologias que iam do T1 ao T3. Este realojamento abrangeu as famílias que residiam numa parte da zona antiga.

Já na década de 80 do século XX foi aberta uma segunda rua que dava para a circular interna de Monsanto possibilitando, assim, o escoamento do trânsito com diversas vias de acesso a Lisboa. Foi construído um posto de Polícia de Segurança Pública e em 1991 o bairro passou a ter uma farmácia que funcionava num pequeno contentor, mas que tinha um carácter provisório.

Segundo a publicação CML & GEBALIS (1999), em 1987, a Câmara Municipal de Lisboa assinou o “Programa de Intervenção de Médio Prazo” (PIMP), que completava a construção de habitação destinada à erradicação de barracas. O realojamento local na zona assinalada como “bairro velho da Boavista” foi retomado no âmbito deste projeto. Previam-se a construção faseada de 759 casas. Entre 1988 e 1996, foram demolidas 557 casas e abrangidas todas as famílias residentes (Figura 12). Foram construídos 30 lotes, designados por números, num total de 541 casas, com diversas tipologias que iam do T1 ao T4. Destes lotes, 18 eram de cinco pisos, 6 dos quais possuíam elevador. Os restantes lotes (doze) vieram substituir o núcleo central do velho casario, dando origem a dois quarteirões quadrangulares e os imóveis tinham sete andares em banda, criando um espaço lúdico no seu interior. No exterior, o que ficava no rés-do-chão era destinado a espaços comerciais e serviços já existentes no bairro, como a PSP, a Delegação da Junta, a Farmácia, a Mercearia, a Leitaria e o Mercado.



Figura 12 | Demolições, 1996. Fonte: Lusa: [s.d.].

Face às necessidades atuais de gestão da habitação dos bairros municipais, foi criado no dia 1 de Maio de 1997, pela Câmara Municipal de Lisboa, a Gebalis. Esta empresa pública tem como missão a gestão, manutenção e modernização dos bairros municipais, promovendo a integração social dos seus moradores. As receitas da Gebalis provêm sobretudo de uma percentagem das rendas atribuídas a cada casa.

Em 1998, o Bairro da Boavista tinha 520 moradias unifamiliares e 1039 casas em edifícios. Ao longo dos anos, a Gebalis tem vindo a acabar com as casas na alvenaria, de modo a que os moradores tenham oportunidade de ir para uma casa melhor e mais espaçosa, (CML & GEBALIS: 1999, 27). No entanto, há muitas famílias que ainda não viram os seus pedidos atendidos, e o processo regista nesta altura um atraso de dois anos. Há que ter em atenção que as casas na alvenaria têm rendas que vão desde 1 euro até 50 euros, e quando a família passa para uma casa nova o valor da renda aumenta. A renda é calculada conforme o rendimento global da família<sup>18</sup>.

Em 1999 foi inaugurada a 43ª Esquadra da PSP no Bairro da Boavista. No local onde esteve instalado o jardim-de-infância na década de 40, foi iniciada uma nova construção no fim do ano de 97. Era esperado que fosse um espaço destinado a equipamentos de infância, porém, na placa de identificação da obra, estava referenciado uma construção para as instalações do centro de dia, a associação de reformados, o ATL “Putos

---

<sup>18</sup> Por exemplo: se uma família no global ganhar mil euros mensais, mas se tiver pessoas doentes ou vários filhos a estudar, ou ainda outra situação que a Gebalis achar que deve baixar a percentagem da renda, eles baixam se não fica com 25% do ordenado global.

Traquinas” e uma creche. Esta construção sofreu vários atrasos, o que fez com que só abrisse três anos após o início das obras.

Atualmente, os espaços anteriormente referidos estão a ser utilizados pelas seguintes entidades: Centro de Dia da Câmara Municipal de Lisboa, com apoio a idosos; Centro de Saúde da Câmara Municipal de Lisboa; Serviços de Apoio à Família e à Comunidade da Câmara Municipal de Lisboa (famílias em risco); Associação de Tempos Livres “Putos Traquinas”; Delegação da Junta de Freguesia de Benfica e o projeto Ser Maior – Programas Escolhas (para crianças e jovens).

Mais recentemente, foi instalado o gabinete de Inserção Profissional, um espaço que é gerido pela Junta de Freguesia de Benfica e funciona no primeiro andar do Centro Social e Polivalente do Bairro da Boavista, situado na Rua Rainha Dona Brites. Este gabinete tem como objetivo apoiar os jovens e adultos desempregados no desenvolvimento, na inserção ou reinserção no mercado de trabalho, articulado com o Centro de Emprego de Pedralvas, em Benfica, e em parceria com o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP).

A escola básica nº125 do Bairro da Boavista, que funciona na parte superior do bairro, conta com cerca de 350 crianças a frequentar o ensino pré-escolar e o ensino básico.

Já o Centro de Acolhimento Infantil está a funcionar há mais de duas décadas nas caves dos lotes 52 e 53, e tem cerca de 100 crianças desde os seis meses de idade até aos cinco anos.

Atualmente, ainda é possível ver nalgumas zonas circundantes placas que se referem ao Bairro da Boavista, como “Bela Vista” ou “Boa Vista”. A paisagem na época era bastante diferente da atual; podia ver-se os campos e a Serra de Sintra. Hoje em dia os campos deram lugar a zonas industriais, a novos complexos habitacionais e às novas acessibilidades que em muito alteraram a paisagem e os modos de vida (Figuras 13 e 14).



Figura 13 | Bairro da Boavista, 2010. Fonte: Lusa: [s.d.].



Figura 14 | Bairro da Boavista, 2010. Fonte: Lusa: [s.d.].

Segundo dados fornecidos pela Gebalis, com a data de 15 de Janeiro de 2015, atualmente no bairro existem 568 lotes, com 1521 casas municipais, ainda existe 46 espaços que não são habitacionais e 43 casas foram alienadas, numa proporção de 2,7% de habitações que passaram a ser propriedade dos antigos locatários. A população estimada é de 4,379 pessoas e a renda média é de 77,77 euros.

## 2.2 Bairro da Boavista: Esboço para um Diagnóstico

Segundo dados de um estudo publicados no início deste século, já foi comum os jovens abandonarem o bairro ao crescerem<sup>19</sup>. Atualmente, já não será assim e as suas vivências acabam por estar concentradas no lugar e as rotinas diárias são feitas na rua, mantendo viva a ligação ao bairro. A Boavista é sentida como um lugar simultaneamente de exclusão/integração, funcionando como um ponto precário de equilíbrio entre estes dois extremos. No entanto, sobre o bairro continuam a pesar as representações tanto externas como internas que o associam a marginalidade (tanto pelos próprios habitantes como por muitas pessoas de fora, mas que sabem da sua existência), o que faz com que algumas instituições atuem e tentem desenvolver estratégias de (re) integração.

Um dos projetos que nasceu desta ideia foi o “Projecto Integrado do Bairro da Boavista”, o PIBB, da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, já aqui citado. Afirmam, Ferreira, Mendes, Neves & Pereira (2001), este projeto abrangiu jovens cujas faixas etárias se situam entre os 13 e os 16 anos, tendo por base as seguintes estratégias: integrar os jovens em atividades (como idas à praia, capoeira, entre outras); um atendimento

---

<sup>19</sup> Esta caracterização é feita com base nos dados existentes no texto *Bairro da Boavista* (Pereira, I.; Neves, L.; Ferreira, P.; Mendes, R., 2001)

personalizado (que tem como objetivo introduzir uma rotina diária minimamente estruturada); e, o auxílio na definição de objetivos de vida para que o jovem se integre na sociedade. Como se poderá ver mais à frente, captámos fotograficamente o momento em que uma jovem vinha de um desses acampamentos, neste caso promovido pela junta de Freguesia de Benfica.

O quotidiano juvenil está associado a práticas de sociabilidade de lazer que se desenvolvem em grupos que estão associados a uma determinada identidade. Estes grupos formam-se através de gostos semelhantes e funcionam em contextos de estruturação do quotidiano dos jovens que o integram. Aparentemente, os jovens vivem o quotidiano de forma passiva, no entanto, tal não corresponde à realidade. Num aparente “não fazer nada”, os jovens acabam por participar de forma social (Ferreira, Mendes, Neves & Pereira, 2001). Este “não fazer nada” representa uma das principais atividades da cultura juvenil. Entre essas atividades está conversar e o “estar por estar” com os amigos. Estas atividades juvenis decorrem sobretudo na rua, e fornecem formas simbólicas de afirmação da cultura juvenil.

O PIBB contribuiu de uma forma positiva não só para estruturar os tempos diários, como pela inclusão no quotidiano dos jovens e de atividades que viriam ajudar os jovens a construir uma rotina diária.

O PIBB verificou que para além das atividades realizadas no projeto, os jovens ocupam o resto do seu tempo mais ou menos de forma uniformizada, uma vez que possuem gostos em comum. Entre essas atividades está: ouvir música, jogarem jogos de vídeo, em *Megadrives* e *Playstations* na casa de uns dos outros, ver televisão, bem como algumas atividades concretizadas ao ar livre, tais como, “vaguear por Monsanto”, jogar à bola, “aterrorizar” os mais novos, entre outros (Ferreira, Mendes, Neves & Pereira, 2001: 247).

De forma geral, o PIBB chegou à conclusão que no bairro existe um elemento fortemente estruturador das redes de sociabilidade. Seja porque privilegia um fecho sobre si mesmo, seja porque os núcleos que deveriam estar abertos à entrada de novas pessoas estão fechados, particularmente, porque os jovens não os frequentam. Isto é, não vão à escola ou não participam nas atividades que os levam para fora do bairro. Isto faz com que os grupos se criem e se desenvolvam quase exclusivamente dentro do bairro.

Existe, assim, uma fronteira entre o interior e o exterior/sociedade, sendo que o PIBB faz uma ponte entre esses dois “mundos” (Ferreira, Mendes, Neves & Pereira, 2001).

A maioria da população deste bairro é constituída por pessoas que já o habitavam há algumas gerações. Devido à antiguidade do bairro e à origem comum de muitos dos moradores, torna-se normal morar próximo de primos, tias e avós, o que faz com que esta proximidade tenha um peso na constituição de redes de relações internas. Como foi possível saber através das entrevistas informais, um desses exemplos é dado pela moradora mais antiga. Viveu sempre no bairro e nunca quis sair de lá, tal como as irmãs mais novas. Como afirmam, Gonçalves e Pinto (2001) são as mulheres que tem uma visão mais saudosista do bairro de outros tempos, pelas relações de proximidade que tinham com a vizinhança e que entretanto se perderam com a construção dos prédios e a vinda de novos residentes.

No estudo já citado, verificava-se também uma valorização da imagem pública do seu bairro por parte de alguns moradores, comparando o quotidiano ao de outros bairros, considerados menos normais. Mesmo assim, alguns dos moradores mais antigos não hesitavam em afirmar que não se identificavam com os, na altura, novos moradores, querendo manter uma certa distância<sup>20</sup>.

Segundo o estudo do PIBB, existem algumas comunidades minoritárias, pertencentes à etnia cigana e algumas com membros oriundos dos PALOP, o que faz com que seja um bairro etnicamente misto; porém, a maioria da população é portuguesa e caucasiana. Também foi possível saber através das entrevistas informais efetuadas que alguns habitantes de raça caucasiana veem as pessoas de etnia cigana como “destruidores”, desordeiros e que não se sabem comportar. O que cria uma tensão social maior. Mas o sentimento dos habitantes caucasianos para com os habitantes oriundos dos PALOP é semelhante. Tal foi possível constatar no almoço da missa cabo-verdiana<sup>21</sup>, onde houve uma separação de grupos étnico-nacionais por salas, o que fez com que desse azo a conversas, que de certa forma expressavam a opinião dos grupos separados uns sobre os outros. Estas várias linhas de divisão, nacionais, étnico-raciais, etárias, geracionais, relativamente à idade de instalação no bairro, são parte das forças estruturantes das relações grupais internas e com o exterior.

---

<sup>20</sup> É possível saber mais na parte 3, no ponto 1.6.4 Diário de Campo, deste relatório.

<sup>21</sup> É possível saber mais na parte 3, no ponto 1.6.7 Diário de Campo, deste relatório.

Os espaços organizados para a partilha do quotidiano escasseiam ou são inexistentes. Podemos ver, na parte mais antiga, que são os próprios moradores que trazem para a rua cadeiras e a partir daí criam locais de convívio. A ausência de espaços recreativos, faz com que o lazer se limite ao espaço da casa, ou eventualmente à conversa noturna junto aos lotes de residência. No estudo de Gonçalves & Pinto (2001), alguns moradores afirmam que quando se querem divertir vão para fora do bairro. São ainda os moradores que vão tentando à sua maneira resolver os problemas de todos, como é o caso das ruas em mau estado e com buracos, em que estes são tapados pelos próprios.

Se, por um lado, existem estes espaços menos organizados, por outro, existem serviços e equipamentos que funcionam e ajudam ao desenvolvimento do bairro. Como é o caso do pavilhão desportivo, que tem um campo e uma piscina. A pista de BTT, que é uma construção recente, trouxe ao bairro pessoas de vários pontos do país no dia da sua inauguração.<sup>22</sup> A própria Associação Recreativa de Moradores e Amigos do Bairro, constitui uma ajuda importante, tentando manter o bairro limpo e funcional para todos os seus habitantes, e ajudando-os a resolver situações burocráticas. Como elo de ligação entre moradores e as instituições, esta associação juntou-se a outra, a Associação Comunidade e Partilha em 2009, partilhando ambas o *blogue*<sup>23</sup>, e as iniciativas desenvolvidas, tanto no Bairro, como em colaboração com a Freguesia de Benfica.

Ao nível socio-económico, a maioria das famílias apresenta escassez de recursos, pouca escolarização, nomeadamente com alto nível de analfabetismo primário e secundário, fraco acesso ao mercado de trabalho e predomínio dos empregos precários. O que faz com que ocupem “uma posição na estrutura e na hierarquia de prestígio social que a impede de assumir protagonismo na escolha do espaço residencial” (Gonçalves & Pinto, 2001: 113). Por outro lado, alguns moradores realojados no bairro demonstram uma satisfação pela melhoria nas condições de habitação o que representa uma ascensão em termos do estatuto residencial. No entanto, se alguns, demonstram o agrado pela casa, o mesmo não se pode dizer face ao bairro, isto é, demonstram um sentimento de frustração devido às “representações sociais de sentido negativo sobre os bairros sociais” (Gonçalves & Pinto, 2001: 114).

---

<sup>22</sup> É possível saber mais na parte 3, no ponto 1.6.13 Diário de Campo, deste relatório.

<sup>23</sup> <http://bairrodabovista-lisboa.blogspot.pt/>

Gonçalves & Pinto (2001) afirmam, que o realojamento dos que já viviam e dos novos residentes vindos de fora, trouxe para o bairro um sentimento de pertença ou de rejeição. O primeiro grupo considerou que houve um grande impacto na estrutura espacial ao nível das relações sociais. O segundo grupo, considerou que a “percepção de uma imagem pública negativa e de como esta jogou um papel importante numa atitude inicial de fechamento face ao novo contexto de residência” (Gonçalves & Pinto, 2001: 117).

Existe economia informal, paralela ou subterrânea, como é o caso do tráfico e do consumo de drogas ou da prostituição. Como afirmam, Gonçalves & Pinto (2001), estes referentes causam impacto ao nível de (re)produção de imagens exteriores negativas e estigmatizantes. Fazendo com que se encontre por vezes a expressão de uma vontade de abandonar o bairro no futuro. Ainda é de referir os problemas familiares; afetando sobretudo os idosos e os mais jovens. No caso dos jovens, encontram-se casos de maus tratos e de abandono familiar; é igualmente comum o insucesso e abandono escolar, e existe um alto nível de detenção prisional.

Gonçalves & Pinto (2001), afirmam que existem três grandes grupos que são produtores das imagens públicas negativas, a saber: a conflitualidade, a droga e a existência de grupos ou bandos de jovens. “Um posicionamento de reconhecimento inequívoco da imagem pública negativa, define-se por uma consciencialização da exterioridade do atributo “Má Fama” do bairro” (Gonçalves & Pinto, 2001: 120). Os moradores atribuem aos *mass média* a culpa destas imagens negativas, que são amplamente partilhadas reforçando a estigmatização destes. No entanto, a fama do bairro também pode ser construída através de determinados moradores “que encontram nos elementos de desvalorização, formas alternativas de construção identitária” (Gonçalves & Pinto, 2001: 124).

O bairro pode ser visto num contexto de exclusão e igualmente como um espaço de interação. Todos os espaços urbanos que se desenvolveram numa aparente exclusão social provêm, simultaneamente, de condições estruturais, mas também de um conjunto de práticas que, são levadas a cabo pelos habitantes através dos seus comportamentos, das suas atitudes e dos seus modos de vida. As imagens estigmatizadas e estigmatizantes que deles se produzem no exterior são, por uma lado, um reflexo dessas práticas socialmente condenadas e, por outro, um estereótipo que condena todos por comportamentos que, na maior parte dos casos são altamente minoritários.

Este capítulo trata do enquadramento do projeto de intervenção fotográfica e da concretização do mesmo no Bairro da Boavista. Para expor os objetivos do projeto em toda a sua extensão, começamos por descrevê-lo, desde as intenções, ao planeamento, ao método utilizado, a forma como foi concretizado e a maneira como as imagens foram divulgadas.

### 1. O Projeto Fotográfico

Com este projeto propusemo-nos documentar as vivências do Bairro da Boavista, através de um retrato documental do mesmo e das suas gentes. O trabalho foi sendo preparado ao longo de vários meses, tendo a captura de imagens sido realizada entre 16 de março e 13 de setembro de 2015. O projeto contou ainda com uma fase de triagem crítica das imagens realizadas, uma seleção final das imagens a expor, um tratamento, uma otimização e a publicação *on-line* das mesmas, à qual foram anexados dois questionários: um a preencher antes da visualização das imagens, e um outro disponível depois das imagens serem visualizadas. Finalmente, as imagens afetas ao projeto foram publicadas num *blog*<sup>24</sup> e num *site*<sup>25</sup> na internet, nesta fase sem questionário e com um propósito meramente comunicacional.

#### 1.1 Objetivos do Projeto

A intenção deste projeto passa por documentar e dar a conhecer um bairro social da cidade de Lisboa, o Bairro da Boavista, usando, para tal, a tecnologia digital, nomeadamente, a câmara fotográfica, atendendo a que este é um meio de comunicação privilegiado do nosso tempo e da nossa sociedade.

---

<sup>24</sup> <http://tearfulsilence.blogspot.pt/>

<sup>25</sup> <http://anasofiasantos.com/>

No âmbito da investigação visual efetuada, propõe-se um trabalho de comunicação a partir de um projeto fotográfico, onde se recorre aos registos feitos com uma câmara fotográfica como meio de reflexão, de interação e também de comunicação com o exterior, sobre o bairro social da Boavista.

Enunciam-se, seguidamente, os principais objetivos que estruturam este trabalho:

- Realizar um projeto de comunicação que recorre à fotografia digital usada como um dispositivo de comunicação e interação a partir dos documentos que produz sobre a realidade;
- Desenvolver uma exposição virtual para a apresentação pública do projeto e das imagens resultantes do projeto;
- Estudar a fotografia como espaço de exploração das barreiras psicológicas à compreensão dos lugares e das pessoas que os habitam;
- Explorar as possibilidades de alterar ou modificar as perceções que temos de um bairro social a partir de um visionamento de imagens fixas do mesmo.

## **1.2 As Necessidades de Informação e o Tipo de Pesquisa**

A partir dos objetivos anteriormente enunciados – o conhecimento que as pessoas têm de um bairro e a maneira como um conjunto fotográfico pode alterar as perceções anteriormente formadas, este projeto pretende explorar as virtualidades da imagem para trabalhar as representações sociais e ajudar a transformar o modo como os bairros sociais são geralmente vistos pelo conjunto da sociedade. Precisava-se de ter acesso a um conjunto de dados, fundamentalmente descritivos e avaliativos, capazes de permitir a seleção e posterior caracterização de um conjunto urbanístico e populacional. Assim foi feita uma pesquisa a nível de fontes bibliográficas, que produzissem conhecimento sobre o bairro. Desta procura, surgiu um livro produzido pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e pela Gebalis, onde podemos encontrar a história do bairro. Para apoiar o que é descrito no livro, um vídeo que foi realizado mais recentemente (2011), com depoimentos de alguns habitantes. O blogue do bairro também constituiu uma fonte de conhecimento, por estar atualizado e porque informa sobre o que vai acontecer e o que aconteceu. Ainda foi feita uma pesquisa por imagens, a Agência Lusa e o Arquivo Municipal de Lisboa,

são as duas fontes principais, podemos encontrar imagens históricas bem como algumas mais recentes. Por fim, foi feita uma pesquisa a nível de noticioso em fontes jornalísticas, primeiramente no boletim produzido pela Gebalis, onde se pode encontrar as iniciativas desenvolvidas pelos bairros que estão sobre a alçada desta empresa municipal. De seguida e para termos outra visão, foi feita uma pesquisa assistemática por alguns jornais *on-line*: Público, Correio da Manhã e Diário de Notícias, no período de Março a Setembro de 2015. No Público e no Correio da Manhã, uma das notícias é sobre um cadáver encontrado nas imediações do bairro junto a mata de Monsanto. O Público e o Diário de Notícias, fazem notícias sobre a inauguração da pista de BMX. Para concluir o Correio da Manhã acaba por fazer uma referência indireta, por causa do motorista do ex-primeiro ministro José Sócrates que vive no bairro. Não foram encontradas neste período mais notícias relativas ao bairro.

Este trabalho exploratório foi, portanto, de tipo descritivo, uma vez que “assentou numa clara definição do problema ou oportunidade, numa especificação detalhada das necessidades de informação e dos objetivos” (Oliveira, 2012: 155). Por se tratar de um projeto que teve como finalidade principal pôr uma amostra não controlada de sujeitos a produzir discursos a partir da observação de imagens sobre o Bairro Social da Boavista, a componente de investigação sistemática teve um pendor eminentemente qualitativo.

### **1.3 Pertinência da Investigação**

A escolha deste bairro social em concreto prendeu-se com questões de proximidade afetiva. Há uns anos, tive a oportunidade de desenvolver um projeto que envolvia jovens dessa comunidade e a prática da fotografia. Decorrente deste trabalho criei alguns laços com os habitantes, assim como com as pessoas, externas ao bairro, que trabalham junto desta comunidade. No âmbito deste contacto percebi que as fronteiras que separam o bairro e as pessoas que por ele passam todos os dias são bem mais fortes do que as referências geográficas e de localização, redundando num desconhecimento do lugar no fechamento desta comunidade e dos seus membros sobre si próprios. Demasiadas vezes, como que  *fingimos* que estes bairros e a vida para além da *linha que os delimita* não existem, não mostramos verdadeiramente vontade de os conhecer. Sabemos que estão lá mas, ao mesmo tempo, nada sabemos sobre os mesmos. Estes, são bairros com imensa vida e com uma riqueza cultural e humana própria. A interação que desenvolvi no âmbito

da intervenção que fiz alertou-me para estas questões e deu-me muita vontade de continuar a visitar o bairro, de continuar a conhecer e contactar com as suas gentes e com as diferentes culturas que nele se cruzam. Acima de tudo, senti uma vontade grande de partilhar a minha perceção sobre o bairro, as relações que lá estabeleci, numa aceção documental e de comunicação, para fora do bairro, para além das fronteiras, geográficas e psico-sociais.

#### **1.4 Público-Alvo**

A definição do público-alvo foi um dos passos mais importantes para o sucesso deste projeto. A identificação de quem vai ver e usufruir dele é crucial para abrir fronteiras, tanto para quem vive diariamente no bairro social, como para quem passa ao lado e desconhece as vivências e experiências dos moradores.

Assim, podemos identificar como público-alvo deste projeto as pessoas que vão interagir com as imagens decorrentes do mesmo, através da exposição virtual. Estas pessoas podem, ou não, conhecer o bairro. Algumas passam por ele todos os dias e sabem da sua existência, embora muitas não façam ideia de como ele é, de como se vive nele ou quem são as suas gentes. Para além dos que não têm conhecimento sobre este bairro e poderão vir a *conhecê-lo*, de certo modo, através do *diálogo* que podem fazer com este projeto através das imagens apresentadas, há, ainda, as pessoas que têm uma determinada ideia pré-concebida sobre este bairro em particular, ou sobre os bairros sociais em geral, e que podem, a partir deste projeto, mudar, ou não, as suas conceptions.

As imagens deste projeto, assim como algumas legendas que acompanham as fotografias, serão os elos de ligação com o público-alvo.

Foi realizado um questionário *on-line* (Anexo I), que contém as perguntas e as referidas imagens. O binómio imagens e questionário esteve disponível na *Web* de 17 de Setembro a 05 de Outubro de 2015. Após o encerramento do questionário, as imagens passaram a estar expostas virtualmente em [www.anasofiasantos.com](http://www.anasofiasantos.com) e em <http://tearfulsilence.blogspot.pt/>.

## 1.5 Metodologia

Numa primeira fase, de trabalho de campo no local, procurou-se estabelecer contacto com as pessoas que vivem o bairro (os que moram lá e os que interagem diariamente com o espaço) assim como com o próprio local, por forma a desenvolver-se um projeto de comunicação fotográfica capaz de comunicar com outros públicos e contribuir para o alargamento das fronteiras, físicas e psico-sociais, deste espaço da cidade de Lisboa. Pretendeu-se que fossem as pessoas do bairro a conduzir-nos inicialmente, através das suas memórias, pela sua forma de ver o bairro e pela forma como acham que este é visto pelos de fora. Por isso, recorreu-se sobretudo a pessoas mais velhas.

Terminado o levantamento local, numa segunda fase, de forma a responder às intenções e aos objetivos anteriormente mencionados, foram colocadas *on-line* as fotografias e aplicados dois inquéritos, além de uma ficha de caracterização dos inquiridos. Recorde-se que o objetivo geral do projeto era conhecer a perceção que as pessoas que respondiam ao inquérito tinham à partida sobre o Bairro da Boavista e eventual efeito que o visionamento das fotografias podia trazer para essas mesma predisposições.

O inquérito é constituído por três partes, para além das fotografias. A primeira parte é dedicada à recolha de dados pessoais, como a idade, género, tipo de emprego e formação dos inquiridos. A segunda parte do inquérito é dedicada ao conhecimento que os inquiridos têm do Bairro da Boavista. Esta parte é constituída por duas perguntas fechadas e por duas perguntas abertas. Apenas uma pergunta não é de carácter obrigatório<sup>26</sup>. A terceira e última parte do inquérito é constituída por quatro questões abertas. Esta secção do inquérito têm como objetivo a análise da ideia com que as pessoas ficaram do bairro depois de visionar as imagens, remetendo as perguntas necessariamente para a segunda parte do inquérito. Os inquéritos foram produzidos na plataforma *Google Docs* e divulgados *on-line* através de diferentes meios, como o *facebook*, *mailing list* pessoal e *linkedin*. A aplicação do inquérito decorreu entre 17 de Setembro de 2015 e 05 de Outubro do mesmo ano e foi obtido um total de 127 respostas, tendo participado 84 mulheres e 43 homens, com idades compreendidas entre 19 e os 71 anos.

---

<sup>26</sup> Esta pergunta assume o carácter não obrigatório porque algumas pessoas poderiam não ter qualquer opinião sobre o bairro, não o conhecerem e/ou nunca o terem visitado.

## **1.6 Diário de Campo**

Neste ponto do relatório apresenta-se o diário de campo e ações de desenvolvimento do Projeto realizadas durante os meses em o mesmo decorreu. Nele, pode acompanhar-se as várias etapas do projeto, com os seus avanços e com os seus recuos, as suas dificuldades, as ações programadas e todos os imprevistos. As notas recolhidas no terreno e aqui publicadas aparecem ordenadas cronologicamente, bem como os recursos que foi necessário desenvolver. Alguns destes materiais encontram-se em anexo, sendo esta indicação feita na primeira referência existente a esses materiais.

### **1.6.1 Concretização do Cartaz para Divulgação | 01-03-2015**

Por existir uma necessidade de divulgação do projeto, foi elaborado um cartaz (Anexo II) que tinha como finalidade a difusão do projeto pelo bairro. O cartaz foi realizado no programa Adobe Photoshop e deste cartaz consta uma imagem que tinha sido produzida uns anos antes, aquando de uma visita que fiz ao Bairro. O texto marca as intenções do projeto e pede a colaboração dos moradores. Foi, ainda, dado um título provisório ao projeto, “O meu bairro”.

### **1.6.2 Pesquisa de Notícias | 03-03-2015**

Antes de se visitar o bairro, realizou-se uma pequena investigação quanto às notícias (Anexo III) sobre o mesmo, apoiado no boletim informativo da Gebalis, “O meu Bairro”, que tem notícias sobre a gestão do arrendamento social em bairros municipais de Lisboa. Este boletim é de distribuição gratuita e encontra-se *on-line* no site da Gebalis. As notícias sobre o Bairro da Boavista que constam deste boletim dizem respeito ao período compreendido entre Dezembro de 2013 a Dezembro de 2014. Não foram encontradas notícias mais recentes. Ainda foi feita uma pesquisa assistemática pelos jornais *on-line*: Público, Correio da Manhã e Diário de Notícias (Anexo IV).

Embora estas notícias não cubram a atualidade, são de extrema importância porque vão ao encontro do que se pretende com este projeto. Mostram que um bairro pode ser mobilizado para ações positivas e de interesse, tanto as pessoas como para o conjunto da

comunidade. Antes do contacto com estas notícias, admitia-se a ideia pré-formada sobre o que elas iriam descrever, nomeadamente, a possibilidade que retratassem um bairro em conflito e fechado sobre si mesmo; no entanto, ao ler-se o boletim, deu para perceber que afinal poderia não ser exatamente assim.

### **1.6.3 Primeiro Contacto com a Associação de Moradores | 06-03-2015**

Para se poder avançar com o projeto, foi feito um primeiro contacto com a associação de moradores do Bairro da Boavista, através de *e-mail's*, por forma a marcar-se uma reunião e deixar o cartaz anteriormente referenciado. Foi mostrada total disponibilidade da parte da associação para acolher este projeto e reunir connosco num qualquer dia da semana, das 14:00 às 17:00. Houve, ainda, interesse em afixar o cartaz, para que os associados tivessem conhecimento desta ação.

### **1.6.4 Primeira Visita Exploratória ao Bairro | 11-03-2015**

Nesta primeira visita ao bairro, passámos pela associação de moradores, com duas finalidades: a primeira, para falar com a presidente da associação, Gilda Caldeira, que seria um elemento importante para a ligação com os restantes moradores; a segunda, para poder andar pelo bairro ainda sem fotografar.

Com a presidente da associação, foi deixado o cartaz, tendo-se esta comprometido a afixar nas instalações do bairro. Houve, ainda, a hipótese de conversar com o tesoureiro da associação, Rui Timóteo. Destas conversas informais, pudemos perceber que alguns moradores se veem de forma diferente dos outros moradores, embora todos habitem o mesmo bairro social, sendo que estes não se identificam com os restantes, apenas com uma minoria. Isto é, não se relacionam com os restantes, afirmando que saem de casa para o local da associação, não fazendo qualquer paragem por outro estabelecimento ou até mesmo para fazer conversa de rua. Dizem não querer meter-se em confusões, sobretudo com os elementos da etnia cigana. Afirmam que no passado tiveram de lidar mais de perto e que as coisas não correram pelo melhor. Como é o caso do senhor Rui, que chegou a dar aulas de artes marciais a jovens e acabou por desistir. Quando questionado se queria

participar, afirmou que não, mas no entanto fez sempre referência ao seu passado com orgulho e fez igualmente referência aos filhos e nora, que atualmente estariam bem na vida e que viviam fora do bairro. E que teriam alcançado cursos superiores.

Esta conversa decorreu no espaço da loja social, em que entravam e saíam algumas pessoas. Algumas à procura de alguém, como se a associação fosse um ponto de encontro ou porque iriam trocar alguma peça por outras peças. Este espaço de loja não funciona com dinheiro mas sim por trocas.

Depois das conversas decidiu-se explorar uma parte do bairro, para nesta primeira fase se perceber o ambiente envolvente sem ainda fazer qualquer registo fotográfico.

### **1.6.5 Segunda Visita Exploratória ao Bairro | 16-03-2015**

Nesta nova visita, aproveitou-se para passar novamente pela associação de moradores do bairro da Boavista, com diversas finalidades. Uma delas, saber se alguém teria demonstrado disponibilidade para falar. Desta conversa surgiram novos contactos, entre eles a marcação de um dia para falar com a moradora mais antiga do bairro. Da conversa surgiu, também, a possibilidade de participar numa festa religiosa cabo-verdiana, que iria acontecer no dia 21 de março, um sábado.

Ainda foi possível aceder aos pequenos arquivos fotográficos da associação de moradores do Bairro da Boavista. A maior parte das imagens são as que se encontram no presente relatório, na parte 2. O resto do arquivo, como informaram encontra-se “perdido”, no entanto com estas poucas imagens, foi possível relembrar e retomar algumas memórias. A presidente da associação, Gilda Caldeira, que sempre viveu no bairro, fez uma descrição detalhada de alguns espaços, como a maternidade, as escolas e as casas.

Com isto em mente, decidimos fazer os primeiros disparos de forma exploratória, sem grande intenção de serem registos já finais. Nesta primeira abordagem, e com a máquina ao pescoço, foi possível notar alguma “desconfiança” de alguns moradores pelos quais se passava. Se alguns achavam que poderia ser alguém da câmara municipal para registar a degradação da parte mais antiga, que tem vindo a deteriorar-se mas que está nos

planos da câmara a nova construção. Os que interagem, vão dizendo que não acreditam que é agora que a parte velha do bairro vai abaixo. Outros nada dizem, mas seguem-nos para ver o que está a ser feito.

#### **1.6.6 Missa Cabo-Verdiana | 21-03-2015**

Esta missa realizou-se pelo terceiro ano, foi dito pelo antigo presidente da associação de moradores do bairro, Joaquim Pinto, que se encontrava presente. É uma festa popular em honra de São José, padroeiro da Igreja do Bairro da Boavista. Conta com a organização da comunidade cabo-verdiana residente no Bairro, com a associação de moradores, a paróquia São José, a Junta de Freguesia de Benfica (área cultural), a Câmara Municipal de Lisboa e a 43ª Esquadra da PSP. Ainda foi possível ficar a par de alguns pormenores. Esta missa e almoço realizam-se porque existem “padrinhos”. Estes “padrinhos” são pessoas convidadas, e são sobretudo pessoas que não vivem no bairro mas que estão imigradas noutros países, existindo uma pequena minoria de participantes que moram no bairro. Estas pessoas doam metade do seu ordenado de um mês, para a compra de comida. Enquanto se assiste à missa e procissão que dá a volta pelo bairro, outras pessoas estão no espaço da associação de moradores a preparar a comida que será consumida mais tarde. A missa é dividida entre o padre David Mieirol, da paróquia que habitualmente dá as missas e um padre cabo-verdiano, o padre Manuel Barbosa. Embora tenha algumas semelhanças com a missa católica, também existem algumas diferenças próprias da cultura cabo-verdiana, tais como os cânticos ou a palavra de Deus. Nesta missa podemos verificar que não assistem unicamente pessoas cabo-verdianas.

A procissão serve para abençoar as ruas do Bairro, e por isso percorre as artérias principais. Vê-se um fluxo maior de pessoas a seguir, mas também de pessoas à janela e à porta que seguem assim de forma informal esta procissão. São feitos os primeiros registos fotográficos, uma vez que o ambiente era propício.

O almoço convívio deu para ter mais conversas informais, tanto com o padre David Mieirol, que é um padre recém-chegado ao Bairro da Boavista, como com algumas pessoas ligadas à junta da freguesia. O ambiente era descontraído, mas dividido. O almoço foi realizado no espaço da associação de moradores e com isto fez com que algumas pessoas

ficassem de um lado e outras noutro lado, divididas por salas. Se até então a festa era comemorada em conjunto, ao almoço houve uma clara separação.

### **1.6.7 Pelas Memórias da Moradora mais Antiga do Bairro | 23-03-2015**

Como anteriormente foi referido, tinha ficado agendado uma entrevista ainda que informal com a moradora mais antiga do Bairro, a senhora Celeste Laje (Anexo V). Como a associação tem as portas abertas, outras moradoras entraram e acabaram por participar. Todas elas repetiram vezes sem conta “que naquela altura é que eram felizes”, isto ao verem imagens de quando o bairro foi construído. Todas têm na memória como as ruas eram, como as flores alegravam os espaços e que atualmente não existe nada disso. Afirmam também que eram pobres mas que eram muito felizes, e embora as condições das casas tenham melhorado, a vizinhança perdeu-se. Atualmente muitas delas não conhecem os vizinhos. Esta geração mais velha mantém apenas ligações com os outros habitantes do bairro que cresceram nesse espaço. Quanto aos novos que foram aparecendo ao longo dos anos, mantêm alguma distância. Ainda houve tempo para recordar alguns moradores já falecidos, que apareciam em algumas fotografias, recordação essa pautada pela saudade.

Com estas memórias e locais em mente (a igreja acaba por ser um ponto importante na recordação dos moradores mais antigos do bairro), partiu-se à procura desses pontos (entre outros).

### **1.6.8 Exploração Fotográfica do Bairro | de 06-04-2015 a 14-06-2015**

A partir do dia 6 de abril, a exploração fotográfica do Bairro foi mais consistente. Foram escolhidos horas e dias diferenciados para o visitar. Desde a madrugada (6 da manhã) até ao final do dia, passando pelos fins de semanas, dias de semanas ou até feriados. Visitando alguns estabelecimentos, como cafés, e assim conseguindo alguma interação com alguns moradores, que não sabiam da finalidade deste projeto. Ainda percorremos neste espaço de tempo até ao dia 14 de Junho, a parte mais antiga, a mais nova e o que fica no entorno (como certas zonas do Parque Florestal de Monsanto).

A desconfiança dos moradores foi sempre uma constante, embora tenham sido usadas abordagens para uma melhor integração como: o “bom dia”, que se perdeu, mas que era tão típico há alguns anos atrás. Alguns respondiam, mas sempre com ar desconfiado.

### **1.6.9 Primeira Avaliação das Imagens | de 01-07-2015 a 31-07-2015**

Neste espaço de tempo e já com grande parte do material fotografado, fez-se a primeira edição das imagens. Primeiro, a seleção de imagens que poderiam constar como finais e, mais tarde, o tratamento de imagens. Os *softwares* usados foram o Adobe Bridge, para a seleção e organização das imagens, e o Adobe Photoshop para o tratamento das imagens.

Deu-se, igualmente, algumas reuniões com o orientador, o Professor Doutor José Cavaleiro Rodrigues. Nestas reuniões, foi preciso reavaliar o material fotografado. Por um lado, as imagens mostravam o isolamento, sem pessoas e espaços vazios, por outro lado as imagens mostravam o que as pessoas já conheciam destes géneros de bairros. A intenção do projeto passa por mostrar o outro lado do bairro, aquele a que não estamos habituados. Assim apercebemos que tínhamos desviado das intenções iniciais do projeto, e começado a fotografar o lado do bairro que tantas vezes lemos, vemos e ouvimos nas notícias. Assim algumas imagens acabam por não fazer parte do projeto e foi preciso voltar para fotografar.

### **1.6.10 De Volta ao Bairro | 02-08-2015**

Como foi referido anteriormente, tornou-se urgente abordar outras questões do bairro que até então ainda não tinham sido fotografadas. Assim, dirigimo-nos à Capela de São José, visto ser um símbolo de grande importância do bairro. Acabada a missa, pudemos conversar novamente com os moradores e perceber então quem teria casado nesta igreja. Mais uma vez, houve oportunidade de percorrer memórias de como era a igreja antes de alguns alterações e de como os moradores só poderiam obter casas se fossem casados. A ponte de contacto e fácil intervenção acabou por ser feita com o Padre David Mieirol. Uma

paroquiana levou-nos numa pequena visita apontando os locais onde estavam os antigos vitrais, que agora não existem, o que foi acrescentado para lá do altar.

Este grupo de pessoas foi o que mais se mostrou à vontade para ser fotografado, depois da missa acabada e de algumas fotos tiradas, ainda foi possível ficar à conversa. Por ser sábado, existem algumas vendas na rua, que não são autorizadas. Ficou-se a saber que também não eram pessoas do bairro que as faziam, quando foi abordado este assunto. Por isso, o comércio realizado em lojas, foi um ponto a ser abordado fotograficamente.

### **1.6.11 Os Transportes do Bairro | 08-08-2015**

Nesta altura e já tendo em mente o que teria sido fotografado e o que faltava fotografar, a concentração foi para outros aspetos como é o caso dos transportes. Os transportes, que tiveram um impacto significativo na vida do bairro. A possibilidade de entrar e sair, do bairro, pelas diversas estradas que circunscrevem o bairro, tornando-o assim menos isolado aos olhos dos moradores.

Neste dia ainda nos cruzamos com uma antiga formanda (e a razão principal porque escolhi este bairro quando o visitei das primeiras vezes). Vinha de um acampamento promovido pela junta de Freguesia de Benfica. Era notória a felicidade, pela semana que passou fora do bairro.

Nesta altura aproveitou-se para analisar, seleccionar, e editar as imagens feitas até à data.

### **1.6.12 A Pista de BMX | 09-08-2015 e 13-09-2015**

Nestes dois dias, que acabam por ter um mês de diferença, o destaque acabou por ser a pista de BMX. No dia 9 de agosto ainda não tinha sido inaugurada, mas a obra já estava concluída e nela já andavam pessoas. Aproveitou-se para fazer uns registos, e constatou-se que quem andava nelas não eram moradores do Bairro.

Ao visitar o *site* da Junta de Freguesia de Benfica, pôde verificar-se que no dia 13 de setembro iria inaugurar a primeira pista Municipal de BMX na cidade de Lisboa. Ficou marcada pela presença de muitos atletas de várias partes do país e das mais altas entidades (como os administradores da Gebalis, os vogais da Junta de Freguesia de Benfica; da Educação e vários vogais da associação de moradores do Bairro da Boavista).

Tornando-se assim num evento de relevo e de grande importância para a vida do Bairro, foi possível fotografar e obter alguns registos deste evento.

### **1.6.13 Edição e Finalização da Escolha das Imagens | 17-09-2015**

O projeto fotográfico deu-se por concluído. Primeiramente, fez-se uma escolha das possíveis imagens, que ainda eram uma centena, para de seguida se estreitar ainda mais e assim chegar a um número razoável em função dos objetivos. A escolha do número de imagens que fazem parte do projeto torna-se importante, visto que o tempo de atenção que despendemos na internet é limitado. Depois das imagens finais estarem escolhidas, foram ordenadas por uma sequência lógica por forma a contar uma história. A algumas das imagens foi acrescentado um título. Foi estruturado o questionário, e assim neste dia o questionário foi publicado *on-line*.

## **2 Objeto de Análise**

Neste ponto do relatório, apresenta-se as imagens finais que fazem parte deste projeto fotográfico bem como a numeração e as legendas que acompanham as imagens.

## 2.1 Seleção de Imagens



Figura. 15 | 1. O Bairro.

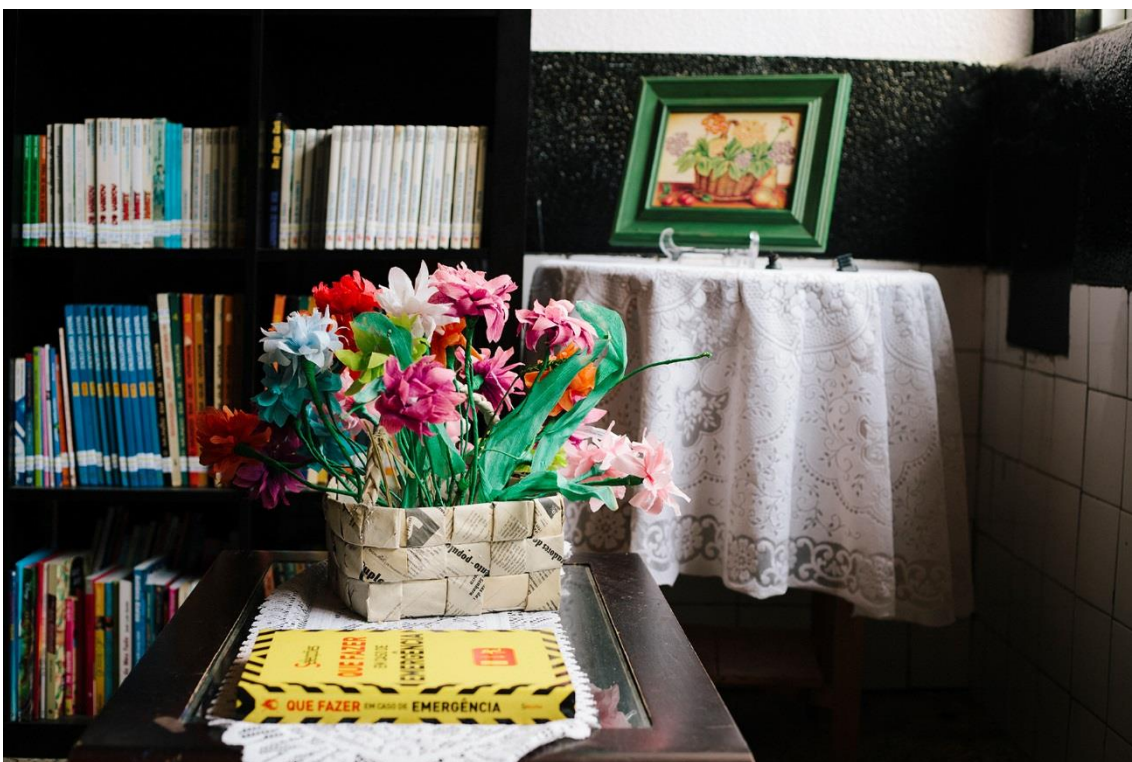


Figura. 16 | 2.



Figura. 17 | 3. Memórias.



Figura. 18 | 4. “No conforto pobrezinho do meu lar, há fartura de carinho”. Fonte: Reinaldo Ferreira.



Figura. 19 | 5. Missa organizada e apadrinhada pela comunidade Cabo-Verdiana do Bairro.



Figura. 20 | 6.



Figura. 21 | 7. “Numa casa portuguesa fica bem, A alegria da pobreza”. Fonte: Reinaldo Ferreira.

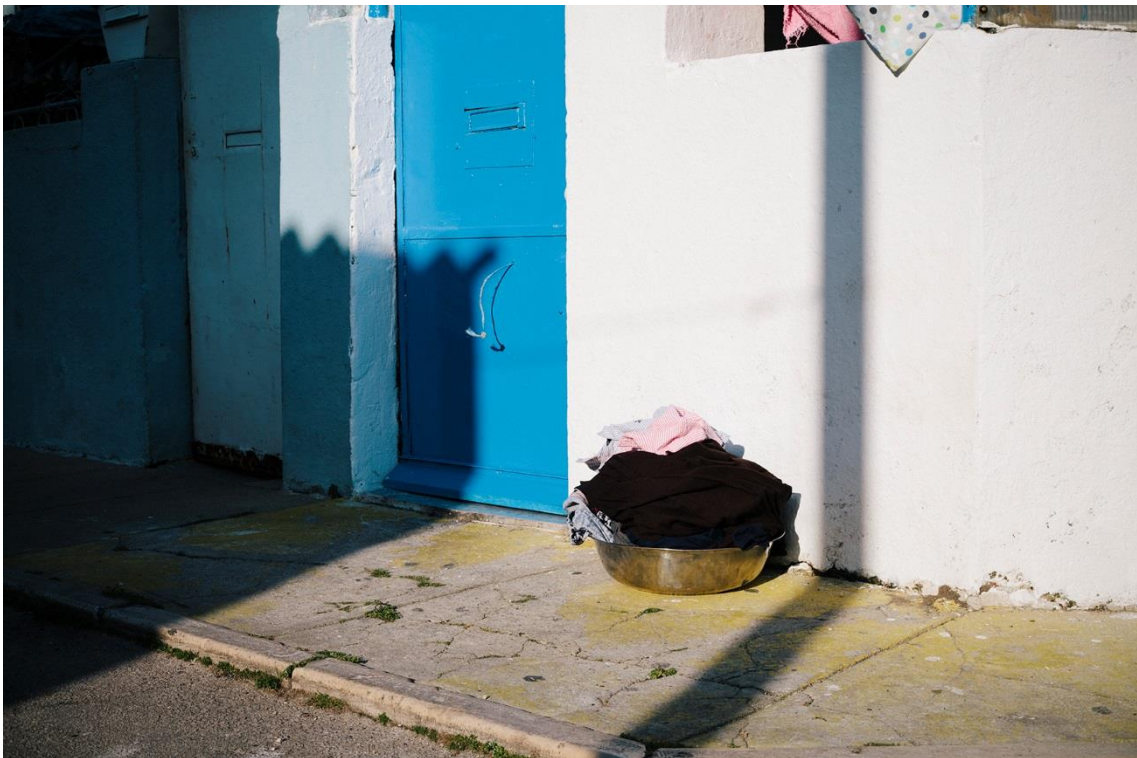


Figura. 22 | 8. “Roupa no monte a corar, Vê lá bem tão branca e leve”. Fonte: Raul Portela.



Figura. 23 | 9. Uma forma de resolver os problemas....



Figura. 24 | 10.



Figura. 25 | 11. São José.



Figura. 26 | 12. “Casei-me nesta igreja faria 45 anos, este ano” Dona Ermelinda, moradora.



Figura. 27 | 13. Padre e Diácono.



Figura. 28 | 14. Aqui convive-se.



Figura. 29 | 15. Aqui trabalha-se.



Figura. 30 | 16. Elisandra, voltou de um campismo promovido pela junta de Freguesia de Benfica.



Figura. 31 | 17.



Figura. 32 | 18.



Figura. 33 | 19. Monsanto.



Figura. 34 | 20.



Figura. 35 | 21.



Figura. 36 | 22.



Figura. 37 | 23.

## PARTE 4 | ANÁLISE DE RESULTADOS

### 1. Dados Recolhidos

#### 1.1 Apresentação e Discussão dos Dados

Neste subcapítulo é apresentado o perfil dos respondentes ao questionário, com base nas seguintes variáveis de caracterização: faixa etária, género, concelho de residência, tipo de emprego e formação.

Relativamente ao género dos inquiridos 84 respostas foram dadas por mulheres, versus 43 respostas por parte de homens (Gráfico 1).

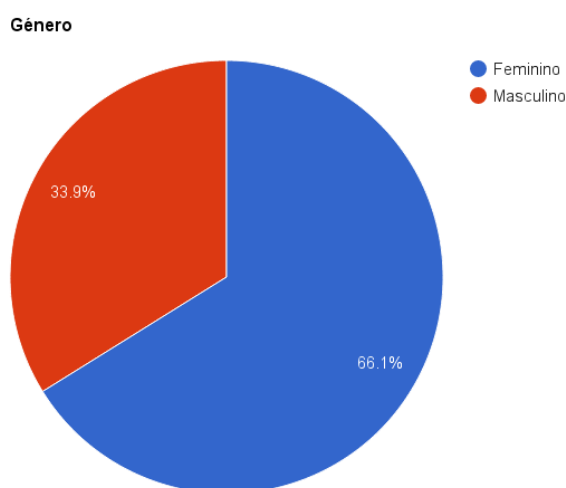


Gráfico 1 | Distribuição das Respostas por Géneros dos Inquiridos

Em termos de idade, estas variam entre os 19 anos e os 71 anos sendo a média de idades de 34 anos. (Gráfico 2).

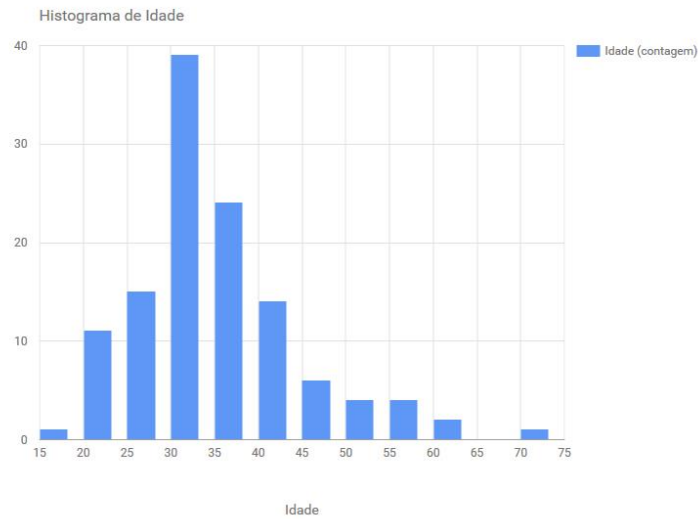


Gráfico 2 | Distribuição das Respostas por Idades dos Inquiridos

Quanto à formação dos inquiridos, podemos constatar que 48% (61 pessoas) é licenciada. Seguidamente, com 29,1% (37 pessoas), são possuidores de mestrado ou doutoramento. É de salientar que ninguém com formação ao nível do ensino primário completo (primeiro ciclo) ou menos e com formação de ciclo preparatório completo (6 anos ou equivalente ao segundo ciclo), respondeu a este inquérito (Gráfico 3).

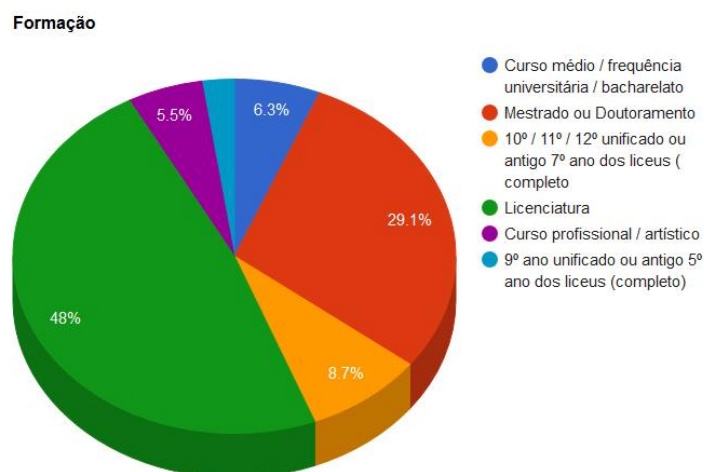


Gráfico 3 | Distribuição das Respostas por Formação dos Inquiridos

Em relação ao tipo de emprego, 42,5% (54 pessoas) os inquiridos são quadros superiores, isto é, engenheiros, arquitetos, professores, entre outros. Os restantes grupos profissionais aparecem bastante equilibrados em termos percentuais (Gráfico 4).



Gráfico 4 | Distribuição das Respostas por Tipo de Emprego dos Inquiridos

Como se pode ver pelo Gráfico 5, a maioria dos inquiridos reside na zona de Lisboa, 34,6% (44 pessoas). Os restantes estão situados nas periferias, como Sintra, Cascais, Oeiras e Setúbal. Pelo resto do país e mesmo fora dele estão os restantes inquiridos.

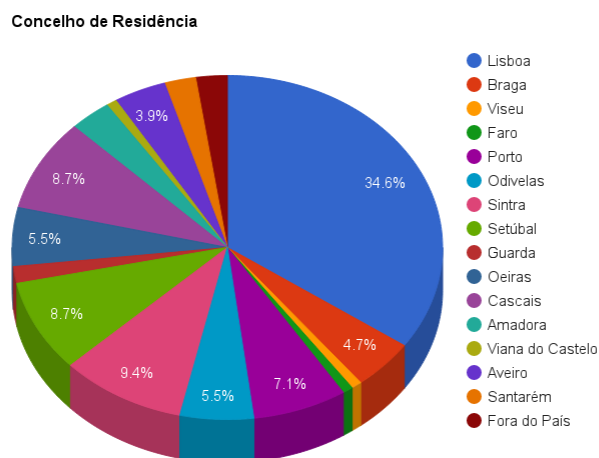


Gráfico 5 | Distribuição das Respostas por Concelho de Residência dos Inquiridos

### 1.1.1 Questionário Prévio à Visualização das Imagens

Do questionário prévio constavam quatro perguntas: duas de respostas abertas e duas de respostas fechadas. Nesta fase os inquiridos não tiveram acesso às imagens, o intuito passava por saber até que ponto conheciam ou haviam ouvido falar do bairro.

A pergunta “Conhece o bairro?” (ver Anexo I) tinha duas hipóteses de escolha. Verificamos que 76,5% (96 pessoas) não conhece o bairro e que 24,4% (31 pessoas) diz conhecer o bairro (Gráfico 6).

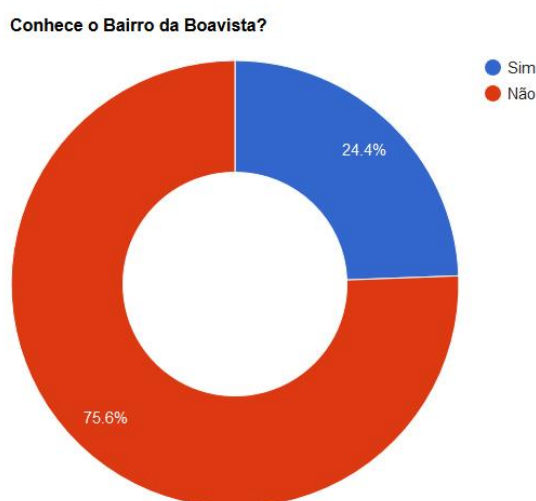


Gráfico 6 | Respostas à Pergunta: Conhece o Bairro da Boavista?

Relacionando estes dados com a pergunta aberta, “O que sabe do Bairro?” (ver Anexo I), a maioria dos inquiridos (64 pessoas) respondeu “nada saber”, mesmo que algumas na pergunta anterior tenham respondido positivamente. Algumas pessoas que responderam na questão anterior que não conheciam o bairro, a esta resposta disseram “Creio que fica para os lados de Benfica.” (quadro superior, 41 anos) ou “Apenas (por ouvir dizer) que se trata de um bairro problemático” (quadro superior, 34 anos).

As pessoas que responderam positivamente à pergunta anterior são as que mais sabem sobre o bairro. A larga maioria porque teve algum contacto no passado “Bairro onde estagiei como professora. População maioritariamente oriunda do antigo bairro de "barracas" entre Pina Manique e Algés. Maioritariamente oriundos de Cabo Verde”

(quadro superior, 55 anos) ou “Sei que alguns dos seus moradores têm como *hobbie* a columbofilia e que em tempos conviviam com o embaixador do México, cuja embaixada fica adjacente e que também era um apaixonado da modalidade” (quadro superior, 35 anos).

Mas das pessoas que dizem conhecer, ainda há respostas menos favoráveis, como “Bairro social com alguns problemas típicos dos bairros sociais, mas penso que não será dos que têm mais agressividade nem marginalidade” (quadro superior, 44 anos). E muitas das respostas vão no sentido de enfatizarem a questão de este poder ser um “bairro problemático”.

Também há pessoas que só passam pelo bairro sem manter grande contacto e assim apenas o veem de fora: “Só o conheço de passar por lá de autocarro, mas já lá não passo desde o princípio deste ano. Tem sido pintado e arranjado e tem agora muito melhor aspeto do que tinha nos primeiros anos” (estudante, 21 anos).

Ainda existem aqueles que não conhecem ou não sabem a localização do bairro e provavelmente o estão a confundir com outro bairro social “Pouco sei. A minha irmã mora lá e tem um café que gere na zona e é pertinho do IKEA, com bons acessos” (trabalhador não qualificado, 29 anos). Outra pessoa questiona “é no Porto?” (quadro superior, 31 anos).

Em relação à questão, “Alguma vez visitou o bairro?” (ver Anexo I), a larga maioria 89,8% (114 pessoas) disse que não, contra 10,2% das pessoas que afirmam já o ter visitado (Gráfico 7).

Alguma vez visitou o Bairro?

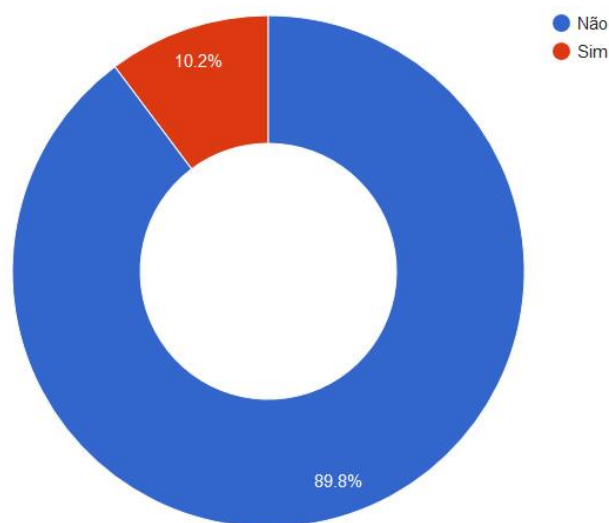


Gráfico 7 | Respostas à Pergunta: Alguma vez Visitou o Bairro?

O que nos leva à pergunta seguinte, “Qual é a opinião que tem do Bairro? E sobre as pessoas que lá vivem?” (ver Anexo I). Das pessoas que responderam positivamente à pergunta anterior, a maior parte não quer falar em generalizações, “não lhe fazem justiça. Sofre, sobretudo, pelos equívocos das políticas de requalificação de bairros e populações, mesmo quando genuinamente bem-intencionadas. Hoje será, talvez, ainda um pouco mais multirracial do que quando comecei a frequentá-lo nos anos 90. Sem querer ferir a dignidade das pessoas que o habitam, não é o que julgo possível que pudesse ser. A vida não deveria ser sempre um círculo que se fecha” (empresário, gestor ou profissional liberal, 42 anos). Ou ainda, “Bairro bem cuidado pelos seus habitantes, que logo pelas primeiras horas da manhã vemos na correria diária para os seus empregos. Boa gente humilde, simples e na sua maioria simpáticos.” (não ativo, 38 anos). No entanto, outras pessoas fazem uma análise quanto aos problemas de integração que a população que lá habita terá e “problemas com famílias desestruturadas, desemprego, marginalidade, entre outros. A outra parte terá uma vida dentro da normalidade. (quadro superior, 31 anos).

Novamente a maioria, 95 pessoas, mesmo nunca tendo visitado o bairro, diz não ter qualquer opinião nem sobre o bairro e nem sobre as pessoas que lá habitam. Alguns inquiridos dizem que não podem fazer juízos porque nunca lá foram.

Mas algumas pessoas que nunca foram ao bairro, tem uma opinião ou perceção sobre o mesmo “Penso ser um bairro fechado, e que apresenta alguma degradação de

infraestrutura e social.” (quadro superior, 35 anos) ou “Penso que não é muito bem frequentado” (quadro superior, 29 anos). A palavra “penso” é a mais usada para descrever aquilo que os inquiridos acham que poderá ser, sem grandes certezas. Quase que como uma generalização de como deverão ser todos os bairros sociais, com pessoas com rendimentos baixos, alguns marginais, poucos estudos e abandono escolar, entre outros problemas sociais. Ainda existem os inquiridos que dizem que não podem dar uma opinião porque nunca lá estiveram ou porque não conhecem, mas no entanto, acabam por ter uma opinião “Mas pelo que oiço e de imagens que vi, é um bairro muito pobre, algo decadente, com pessoas de classe baixa, com poucos ou nenhuns estudos e pouco interessadas na vida, sem motivação e sem objetivos” (quadro superior, 32 anos).

Embora a maior parte dos inquiridos viva em Lisboa ou arredores, desconhece por completo este bairro social. Mesmo sendo o Bairro da Boavista um bairro situado em Lisboa, este encontra-se de certa forma isolado do que é a vida na cidade.

Em suma, é um bairro pouco conhecido pela maior parte dos inquiridos. Apenas uma pequena percentagem o conhece e ainda uma percentagem mais pequena alguma vez teve um contacto direto com o mesmo. A sua localização por vezes torna-se dúbia. Mesmo algumas das pessoas que tiveram ou ouviram falar do bairro, veem-no como um bairro problemático. Se alguns inquiridos dizem haver pessoas boas e más como em qualquer lado, muitos deles referem que são pessoas com mais dificuldades, sejam de carácter social ou pessoal. É a opinião geral que se consegue tirar por estas questões.

### **1.1.2 Questionário Posterior à Visualização das Imagens**

Nesta fase do questionário, os inquiridos já viram as imagens. O questionário é constituído por quatro perguntas abertas. A primeira questão “Gostou das fotografias” (ver Anexo I), serviu apenas de introdução, daqui não se queria tirar nenhuma conclusão. O que nos leva para a questão seguinte “Houve alguma(s) que tenha gostado em particular? Porquê?” (ver Anexo I). A imagem que mais chamou a atenção dos inquiridos foi a última, a que tem escrito na parede “não tenho medo de ser feliz”, um dos motivos mais apontados “é o problema de muitos de nós. Não nos permitimos a ser felizes. A incitação ao ‘não medo’ deve ser gritada para que inspire outros a também eles ‘não terem medo’ e Viverem” (técnico especializados, 35 anos). As pessoas acham que retrata uma

vontade imensa de lutar pela felicidade, apesar das agruras do quotidiano, assim identificam-se com o que está escrito e transpondo quem sabe para a sua vida pessoal, “pois até nem podemos ter muita coisa para dar mas o carinho, humildade e outros afetos contam muito mais” (técnico especializados, 27 anos).

Outra das imagens mais comentadas foi a imagem 9, que tem alguns tijolos a tapar um buraco no chão, esta imagem tinha a legenda “Uma forma de resolver os problemas...”, ajudando assim quem via a interpretar a imagem. Neste caso, os inquiridos viram os habitantes como pessoas que partem para a ação e que não ficam à espera que alguém resolva o problema, e assim remediam como lhes é possível aquele espaço, que também é deles. “Demonstra uma comunidade unida em resolver os seus problemas do quotidiano” (quadro superior, 35 anos). Veem, portanto, os habitantes como pessoas com força e vontade, e que mesmo tendo pouco, resolvem um problema que faz a diferença no bairro.

A imagem 3, que tem um quadro antigo do lavadouro do bairro, uma bola, flores de plástico, a imagem 4, que tem somente um pormenor de um cabide em forma de corações com várias cores e a imagem 2, que tem uma mesa e em cima dela flores de plástico, foram também das imagens mais apreciadas e comentadas. As pessoas destes pormenores que na verdade não nos situa (nada diz que é uma casa ou um espaço comunitário), tiraram elações. A imagem 3 tinha uma legenda “Memórias” e a imagem 4 tinha uma parte da letra da música de Amália “no conforto pobrezinho do meu lar, há fartura de carinho” sendo que a imagem 2 não tinha qualquer legenda. “As fotografias do interior das casas porque, embora por fora o bairro não seja bonito e revele indícios de pobreza, o interior das casas têm um ar acolhedor, Vê-se o amor e carinho de quem lá vive, por todos os pormenores da decoração” (empregado dos serviços, 34 anos). É de ressaltar que as imagens 2 e 3 representam a associação de moradores do Bairro da Boavista, e não o interior de uma casa. Mas como quem vê não tem essa indicação deduziu que estaria a ver o interior de uma casa até houve comparações “porque faz lembrar a casa da minha avó, incluindo o napperon que está sobre a mesa...” (empresário, gestor ou profissional liberal, 34 anos). No entanto, quem as olhou viu simplicidade, e a beleza nas coisas mundanas e do quotidiano.

A fotografia 8, a da roupa a secar ao sol, que tinha como base um excerto da música de Beatriz Costa, "Roupa no monte a corar, Vê lá bem tão branca e leve", acaba por ser

também uma das imagens referidas por muitos dos inquiridos. Alguns dizem: “Porque em Lisboa não é muito comum ver-se este tipo de coisas” (estudante, 23 anos). Há quem se reveja, porque demonstra a realidade comum a todos nós que temos roupa seja para lavar ou estender.

A imagem de Monsanto (19) que tinha o mesmo título, acaba por ser o espaço exterior e verde mais elucidado, seja pela luz ou porque “Eu brincava num parque infantil nessa zona em pequena” (trabalhador qualificado, 27 anos).

No geral, as pessoas acham que as imagens mostram um pouco do bairro e do seu dia-a-dia, com o convívio no café, do trabalho, os espaços verdes e os rostos, que descrevem como sorridentes. Identificando-se com algumas cenas vistas nas imagens “Gostei da do senhor a passear o cão. É uma imagem que não deixa de me ser familiar, do típico senhor de boina e camisa xadrez, de alguma forma parece já ter visto esta imagem muitas vezes” (empresário, gestor ou profissional liberal, 31 anos).

Há quem faça as suas próprias interpretações das imagens e que as transporte para o estado atual da vida dos portugueses: “A habitação com várias bandeiras de Portugal. Sendo um bairro de cariz social aparentemente, acho curiosa a forma como alguém que é constantemente deprimido por este estado, consegue demonstrar tamanho patriotismo” (não ativo, 29 anos).

Algumas pessoas acham que as imagens demonstram uma perspetiva do bairro. Que denotam a riqueza do bairro, que vai para além da visão que poderia conduzi-los ao preconceito. Que tem pessoas com coragem que lutam e se apoiam para melhorar o espaço que é de todos, mesmo sendo um bairro social.

A terceira questão dizia respeito a: “Além deste conjunto de imagens imaginaria outras que retratassem igualmente o bairro e os seus moradores? Com que temas?” (ver Anexo I). Um dos temas mais referido são as brincadeiras das crianças na rua “Crianças a brincar nas ruas aos jogos de outrora, sem consolas ou tecnologias” (quadro superior, 32 anos). Como se os inquiridos estivessem a transpor memórias dos seus tempos em que brincavam na rua e as ruas estavam cheias de crianças da mesma idade para brincar. Outro dos temas que gostavam de ter visto era a noite no bairro, pela curiosidade de que acontecerá à noite num bairro social.

Por outro lado, há quem quisesse ver mais a *desgraça* “deve haver prédios com as janelas partidas e as paredes e as portas grafitadas” (estudante, 23 anos). Alguns inquiridos achavam mais justo mostrar, os problemas sociais do Bairro da Boavista, como a marginalidade ou a degradação do local.

E há quem surgira como os moradores deveriam ocupar os seus tempos livres: “para pessoas com pouca ocupação profissional, seria interessante trabalharem em hortas urbanas, pequenas produções de agrícola biológica” (quadro superior, 44 anos). Também gostariam de ver o convívio entre moradores, por exemplo, a jogarem as cartas. É uma ideia provavelmente pré-concebida que tem de alguns locais, mas que neste caso é algo que não é visto a acontecer nos jardins do bairro.

Passando à última questão que era: “Estas minhas imagens mudaram de algum modo a opinião que já tinha do bairro e das pessoas? Em quê?” (ver Anexo I), grande parte respondeu que “não”, alguns porque não conheciam o bairro e como tinham anteriormente uma opinião formada, dizem que não mudou mas que ficaram curiosos sobre o local. “Não conhecendo o bairro, o que aconteceu foi que tomei através das imagens contacto com a humanidade das pessoas residentes. Parece-me um bairro tranquilo. Talvez não tenha essa conotação, mas é assim que se me apresenta. Um bairro ‘quente’ de humanidade” (técnico especializados, 35 anos). Alguns sabiam tratar-se de um bairro social e por isso imaginavam que as condições sociais não fossem as melhores, no entanto, através das imagens ficaram com a ideia de uma comunidade unida e que tenta preservar o pouco que tem, confirmando assim que nem tudo é mau. “Não conhecia o bairro, mas transmitem uma sensação oposta àquela que nos vem à cabeça quando pensamos em bairro social. Quando pensamos no conceito de bairro social pensamos nalguma agitação, muita gente na rua, alguma marginalidade e estas imagens contrariam esse pré-conceito. Mostram um bairro calmo, como qualquer outro, com a sua vida própria...” (técnico especializado, 23 anos).

Há quem refira sobre as realidades que desconhecem, “desumanizamos o que não conhecemos e principalmente o que tememos, ainda bem que existe quem nos traga um cheiro de verdade aos olhos” (empresário, gestor ou profissional liberal, 29 anos). Logo para algumas pessoas as imagens trazem algo de palpável e a realidade do bairro parece bastante acessível, simpática e até familiar.

Para outro conjunto de pessoas, de certa forma mudou, “pelo simples facto de não conhecer o bairro a sério, só o conhecer pelo que se ouve dizer dele, as imagens permitem-me conhecê-lo melhor. E, assim, posso formar a minha própria opinião e a confrontá-la com o que se ouve dizer” (empresário, gestor ou profissional liberal, 33 anos).

Mais do que ajudar a mudar, as imagens ajudaram a criar uma opinião, uma vez que, desconhecendo o bairro, estas evidenciaram as características socioculturais, religiosas e arquitetónicas do bairro. Dos habitantes passa a ideia de que são pessoas simples e otimistas, a cultura africana e neste caso a cabo-verdiana foi uma surpresa para alguns inquiridos, não fazendo ideia que poderia estar tão enraizada no bairro.

“Sim, acho que mudaram a minha opinião sobre o bairro, aqui não parece um bairro com violência” (quadro superior, 30 anos). Foi um sentimento quase que geral, a falta de imagens sobre a degradação e a miséria do bairro. No entanto, este projeto não tinha esse objetivo de fotografar aquilo que a partida todos nós já conhecemos. E mesmo já sabendo que há quem quisesse ver isso retratado.

### 1. Conclusão Reflexiva sobre o Trabalho Realizado

Vivemos num mundo que nos faz estar cada vez mais rodeados de imagens. E estas imagens chegam-nos através de diferentes meios de comunicação. Supostamente, o nosso conhecimento sobre a sociedade hoje em dia é maior. Assim, este projeto explora a relação entre os indivíduos, a imagem e as suas perceções.

Quando a fotografia surgiu o seu exponencial era mais limitado e não conseguia chegar a toda a sociedade da época. Hoje em dia não podemos dizer isso. Temos cada vez mais meios para saber o que se passa do outro lado do mundo. Esta informação, pode chegar através de fotografias. Temos inúmeros projetos, como o World Press Photo, o World Photography Organisation (WPO), entre outros que nos dão conta do que se passa pelo mundo: as guerras, as catástrofes naturais, ou os problemas da sociedade moderna. Hoje existe uma grande facilidade em manipular, editar e difundir a imagem. Por assim dizer, a fotografia ganha um novo impulso que a populariza e a torna mais presente na vida quotidiana (e, muitas vezes, viral).

O papel do fotógrafo na sociedade, tornou-o mais ativo para denunciar injustiças sociais. Se, no início da história, o fotógrafo estava preso a uma máquina de grande formato, de difícil transporte e os trabalhos eram por encomenda, isso muda a partir do momento em que a máquina se torna mais fácil de transportar. Para além dos retratos e das paisagem, um novo olhar surge. A fotografia ultrapassa o poder temporal e simbólico e assume na sociedade moderna uma representação de momentos, de lugares, de objetos, de pessoas e permite-nos lembrar outros tempos. Desta forma, o fotógrafo está a criar memórias, documentando.

A fotografia é, assim, uma das formas modernas que melhor encarna o prolongamento das “artes da memória”, diz Dubois (1992), isto é, pode ser entendida como uma máquina, feita de câmaras (os lugares) e de revelação (as imagens). A fotografia foi e continua a ser um fenómeno que revolucionou não só a memória individual, como a sociedade e o pensamento. A conceção e visão do mundo alteraram-se a partir da chamada visão imparcial, precisa, metódica, inequívoca, que em muito contribuiu para a evolução tecnológica, informativa, dedutiva, e histórica do campo social.

Portanto, projetos como aquele que aqui se apresenta poderiam ser aplicados em múltiplos aglomerados com características idênticas, igualmente carenciados. Somos constantemente influenciados pelos meios de comunicação. As notícias que temos sobre os bairros sociais não costumam ser as mais abonatórias. Somos bombardeados com as desgraças, a vida difícil, a droga, e outras questões sociais. Mantemos assim uma distância física e psicológica dos bairros sociais. São locais a que nunca vamos querer ir, só temos contacto com eles em casos necessários. O que acaba por fazer com que o nosso conhecimento efetivo sobre os mesmos seja diminuto. Um projeto deste género, e divulgado a uma escala maior, poderia ser uma forma de combatermos os estigmas que temos em relação aos locais e às pessoas.

Em relação ao Bairro da Boavista, que foi o bairro que aqui estudamos, podemos dizer que muitos não sabem nada do bairro, desde a localização ou até terem visto/ouvido alguma notícia sobre o mesmo. Embora seja um dos bairros sociais de Lisboa mais antigos, este está ainda nos dias que correm isolado e fechado sobre si próprio. Se houve outros bairros que se tornaram conhecidos, pela sua extrema violência ou pelos filmes neles feitos, o Bairro da Boavista não apresenta essas características. O Bairro da Boavista revela a existência de problemas sociais, normalmente associados aos extratos da população de classe média/baixa e pobre. O crescimento urbanístico, as migrações e consequentemente o aumento populacional originou a existência de uma heterogeneidade cultural e de realidades económicas distintas.

Dos inquéritos aplicados podemos concluir que algumas pessoas, mesmo não conhecendo o bairro, têm sobre ele algumas ideias pré-concebidas. Nomeadamente sobre a marginalidade, agressividade, problemas sociais, ou a degradação nele existente. E mesmo os poucos que o conhecem também dizem ser um bairro com má fama. E esse era um dos objetivos, saber se as pessoas fazem ideias pré-concebidas sobre locais a que nunca foram.

Não se pode dizer que todos os inquiridos que viram as imagens e que responderam ao inquérito tenham mudado de opinião, mas pode-se dizer que lhes trouxe uma nova visão sobre o mesmo. Provavelmente não saberiam que o bairro poderia ser tão rico e diversificado. As pessoas que viram, acharam que eram felizes pelo sorriso, os que pensaram ver o interior de uma casa associaram a outros tempos e às casas dos avós, os

cães são iguais aos seus ou dos vizinhos, por isso o bairro pode ser neste caso encarado como um espaço idêntico aqueles com que nos relacionamos diariamente.

Este projeto ainda teve como finalidade mostrar o outro lado. O lado que não estamos habituados a ver. Sem querer mascarar algo que existe (a violência, os espaços degradados, o vandalismo, entre outros) a ideia foi mostrar o que de melhor se faz no bairro, ou pelo menos a normalidade que caracteriza a vida de muitos. Como a missa e o convívio que sucede a partir de crenças religiosas. A primeira pista de BMX no concelho de Lisboa, que trouxe e trará no futuro para dentro do bairro pessoas de várias partes do país. Embora através do inquérito nos tenhamos apercebido que haverá sempre quem queria ver a desgraça alheia, algumas pessoas disseram mesmo que sentiram falta dessas imagens. Mas questionamos não estaremos habituados a ver isso todos os dias nos telejornais, por exemplo? Não vimos essas imagens vezes sem conta em projetos de larga escala e em exposições, físicas ou virtuais? Assim porque motivos continuamos a querer ver, o que de pior existe?

Ao fazer este projeto fotográfico e ido ao local, foram surgindo questões, como quantos locais terão uma piscina em tão bom estado? Quantos locais terão um campo de futebol ou uma pista de BMX? Para quem mora fora deste bairro social, certamente nem sempre encontra muitas destas condições. Não se quer dizer que morar num bairro social seja fácil, que não haja conflito e os problemas considerados típicos. Mas os próprios conflitos por exemplo com os vizinhos do prédio não acontecem? Não é algo exclusivo dos bairros sociais.

Não se pode dizer que a tensão e o peso que as palavras “bairro social” acarretam não influenciaram o estado de espírito para fotografar. Mesmo sendo um bairro grande, não se deixa de ser uma pessoa estranha ao meio envolvente. Mais, carregar uma máquina de grande porte e que atrai atenções também criou de certa forma uma barreira. Os olhares desconfiados, surgiram... mas que algumas vezes foram quebrados com um boa tarde.

No entanto, a associação de moradores foi uma ponte importante para chegarmos a fala com alguns moradores. Das conversas informais com os moradores percebemos as singularidades do Bairro da Boavista. Alguns recordam os tempos passados como sendo o expoente máximo da felicidade, “naquela altura é que eramos felizes”, é talvez das frases mais referida. Pobres mas felizes. Destes tempos apenas ficaram meia dúzia de

imagens e mais umas quantas memórias para quando curiosos, que apareçam no bairro queiram saber mais sobre o bairro.

Ainda sobre o projeto e as decisões tomadas, o uso do texto (ou não) que apoiou as imagens, foi intencional. Algumas das legendas surgiram em conversas com os moradores, como o lavar roupa em tanques, os jardins que eram tão bonitos, a casa que tinha amor, os vizinhos que se conheciam e ajudavam. Assim foi-se buscar, pequenas partes de canções populares, para traduzir o que foi dito nas conversas. Outras legendas, serviram para esclarecer o que estavam a ver, como a solução que foi encontrada para arranjar a estrada. E por fim, optou-se por outras imagens sem qualquer legenda possibilitando a imaginação e interpretação do recetor. Sem dúvida que o texto, ajuda a autenticar uma ideia, pelas respostas dadas no inquérito percebeu-se isso. Certamente não influenciou toda a gente, mas algumas pessoas sentiram a positividade que se queria dar, deste bairro.

O fotógrafo, sobretudo o que produz fotografias sociais, tem uma extrema importância e responsabilidade para com a sociedade do seu tempo. Poderá mostrar aos outros o que estes nunca pensariam poder existir, criando assim a curiosidade e a vontade de desenvolver cidadãos cada vez mais responsáveis e socialmente interventivos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### **Bibliografia**

Almeida, J. (1981). *Alguns problemas de teoria das classes sociais*, *Análise Social*, pp 231-25. Nº66.

Almeida, J. (1984). *Temas e conceitos nas teorias da estratificação social*, *Análise Social*, pp 167-190. Nº 81-82.

Almeida, J. (1992). *Exclusão Social: Factores e tipos de pobreza em Portugal*. Oeiras: Celta, pp 83-95.

AMAR, P.J. (2007). *História da Fotografia*. Lisboa: Edições 70.

Barthes, R. (2006). *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70.

Batchen, G. (1999). *Burning with desire: the conception of photography*. Cambridge, Mass.; London: The MIT Press.

Batchen, G. (2004). *Forget Me Not. Photography and Remembrance*. New York: Princeton Architectural Press.

Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio d'Água.

Benjamin, W. (1992). *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio D'Água.

Calvino, I. (s.d.). *The Adventure of a Photographer*. [Consultado em Outubro 2014]. Disponível em <http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CCcQFjAB&url=http%3A%2F%2Fbeauty.gmu.edu%2FAVT459%2FAVT459-001%2FCalvino.pdf&ei=bQkvVI6nCeHl7gbH0IDQCA&usq=AFQjCNHs-klDAy8DEDsxIVisUL1XF6U6UA&sig2=ZJZCQKnM1g3GQxHH2vGeTg&bv=bv.76802529,d.ZGU>

Cartier-Bresson, H. (2004). “El instante decisivo. In Fontcuberta”, J. (ed.). *Estética Fotográfica*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, pp. 221-236.

- CML & GEBALIS (1999). *Lisboa - O Outro Bairro. Os Provisórios do Estado Novo*. Cidades & Municípios Editora, Lda.
- Costa, A. (2008). *Sociedade de Bairro, Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*. Lisboa: Celta Editora.
- Craveiro, M. T. (2001). "Benfica na coroa periférica de Lisboa", in Magda Pinheiro, Luís V. Baptista e Maria João Vaz, *Cidade e Metrópole: Centralidades e Marginalidades*. Oeiras, Celta Editora, pp. 65-83.
- Dubois, P. (1992). *O Acto Fotográfico*. Lisboa: Vega.
- Ferreira, P.; Mendes, R.; Neves, L.; e Pereira, I. (2001). "Bairro da Boavista: Estratégias e modos de vida num bairro de risco", in Magda Pinheiro, Luís V. Baptista e Maria João Vaz, *Cidade e Metrópole: Centralidades e Marginalidades*. Oeiras, Celta Editora, pp. 241-251.
- Flusser, V. (1998). *Ensaio sobre a Fotografia. Para uma Filosofia da Técnica*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Freund, G. (2010). *Fotografia e Sociedade*. Lisboa: Editora Nova Vega.
- Lister, M. (2000). Photography in the Age of Electronic Imaging In Liz Wells (ed.) *Photography: A Critical Introduction*. Londres: Routledge, pp. 249 – 291.
- Gonçalves & Pinto (2000). Cidades - Comunidades e Territórios. *Os Bairros Sociais Vistos por si Mesmos: Imagens, Conflitualidades e Insegurança*. CET – ISCTE, pp. 101-111. Nº 1.
- Gonçalves & Pinto (2001). Cidades - Comunidades e Territórios. *Os Bairros Sociais Vistos por si Mesmos: Actores, Imagens Públicas e Identidades*. CET – ISCTE, pp. 111-131. Nº 3.
- Nicolau, R. (ed.) (2006). *Fotografia na Arte. De ferramenta a Paradigma*. Lisboa: Público; Porto: Fundação de Serralves.
- Mah, S. (2003). *A Fotografia e o Privilégio de um Olhar Moderno*. Lisboa: Colibri; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova.
- McLuhan, M. (1994, ed. original 1964). *Understanding Media – The Extensions of Man*.

Massachusetts: The MIT Press.

Oliveira, J. V. (2012). *Marketing Research – Vol. 1 – Investigação em Marketing*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.

Pinheiro, M.; Baptista, L. V.; e Vaz, M. J. (2001). *Cidade e Metrópole: Centralidades e Marginalidades*. Oeiras, Celta Editora.

Price, D. (1997). Surveyors and surveyed: Photography out and about in Wells, L. (ed.). *Photography: A Critical Introduction*. London: Routledge, pp. 57-101.

Rodrigues, J.S. (2001). "O Arranque da Metropolização na Margem Sul - Factores e Modos de Urbanização da Região de Almada (1935-1947)", in Magda Pinheiro, Luís V. Baptista e Maria João Vaz, *Cidade e Metrópole: Centralidades e Marginalidades*. Oeiras, Celta Editora, pp. 53-65.

Rodrigues, T. (2001). "A Maior Realidade Urbana Portuguesa", in Magda Pinheiro, Luís V. Baptista e Maria João Vaz, *Cidade e Metrópole: Centralidades e Marginalidades*. Oeiras, Celta Editora, pp. 7-17.

Santos, E.; Estivill, J. & Aires, S. (2007). *Primeiro Relatório do Observatório de Luta Contra a Pobreza na Cidade de Lisboa*. Lisboa: REAPN - Rede Europeia Anti-Pobreza / Portugal (Núcleo Distrital de Lisboa)

Sontag, S. (1977). *On Photography*. Nova Iorque: Rosetta Books, 2005.

Sougez, M. L. (2001). *História da Fotografia*. Lisboa: Dinalivro.

Wells, L. (1997). (ed) *Photography: A Critical Introduction*. London: Routledge.

## Fontes

Instituto Nacional de Estatística (2012). *Censos 2011 Resultados Definitivos – Região Lisboa*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. [Em linha]. [Consultado em Abril de 2015]. Disponível em [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine\\_censos\\_publicaca](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicaca)

o\_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub\_boui=156651739&PUBLICACOES  
modo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554

## Webgrafia

Agência Lusa. [s.d.]. *Bairro da Boavista*. [Em linha]. [Consultado em Junho 2015].

Disponível em [http://fotos.sapo.pt/lusa\\_](http://fotos.sapo.pt/lusa_).

Arquivo Municipal de Lisboa. [s.d.]. *Sala de Leitura*. [Em linha]. [Consultado em Junho

2015]. Disponível em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-arqweb/SearchResultOnline.aspx?search=BAIRRO%20DA%20BOAVISTA&type=PCD&mode=1&submode=0&useaut=0&page=3&res=0>.

Bairro da Boavista, Blogue. [s.d.]. *História do Bairro*. [Em linha]. [Consultado em Junho

2015]. Disponível <http://bairrodaboavista-lisboa.blogspot.pt/>.

Gebalis, (2015). *Bairros geridos pela Gebalis*. [Em linha]. Gebalis: Zona Sul.

[Consultado a Maio de 2015] Disponível em <http://www.gebalis.pt/moradores/OmeuBairro/DadosdeBairro/Paginas/Zona-Sul.aspx>.

Junta de Freguesia de Benfica. [s.d.]. [Em linha]. [Consultado em Junho 2015]. Disponível

em [www.jf-benfica.pt](http://www.jf-benfica.pt).

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. [s.d.]. [Em linha]. [Consultado em Junho 2015].

Disponível em <http://www.scml.pt/>.

Serém, M. do C. (2011) CEM Cultura, Espaço & Memória: Revista do CITCEM Edição

nº 2, pp. 183-192, Biblioteca Digital [Internet] Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id1349id2576&sum=sim>.

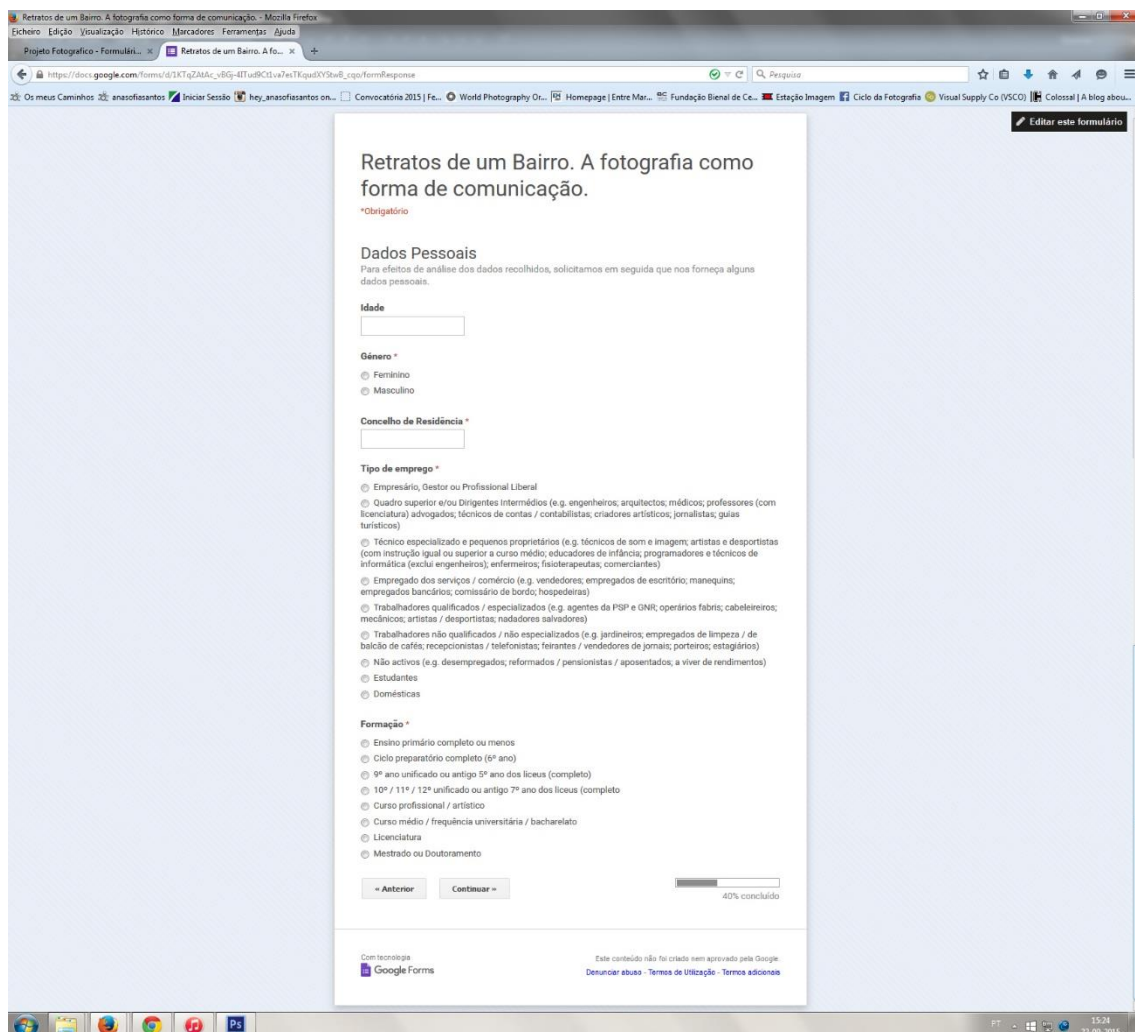
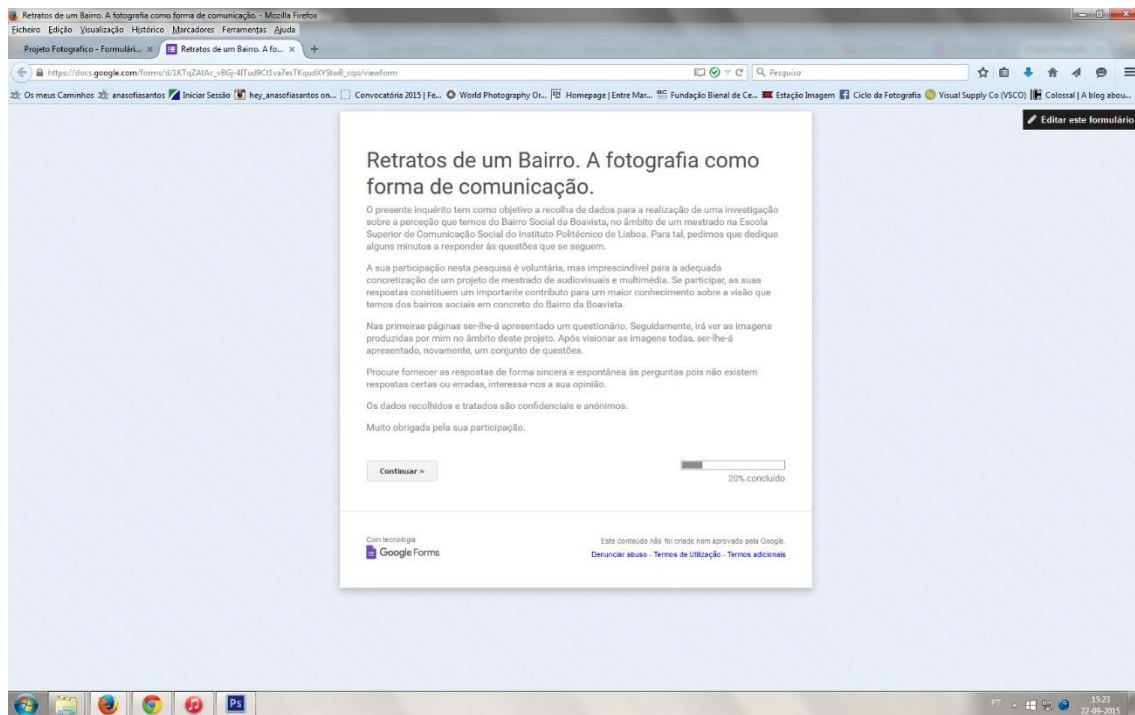
## **Videografia**

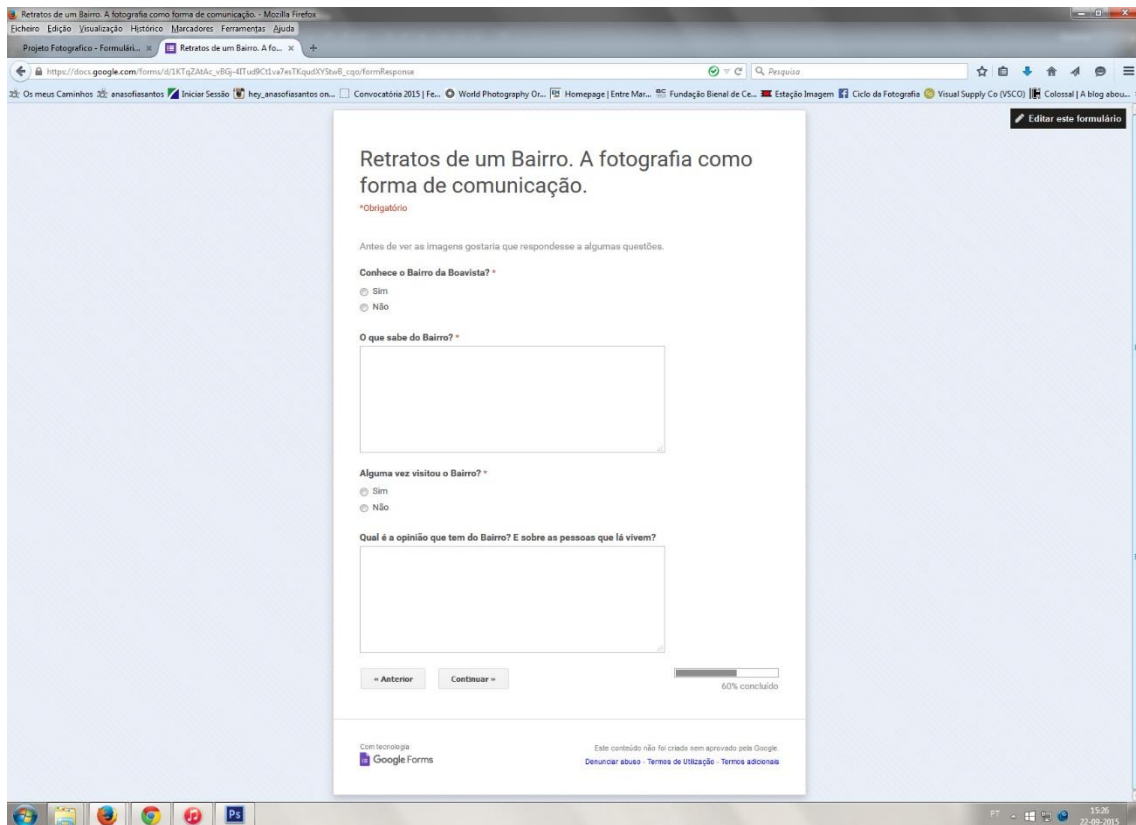
Junta de Freguesia de Benfica (2011). *A Historia do meu Bairro*. [Em linha]. .  
[Consultado em Março de 2015]. Disponível em  
<https://www.youtube.com/watch?v=FJwhVeq8F6Y>

## **ANEXOS**



# ANEXO I – QUESTIONÁRIO





Retratos de um Bairro. A fotografia como forma de comunicação. - Mozilla Firefox

Arquivo Edição Visualização Histórico Marcadores Ferramentas Ajuda

Projeto Fotográfico - Formulário - Retratos de um Bairro. A fo...

https://docs.google.com/forms/d/1KTqZAAIc\_vBQ-4ITu9C1v7esTKqudXY9wB\_cqo/FormResponse

Os meus Caminhos anasofasantos Iniciar Sessão hey\_anasofasantos on... Convocatória 2015 | Fe... World Photography Dr... Homepage | Entre Mar... Fundação Bienal de Ce... Estação Imagem Ciclo da Fotografia Visual Supply Co (VSCO) Colossal | A blog abou...



23.



= Anterior Continuar = 80% concluído

Com tecnologia Google Forms Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google. Denunciar abuso - Termos de Utilização - Termos adicionais

Retratos de um Bairro. A fotografia como forma de comunicação. - Mozilla Firefox

Arquivo Edição Visualização Histórico Marcadores Ferramentas Ajuda

Projeto Fotográfico - Formulário - Retratos de um Bairro. A fo...

https://docs.google.com/forms/d/1KTqZAAIc\_vBQ-4ITu9C1v7esTKqudXY9wB\_cqo/FormResponse

Os meus Caminhos anasofasantos Iniciar Sessão hey\_anasofasantos on... Convocatória 2015 | Fe... World Photography Dr... Homepage | Entre Mar... Fundação Bienal de Ce... Estação Imagem Ciclo da Fotografia Visual Supply Co (VSCO) Colossal | A blog abou...

[Editar este formulário](#)

## Retratos de um Bairro. A fotografia como forma de comunicação.

\*Obrigatório

Agora que viu as imagens, gostaria que respondesse a algumas questões.

**Gostou das fotografias? \***

**Houve alguma(s) que tenha gostado em particular? Porquê? \***  
 pode sempre voltar atrás e ver o(s) número(s) da imagem(s).

**Além deste conjunto de imagens imaginaria outras que retratassem igualmente o bairro e os seus moradores? Com que temas? \***

**Estas minhas imagens mudaram de algum modo a opinião que já tinha do bairro e das pessoas? Em quê? \***

= Anterior Enviar = 100% terminado.

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

Com tecnologia Google Forms Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google. Denunciar abuso - Termos de Utilização - Termos adicionais





# O MEU BAIRRO

**Chamo-me Ana Santos, sou fotógrafa e vou desenvolver um projeto fotográfico sobre o Bairro da Boavista. Pretendo registar as vivências quotidianas e as relações entre as gentes deste bairro. Este projeto pretende mostrar o bairro a todos quantos passam por ele diariamente e desconhecem a sua grande riqueza: as suas pessoas.**

**Se moras no Bairro da Boavista, podes fazer parte deste projeto!  
Basta enviares um email para [info@anasofiasantos.com](mailto:info@anasofiasantos.com)**

**Será realizada uma sessão de esclarecimento no espaço  
'Associação Moradores do Bairro da Boavista'.  
Conto contigo!**



## ANEXOS III – NOTÍCIAS (GEBALIS)

# sabia que...

### **73.º Aniversário do Bairro da Boavista**

O Bairro da Boavista comemorou no passado dia 25 de Outubro o seu 73.º aniversário.

Seguindo a tradição do Bairro, foi organizado um dia de actividades lúdicas e desportivas nas quais participaram os moradores.

Estiveram presentes ainda inúmeros convidados, representantes do Poder Local.

A noite terminou com a exibição da Marcha do Bairro da Boavista e com o Trio Arte e Show Jacinto Silva.

A ARMABB - Associação Recreativa de Moradores e Amigos do Bairro da Boavista organizou uma corrida de Rolamentos cujo principal objectivo foi voltar às actividades de antigamente.

No passado dia 1 de Maio, na principal rua do Bairro da Boavista, o povo saiu à rua para recordar os velhos tempos.

Para os cerca de 40 participantes, de todas as idades, foi um dia muito especial em que o convívio e a alegria aliados a antigas recordações tornaram este dia inesquecível.

Os carrinhos foram preparados e construídos pela Comissão

de Festas do Bairro da Boavista, liderada por Bela Rebelo, também membro da direcção da ARMABB, por Dino Balão, Vítor Correia, Antonio Ramos e Manecas. Estão de parabéns todos os participantes e em especial os vencedores: D. Adélia, de cerca de 60 anos e o Tio Garcia, com quase 70 anos.

A realização desta iniciativa só foi possível pela excelente parceria que a ARMABB mantém com a Junta de Freguesia de Benfica, com os mais diversos pelouros. A ARMABB agradece ao Vogal do Desporto e à Polícia Municipal.

Ao longo de oito meses, o projecto "COOPETIR", promovido pela Lisboa E-Nova com a colaboração da Associação de Moradores do Bairro da Boavista e financiado pelo Programa "Boavista Ambiente+" tem vindo a desenvolver um inovador projecto de sensibilização ambiental com a participação de 100 famílias do Bairro da Boavista cujo objectivo é adoptar comportamentos mais sustentáveis ao nível doméstico.

Os moradores participantes tiveram formação sobre os consumos de água, luz e gás e na leitura de contadores.

O projecto finalizou com a entrega dos prémios de participação, um cartão presente do Hipermercado Jumbo no valor de 25,25€. As três famílias vencedoras nas três categorias, água, electricidade e gás, pela poupança obtida ao longo do projecto receberam um cartão presente do Hipermercado Jumbo no valor de 250€.

Os prémios foram entregues pela Vereadora da Habitação, Paula Marques, e pelo Vereador da estrutura Verde e da Energia, José Sá Fernandes.

# Rampas de acesso no Bairro da Boavista



Os Lotes 14, 16 e 24 da Rua Rainha D. Brites no Bairro da Boavista têm a partir do final do mês de Julho uma nova aparência, fruto das obras de requalificação levadas a cabo pela GEBALIS, que tiveram por finalidade a construção de rampas de acesso aos referidos lotes.

Na sequência dos pedidos e do empenho da Associação de Moradores e na sequência do diálogo interinstitucional levado a cabo pelo Gabinete de Bairro da Boavista junto dos parceiros, foram construídas, no início do mês de Junho, rampas de acesso com vista à melhoria das acessibilidades

de pessoas idosas e de pessoas com mobilidade reduzida.

Os trabalhos realizados pela Direcção de Conservação do Património ficaram agora concluídos e irão sem dúvida diminuir as dificuldades de acesso aos lotes, através da eliminação das escadarias inclinadas, o que poderá facilitar não só o acesso regular às habitações, assim como outros acessos em situações de emergência. A GEBALIS continua assim, no âmbito da sua responsabilidade social, a diminuir barreiras arquitectónicas que limitem a mobilidade.

## Visita de delegação brasileira ao Bairro da Boavista



A obra nas fachadas dos prédios do Bairro da Boavista, pelo seu carácter inovador, continua a atrair a visita de técnicos nacionais e estrangeiros.

No passado dia 28 de Outubro de 2013, realizou-se uma visita técnica às Empreitadas 19 e 20/GEBALIS/2012 (Empreitadas de requalificação e melhoria de desempenho ambiental dos lotes 11 a 26 do Bairro da Boavista, no âmbito do projecto Eco-Bairros), contando com a participação da GEBALIS, SECIL,

Fiscalização e Coordenação de Segurança em Obra (Sacramento Campos Projectos e Serviços S.A.), GABIP – Boavista, APFAC (Associação Portuguesa dos Fabricantes de Argamassas de Construção) e delegações Brasileiras compostas por Técnicos afectos à Associação Brasileira de Argamassas Industrializadas (ABAI) e Associação Brasileira de Produtores de Cal (ABPC).

Esta visita teve como objectivo o acompanhamento das diversas fases de execução do Sistema de Isolamento Térmico aplicado pelo Exterior com vista à melhoria do desempenho ambiental dos edifícios recorrendo à utilização de materiais ecológicos. A utilização de materiais ecológicos por sua vez tem por designio, dar resposta à necessidade de melhoria no desempenho térmico das habitações e no conforto dos habitantes.



# ANEXOS IV – NOTÍCIAS (PÚBLICO, CORREIO DA MANHÃ E DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

## Cadáver de homem encontrado na mata de Monsanto

LUSA 24/07/2015 - 11:18

Corpo foi encontrado próximo do bairro da Boavista, em Lisboa. Homem terá cerca de 50 anos e é de nacionalidade brasileira.



Recomendar Compartilhar Tweetar G+1

### TÓPICOS >

PSP

Polícia Judiciária

Lisboa

O cadáver de um homem foi encontrado quinta-feira à noite na mata de Monsanto, próximo do Bairro da Boavista, na zona de Pina Manique, Lisboa, disse hoje fonte da PSP. De acordo com o comando metropolitano da PSP de Lisboa, o corpo do homem de cerca de 50 anos e de nacionalidade brasileira, foi encontrado já em estado de decomposição, o que, segundo aquela força de segurança, indicia que já estaria no local há alguns dias.

O alerta foi dado pela Guarda Florestal do parque do Monsanto, adiantou a fonte, que se escusou a comentar sobre se existem suspeitas de homicídio.

Segundo a mesma fonte, a Polícia Judiciária esteve no local e já tomou conta da ocorrência, prosseguindo agora a investigação.



Parque Florestal do Monsanto

24.07.2015 08:02

## Cadáver na mata de Monsanto

Corpo de homem com cerca de 50 anos.

O cadáver de um homem foi encontrado quinta-feira à noite na mata de Monsanto, próximo do Bairro da Boavista, na zona de Pina Manique, Lisboa, disse esta sexta-feira fonte da PSP.

De acordo com o comando metropolitano da PSP de Lisboa, o corpo do homem de cerca de 50 anos e de nacionalidade brasileira, foi encontrado já em estado de decomposição, o que, segundo aquela força de segurança, indicia que já estaria no local há alguns dias.

O alerta foi dado pela Guarda Florestal do parque do Monsanto, adiantou a fonte, que se escusou a comentar sobre se existem suspeitas de homicídio.

Segundo a mesma fonte, a Polícia Judiciária esteve no local e já tomou conta da ocorrência, prosseguindo agora a investigação.

COMENTÁRIOS >

PARTILHAR 1000

TWEET 3

LER MAIS TARDE

ENVIAR RAPORAR

MAIS SOBRE

cadáver | Monsanto | Lisboa

## Única pista de BMX de Lisboa está a levar ao Bairro da Boavista pessoas de fora

Lisboa

13 DE OUTUBRO DE 2015  
09:03

Inês Banha



Temas

CÂMARA DE LISBOA

BMX

PORTUGAL



Câmara diz que equipamento é para ser usado por toda a cidade | FILIPE ANJORBH/CLUBAL IMAGENS

**Circuito em terra e asfalto, inaugurado no mês passado, tem 275 metros de extensão e é de acesso livre**

"Traz pessoas de fora para cá. É uma mais-valia." Carlos Custódio, diretor técnico da Piscina Municipal do Bairro da Boavista, sabe bem como, desde que há quatro semanas a primeira pista de BMX de Lisboa foi inaugurada mesmo ali ao lado, houve famílias inteiras que passaram a frequentar, principalmente ao fim de semana, a urbanização de habitação social. "Os miúdos do bairro vão muito para ali, em vez de andarem aí a andar de bicicleta na rua", acrescenta, com um sorriso. O acesso ao equipamento com 275 metros de extensão é livre.





## ANEXO V – CONVERSA COM A MORADORA MAIS ANTIGA DO BAIRRO

